

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

MICHELLI MACHADO

**BOLETIM ‘A FAMÍLIA DA POMPÉIA’:
CONSTRUINDO IDENTIDADES CULTURAIS EM PARCERIA COM OS
IMIGRANTES**

Porto Alegre

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

**Boletim ‘A Família da Pompéia’:
Construindo identidades culturais em parceria com os imigrantes**

Michelli Machado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientação:
Prof^a. Dr^a. Karla M. Müller

Porto Alegre

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação
“Boletim ‘A Família da Pompéia’: construindo identidades culturais
em parceria com os imigrantes”, elaborada por Michelli Machado,
como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em
Comunicação e Informação.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Dr^a Denise Cogo/UNISINOS

Prof^a. Dr^a Denise Jardim/UFRGS

Prof. Dr. Valdir José Morigi/UFRGS

À minha mãe Nilva, ao meu pai Celito e ao meu
namorado Marcelo, pelo carinho, estímulo e
confiança, sempre.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão da bolsa de estudo, que possibilitou a realização do mestrado com dedicação exclusiva.

À professora e orientadora Karla M. Müller, por sua imensa capacidade de orientar sem aprisionar, indicando caminhos sem impor, permitindo assim meu crescimento como pesquisadora e pessoal.

Aos párocos Giovanni Corso e Joaquim Filippin, responsáveis pelo CIBAI, por me acolherem e me auxiliarem muitas vezes ao longo desses dois anos.

Aos imigrantes, Beatriz Varela Fernandez, Leopoldo Alberto Arqueros Gallo, Maria Doris Laza Salinas, Miguel Rodriguez Cammarota e Rosina Marzano Bianchimano, pela atenção e valiosíssima colaboração, sem a qual não teria sido possível realizar este trabalho.

À minha família maravilhosa e a todos os amigos com os quais dividi as inquietudes de um mestrado e os momentos de descontração que também compõem essa jornada, entre eles Alexon Gabriel, Cybeli Moraes, Denise Cogo, Eleci Renner e Paulo Roberto Fernandes, sem vocês teria sido muito difícil.

“Eis o que é a nostalgia: uma dança lenta e circular. As lembranças não se organizam cronologicamente, são como fumaça, de tal modo mutantes e efêmeras, que se não tratarmos de registrá-las no papel desaparecerão no esquecimento...”

Isabel Allende, 2004

RESUMO

Essa dissertação busca retratar o perfil de uma publicação dirigida, de caráter comunitário, que se mantém forte e atuante junto à comunidade imigrante ao longo de quatro décadas. Coordenado por padres da Igreja Católica, o Boletim do “CIBAI – Migrações” completou em 2005 seu 35º aniversário. Sua história é cheia de idas e vindas e reflete muitas identidades de diversas culturas. Através da construção de histórias de vida dos imigrantes receptores do Boletim é possível contemplar a trajetória do veículo tendo como pano de fundo o cotidiano de imigrantes de diferentes nacionalidades que compõe ‘A Família da Pompéia’. Os depoimentos dos imigrantes selecionados para a construção das histórias de vida apontam para os principais elos entre o Boletim e seus receptores. Esses vínculos englobam questões identitárias, religiosas e culturais. Néstor García Canclini e Jesús Martín-Barbero são autores basilares na tentativa de entender o processo de comunicação desenvolvido por esta mídia ao longo de sua trajetória.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração. Comunicação dirigida. Identidades culturais. Cidadania

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to portray the profile of a directed publication, which has a communitarian character. It has been strong and acting along the immigrant community for four decades. The "CIBAI – Migrations" Bulletin, which is coordinated by the Catholic Church priests, reached in 2005 its 35th anniversary. Its history is full of goings and comings and it reflects many identities from various cultures. Through the making of the life stories of the immigrants that receive the Bulletin, it is possible to consider the trajectory of the vehicle having as background the routine of the immigrants from different nationalities which makes the "Pompéia Family". The selected immigrants' reports for the making of the life stories indicate the main links between the Bolletim and its receivers. These links engage identity, religious and cultural matters. Néstor García Canclini and Jesús Martín-Barbero are the basic authors in the effort of understanding the communication process developed by this media through its trajectory.

KEY WORDS: Immigration. Directed communication. Cultural identities. Citizenship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CONTEXTUALIZAÇÃO	16
1.1 Um breve panorama da imigração no mundo	16
1.2 Mídia e imigração	20
1.3 A construção de uma comunicação diferenciada	26
2. CIDADANIA E IDENTIDADE CULTURAL	36
2.1 Um breve panorama histórico	36
2.2 Discutindo conceito de cidadania	38
2.3 Clandestinidade x Cidadania	41
2.4 Cidadania imigrante: uma questão sociocultural	45
3. QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO	54
4. ESTUDO EMPÍRICO	70
4.1 Análise do Boletim	70
4.2 Construção das Histórias de Vida	84
4.2.1 O campo como ele é	85
4.2.2 A vida como ela é	91
4.3 Índices para análise e interpretação	103
4.3.1 Vínculos com o país de origem	104
4.3.2 Sentidos que ligam o imigrante ao Boletim	105
4.3.3 Memória de imigrante	107
4.3.4 Ser imigrante	109
4.4 Sob o ponto de vista dos imigrantes	110
4.4.1 Resgatando o Boletim	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	124
OBRAS CONSULTADAS	130
ANEXOS	132

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Página 04 do Boletim de 1970, escrita em italiano	72
Figura 2 – Página 03 do Boletim de 1980, escrita em castelhano	74
Figura 3 – Capa do Boletim de 1990	78
Figura 4 – Página 03 do Boletim de 2000, escrita em castelhano	81
Figura 5 – Contracapa do Boletim de 2005	83
Tabela 1 – Vínculos, sentidos, memória e ser imigrante	103
Figura 6 – Italianos vêm conhecer Porto Alegre	111
Figura 7 – Festa dos bolivianos	112
Figura 8 – Festa de integração	113
Figura 9 – Festa de integração, texto de Silvia e Leopoldo	113
Figura 10 – O Rincão dos latino-americanos	115
Figura 11 – Presos imigrantes atendidos pelo CIBAI	117
Figura 12 – Despedida a uma imigrante	118

INTRODUÇÃO

Curiosamente, o que mais me fez falta naqueles anos de auto-exílio foram as estações da minha pátria. No verde eterno do trópico senti-me profundamente estrangeira. (Isabel Allende, 2004, p. 209)

A importância dessa pesquisa, que trata da história do Boletim ‘A Família da Pompéia’, dá-se devido ao tempo que a publicação vem sendo veiculada e aos traços identitários que tornam o Boletim relevante para muitos imigrantes de distintas nacionalidades. Estudar a mídia dirigida de caráter comunitário e sua relação com as imigrações é essencial para descobrirmos os vínculos identitários¹ que ligam tais receptores a esse tipo de meio, os quais ajudam a articular o grupo entre si.

Até o momento as pesquisas sobre imigração têm privilegiado o estudo da construção midiática das migrações, como as pesquisas de Denise Cogo (2004) - que trabalhou a questão dos fluxos migratórios no contexto brasileiro na sua interface com os processos midiáticos; Teun Van Dijk (1997) - que trabalhou a questão das imigrações nos periódicos dos Estados Unidos e de países europeus, como a Holanda; Nicolás Lorite Garcia (2004) - que pesquisou a imigração na Espanha sob a perspectiva da mídia audiovisual; Isabel Ferin Cunha (2003) - que estudou a imigração em Portugal, levando

¹ Sempre que se falar de vínculos nesse trabalho, entenda-se como vínculos identitários.

em conta as imigrações antigas e recentes e as mudanças na Lei de Imigração veiculadas por dois jornais diários. Esses estudos são alguns exemplos de como o tema vem sendo tratado.

Também, outras mídias, como a televisão e o cinema estão voltando seu olhar sobre esse assunto, o que referenda a importância desse fenômeno na sociedade contemporânea. Os filmes: “O tempero da vida²” e “Exílios³” tratam diretamente com a questão cultural das migrações e com os sentimentos e as visões sobre o mundo que os imigrantes têm. A novela “América”, veiculada pela Rede Globo no ano de 2005, também trata do mesmo tema, mostrando a questão da ilegalidade e das diferenças culturais entre os países envolvidos na trama: Brasil, Estados Unidos e México⁴.

O cenário acadêmico atual mostra-se carente de pesquisas que busquem entender a relação dos veículos de comunicação dirigida na perspectiva da dinamização sociocultural⁵ dos imigrantes. Iniciei estudando essa realidade em uma monografia de conclusão de curso (MACHADO, 2003), no entanto, o tema é bastante vasto e não foi possível abarcar todos os aspectos de interesse de pesquisa. Dessa forma, a dissertação, aqui apresentada, procura dar prosseguimento à caminhada, enfocando a comunicação dirigida aos imigrantes. No entanto, ao eleger o Boletim do “CIBAI – Migrações” como objeto de estudo, procura-se focar a relevância desta mídia e seus vínculos com os receptores durante suas quatro décadas de existência.

² O filme conta a história de um garoto grego que vive em Istambul, na Turquia, vai morar em Atenas e anos mais tarde retorna a Istambul. (2003).

³ O filme relata a vida de um músico e sua amada que fazem uma viagem até a Argélia, país de onde seus pais emigraram décadas atrás. (2004).

⁴ Embora esse não seja o tema central dessa pesquisa, é importante relacionarmos a atualidade desse assunto na sociedade contemporânea, que além de gerar um estudo como o apresentado aqui, gera, também, discussões em fóruns bem mais amplos, como uma televisão de canal aberto e as salas de cinema de todo mundo.

⁵ Conceito trabalhado por Nicolás Lorite Garcia (2004) e também em outros textos seus, sobre o fenômeno migratório na Espanha.

O presente estudo terá como consequência, indicativos que levam a uma reflexão dos processos comunicacionais de um veículo de comunicação dirigida representativo no contexto sociocultural gaúcho.

Perante o cenário pré-conhecido, pretende-se compreender as relações de dependência e sustentação entre o Boletim e seus receptores, e as transformações dessa publicação dirigida frente à pluralização do perfil dos imigrantes estrangeiros estabelecidos ou em circulação no estado do Rio Grande do Sul. O “CIBAI – Migrações” atende imigrantes há mais de três décadas⁶, dedicando-se inicialmente ao trabalho com italianos e ampliando posteriormente para imigrantes latino-americanos e demais etnias.

Estudar a evolução e a recepção de uma mídia dirigida de caráter comunitário poderá abrir caminhos para a avaliação das publicações impressas que constituem uma das principais estratégias deste tipo de entidade, além de favorecer a integração dos imigrantes e sua visibilidade à sociedade receptora.

O primeiro capítulo busca fazer uma retrospectiva de como a imigração tem sido vista ao longo das últimas décadas. Para tanto aborda o tema sob vários âmbitos, de mundial até local. Além dessa breve contextualização, este capítulo também busca situar o leitor sobre a relação mídia e imigrações e como a comunicação comunitária e dirigida têm sido importante para divulgar os assuntos de interesse deste grupo na sociedade contemporânea atual.

⁶ O CIBAI - Migrações atende a imigrantes desde 1958, mas o boletim ‘A Família da Pompéia’ é produzido desde 1970.

O segundo capítulo procura aprofundar-se em conceitos-chaves para o entendimento do fenômeno migratório contemporâneo. Cidadania e Identidade Cultural⁷ são temas mais profundamente explorados nesse capítulo, ainda que já mencionados anteriormente. Devido à abrangência de tais conceitos, pensou-se ser mais prudente dedicar um capítulo exclusivamente para tratar de suas complexidades. Junto com estes temas será abordada a importância da integração do imigrante à sociedade de acolhida para que esse possa exercer a cidadania cultivando sua identidade.

O capítulo três trata, de forma mais teórica, os conceitos que envolvem a imigração e a comunicação dirigida de caráter comunitário, a fim de estruturar a parte empírica do trabalho através da compreensão de tais conceitos. Para tanto, dialoga com teóricos como Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero e Jaques Léon Marre, entre outros.

O quarto capítulo é o estudo empírico no qual o leitor conhecerá o Boletim 'A Família da Pompéia' e poderá visualizar suas alterações com o passar dos anos. Esse capítulo também faz uma análise das edições do Boletim, aqui estudadas e transcreve os trechos mais relevantes das histórias de vida dos imigrantes. Ao focar a construção das histórias de vida, o capítulo relata pontos de suma relevância observados durante o trabalho de campo, e o que foi mais marcante para os imigrantes no que se refere à ligação deles com o Boletim. Também são traçados índices de análise sobre como os imigrantes se sentem diante do novo país e os vínculos que ligam esses atores sociais a uma publicação de caráter comunitário.

⁷ Toda vez que for referido o termo identidade nesse trabalho, deve ser entendido como identidade cultural.

O principal fruto desse estudo deve ser para os comunicadores e para a sociedade, uma vez que o trabalho preencherá uma lacuna que existe no que diz respeito à mídia dirigida. Além disso, a discussão aqui apresentada poderá servir como auxílio para o “CIBAI – Migrações” e para os próprios imigrantes, no sentido de estimular sua participação no Boletim, contribuindo para que expressem e fortaleçam, de forma ainda mais marcante, suas identidades.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Talvez o lugar de que me sinto saudosa jamais tenha existido. Como vivi muito tempo fora, tenho tendência a enxergar as virtudes e a esquecer os traços desagradáveis do caráter nacional. (Isabel Allende, 2004, p. 215)

1.1 Um breve panorama da imigração no mundo

Pessoas que saem de seus países em busca de uma vida melhor. Essa talvez seja uma das muitas formas de caracterizar os imigrantes, sujeitos que fazem parte da paisagem urbana contemporânea e que desempenham papéis importantes nos setores econômicos e culturais. Eles colorem o nosso país com as cores de suas bandeiras e as peculiaridades de sua cultura, assumindo as nossas tradições como suas e nos emprestando um pouco de sua diversidade cultural. São vistos, como estrangeiros originários de países pobres à procura de trabalho e melhores condições de vida, afirma Isabel Ferin Cunha (2003). No entanto, não é só a pobreza que caracteriza as migrações contemporâneas.

Segundo Cristina Blanco (2000), são três as tendências do fenômeno migratório no mundo contemporâneo: crescimento constante do volume de migrantes, ampliação das redes migratórias e diversificação dos tipos migratórios. Para a pesquisadora, as dificuldades de medição dos movimentos migratórios se dão devido a vários fatores que, mesclados entre si, surgem como obstáculos à elaboração de um diagnóstico preciso da situação. Para ela, a primeira dificuldade é encontrada no próprio processo, já que os movimentos migratórios constituem um processo de grande dinamismo, o que dificulta sua quantificação em um momento determinado.

Blanco também salienta que existem tendências sociais, culturais e grupais, que mantêm diferenças dentro de cada sistema. Para a autora, as adversidades econômicas, a busca de liberdade religiosa ou expressão política são fatores que favorecem esses deslocamentos. Assim como são as diferenças de salários e nível de vida entre as diferentes regiões do mundo que possibilitam que certos imigrantes vejam baixos salários como generosos, se comparados com os de seu país de origem.

Nos níveis mais baixos do mercado de trabalho, as possibilidades de mobilidade ascendente são muito reduzidas atualmente. Os empresários requerem para estes segmentos do mercado de trabalho um tipo de trabalhador que existe pouco entre os naturais deste tipo de sociedade: os que desempenham um lugar de trabalho em troca de um salário exclusivamente (sem se importar com o *status* social). Este tipo de trabalhador se encontra com mais facilidade entre os estrangeiros procedentes de países menos desenvolvidos. (BLANCO, 2000, p.67)

Segundo Rosana Baeninger (2001), o final dos anos 80 e o início dos anos 90 revelaram enormes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais em âmbito internacional. As mudanças advindas do processo de reestruturação da produção implicam na mobilidade do capital e da população em diferentes partes do mundo. O Brasil começa também a se inserir nesse novo contexto das migrações internacionais, retomando no final do século XX a imigração estrangeira proveniente do ultramar. Essas novas modalidades migratórias representam, no cenário da globalização, a necessidade de reavaliação dos paradigmas para o entendimento e conhecimento das migrações internacionais no mundo. Nesse sentido, é que as novas modalidades migratórias não são mais caracterizadas por sua expressão numérica, mas por sua representação sociocultural dentro da nova sociedade da qual os imigrantes passam a fazer parte. A importância do fenômeno migratório reside hoje mais em suas especificidades e em seus impactos diferenciados do que no volume de migrantes envolvidos nos

deslocamentos populacionais.

A região que constitui hoje o Bloco Mercosul, nas últimas décadas, apresentou mudanças no quadro de tendências migratórias. O aumento da mobilidade populacional entre os países limítrofes, o crescimento do número de migrantes indocumentados e a expressiva emigração para a Europa e para os Estados Unidos, são fatores que constituem o novo cenário migratório da América Latina.

Segundo estudos feitos pelo Centro de orientação ao migrante (COMIG) (2001), as migrações fronteiriças são próprias da América Latina, devido às atividades comerciais e industriais nas zonas de fronteira. Tais movimentos estão presentes em quase todas as faixas de fronteira. Na América Latina, os movimentos de maior volume são os dos chilenos para a Argentina e os dos colombianos em direção à Venezuela. Com base nos mesmos dados, pode-se dizer que os fluxos migratórios intra-regionais de profissionais e técnicos de alta qualificação diminuíram. A desvalorização das moedas usadas entre os países latino-americanos e dessas moedas em relação ao dólar americano e às moedas européias, bem como as crescentes dificuldades para competir com outros mercados de trabalho e salariais, contribuíram para reduzir os fluxos migratórios dessa natureza dentro do continente.

Na presente etapa do processo de formação do Mercosul, a integração restringe-se às liberdades de circulação de capitais, de bens e serviços, e de produtos, sujeitos a um regime especial de comércio. O trânsito fronteiriço de trabalhadores entre o Brasil e os parceiros do Mercosul antecede a formação do mercado regional⁸.

⁸ Estima-se que aproximadamente 10 mil brasileiros cruzem diariamente a fronteira entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina).

Historicamente o Brasil esteve excluído dos processos migratórios entre os países da região devido ao cunho europeizante da política migratória brasileira e da capacidade interna de suprir as exigências de mão-de-obra do crescimento industrial.

Segundo Baeninger (2001), quando consideramos os estrangeiros vindos do Mercosul, os destinos diferenciam-se já no âmbito de cada país. Para os imigrantes de nacionalidade argentina, quase a metade deles têm como destino o estado de São Paulo, seguido por Rio de Janeiro e Paraná, despontando ainda os estrangeiros com destino à Bahia e Santa Catarina. Já os uruguaios dividem-se entre Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, emergindo como áreas de destino, no Brasil, os estados da Paraíba, Pernambuco e Bahia. Os paraguaios deixaram de ter São Paulo com principal destino e passaram a dirigir-se mais ao Rio Grande do Sul e ao Paraná.

Ainda há um árduo caminho a percorrer até que o direito de livre circulação de cidadãos e de trabalhadores se transforme em componente efetivo do projeto de integração regional do Mercosul. É preciso que os governos dos países que compõem o Bloco se atentem para a importância dessa questão, talvez, a chave para buscar a integração esteja nas práticas sociais e na mídia fronteiriça. A partir do momento que esses meios de comunicação se conscientizarem da importância desse tema, terá sido dado mais um passo, na busca por encontrar o caminho da verdadeira integração entre os países do Bloco.

1.2 Mídia e imigrações

Nem todos os imigrantes que chegam a um novo país o fazem por uma escolha pessoal. Muitas vezes, essa escolha se dá por falta de alternativa! “Sem opção de futuro em sua terra, os imigrantes chegam ao Brasil com muita esperança de recomeçar uma nova vida.” (BONASSI, 2000, p. 131)

As estimativas do contingente de migrantes internacionais no mundo, segundo Demetrios Papademetriou (2004) é de 175 ou 180 milhões de pessoas, sendo que, conforme o autor, esses números não incluem os que eram migrantes internos e agora são considerados imigrantes internacionais, uma vez que a União Soviética se fracionou num vasto número de países independentes. Tais dados mostram como é delicada a situação, de forma que é muito difícil estimar com exatidão o fluxo de imigrantes e os índices de imigração. Para Papademetriou (2004), a estimativa mais aproximada é de que entre 7 e 10 milhões de pessoas por ano migrem, sendo que dessas, aproximadamente 4 milhões conseguem o acesso, legal ou ilegalmente, às sociedades industriais avançadas

Vários grupos de imigrantes vieram para cá atrás de um sonho. No auge do processo migratório brasileiro, na década de 30, a imigração estava vinculada a fatores políticos e econômicos. A fim de que ocorresse um desenvolvimento industrial, o governo incentivou e patrocinou a vinda de europeus, procedentes da Alemanha, Itália, Polônia, Espanha e Portugal. Muitos imigrantes receberam terras ao chegarem no Brasil, revelando o caráter europeizante da política migratória brasileira da época.

Nas décadas que se seguiram (1940, 50 e 60) os imigrantes foram se estabelecendo em diversas regiões do país. No sul do Brasil, a presença maior foi de

imigrantes alemães e italianos que se fixaram no Vale dos Sinos e na Serra Gaúcha. Os europeus, como cita a pesquisadora Giralda Seyferth (2000) – com poucas exceções – estabeleceram-se no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, em sua maioria, submetidos ao sistema de colonização ou de colonato⁹.

Nos anos 70, as ditaduras e as crises econômicas também tiveram reflexo nas imigrações para o Brasil. Refugiados políticos e imigrantes limítrofes começaram a chegar em grande número ao país. Na década de 80, a maioria dos imigrantes que chegavam ao Rio Grande do Sul eram uruguaios, chilenos e argentinos. Anos antes, os rígidos regimes ditatoriais já eram responsáveis pela chegada maciça de latino-americanos ao estado. Apesar do processo de redemocratização desses países durante a década de 80, o fluxo de imigrantes no país continua nos anos 90, com uma marcante presença de ilegais. A partir desse momento, a imigração deixa de ser vista como um agente responsável pelo crescimento, como acontecia nas imigrações antigas, e passa a ter um caráter pejorativo.

As imigrações recentes, de latino-americanos dos países vizinhos, que iniciaram na década de 70 e que permanecem grandes ainda hoje, chamaremos de imigrações contemporâneas. E as imigrações antigas, que aconteceram na década de 30, 40, 50 com a chegada de europeus ao Brasil, chamaremos de imigrações históricas¹⁰.

Segundo pesquisa do CEPAM¹¹ de Porto Alegre, realizada em 1998, as principais causas das imigrações contemporâneas no Rio Grande do Sul, são a busca por trabalho e por uma vida melhor, a reunião familiar e os motivos pessoais, o estudo e a

⁹ Os “braços livres” que deviam substituir os escravos.

¹⁰ Essa terminologia usada para diferenciar as imigrações atuais e antigas foi criada pela pesquisa *Mídia Imigração e Interculturalidade* desenvolvida pela Prof. Dra. Denise Cogo, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos – São Leopoldo/RS)

¹¹ Centro de Estudos e Pastoral Migratória. (BONASSI, 2000 p. 147)

situação política do país de origem. Soma-se a isso o grande número de refugiados que procuram outras localidades devido a guerras em seus países. As dificuldades mais encontradas pelos imigrantes, segundo o mesmo levantamento, estão na documentação e trabalho, no idioma, nos costumes diferentes, na falta de amizade, na adaptação inicial e na falta de moradia¹².

Nesse novo prisma, sob o qual as imigrações contemporâneas estão sendo vistas - diferentemente das imigrações históricas - os imigrantes são tidos como negativos para as sociedades nas quais se estabelecem. Percebe-se que está presente aqui a questão sociocultural, uma vez que o imigrante contemporâneo é um ator social que confronta sua identidade com as dos países pelos quais circula ou onde fixa residência, de forma diferenciada do que acontecia nas migrações históricas.

Devido ao novo perfil que as imigrações contemporâneas tomaram nas últimas décadas, principalmente devido à implantação de governos ditatoriais e da intensificação de problemas econômicos e sociais, muitos latino-americanos dos países limítrofes dirigiram-se ao Brasil, em especial, à região sul.

Essa nova realidade impulsionou Cogo (2004) a realizar um estudo em torno das interfaces entre mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas, tentando visualizar, quantificar e perceber como aparece a presença de matérias sobre imigração na mídia impressa brasileira. A pesquisadora analisou o tratamento midiático sobre as migrações

¹² Estes dados foram coletados em pesquisa feita pelo sociólogo Ernesto Goeth, do Setor de Migrações da CNBB. Os imigrantes escolhidos para entrevistas foram selecionados de forma aleatória entre as fichas de endereços dos latino-americanos atendidos pelo Centro Pastoral. Ao todo, foram entrevistadas 378 pessoas de diversas nacionalidades. (BONASSI, 2000 p. 147)

contemporâneas em dez veículos nacionais¹³. O tema da pesquisa foi a representatividade das “*falas*” imigrantes no contexto midiático brasileiro de forma a investigar quais relações se fazem públicas através da imprensa e o que não é publicado. Os resultados afirmam que existe uma hierarquia de noticiabilidade e uma subvalorização do cotidiano desses imigrantes. Privilegiando aspectos quantitativos e macrossociais, a mídia constrói seus discursos em cima do processo migratório ajudando a configurar um imaginário estereotipado e negativo¹⁴.

Embora esse processo de construção social dependa dos conteúdos e da prática discursiva do jornalismo, devemos estar conscientes que essa construção acontece com a participação ativa dos receptores, nas diversas interações nas quais os indivíduos tomam parte na realidade da vida cotidiana. Ou seja, a notícia é uma realidade social construída, mas não é mais que *uma* das realidades que os indivíduos constroem cotidianamente.

Diante disso, é preciso avaliar não qual a mídia que mais publicou notícias, mas quais notícias foram mais publicadas e o que tornou tais acontecimentos dignos de serem noticiados, que critérios de noticiabilidade estão sendo usados por esses jornais. Segundo Marconi Silva (1998), os critérios para selecionar este e não aquele fato se deve à experiência histórica do próprio jornalismo. O que vendia mais ou que tinha mais repercussão, sempre foi mais valorizado, ou seja, os veículos de comunicação foram se especializando de acordo com públicos específicos.

¹³ Entre os meios analisados estão nove jornais (Folha de São Paulo, Zero Hora, Diário Catarinense, A Crítica, Correio Braziliense, Correio do Povo, Jornal do Brasil, O Globo, A Tarde) das cinco regiões brasileiras e uma revista de circulação nacional (Veja), formando um total de 1868 matérias publicadas sobre imigração num período de dois anos de coleta.

¹⁴ A pesquisa “Mídia, Imigração e Interculturalidade”, foi desenvolvida no PPGCOM da Unisinos. O projeto reuniu uma equipe de investigadores, entre doutorandos, mestrados e bolsistas de iniciação científica. Fomos integrante deste grupo como bolsista de iniciação científica, durante todo o processo.

A partir da noção de público em geral pode-se extrair cinco diferentes extratos de leitores. O público em geral pode ser dividido, primeiro, por uma grande massa de analfabetos e assim, sem interesse para o jornalismo impresso. Os apenas alfabetizados que se ligam mais a imagens e ilustrações. Em terceiro lugar aparecem aqueles que lêem com os sentidos e por isso o crime e o sexo são muito atraentes, assim como qualquer sensacionalismo (grupo baste grande). Temos depois os que lêem, mas não gostam de pensar. Ou seja, os que pensam que pensam e por último um pequeno grupo que realmente pensa. (SILVA, 1998, p.37)

Talvez isso explique o fato de muitas das notícias veiculadas enfocarem aspectos sensacionalistas que envolvam contravenção, sexo ou tragédia, como é o caso das matérias sobre prostituição, crimes cometidos por imigrantes e naufrágios. Dentre as notícias sobre criminalidade, há um enfoque bastante grande para os casos Saul Reis e Glória Trevi. Numa agenda de acontecimentos muito pulverizados, os dois casos somam, significativos, 2,1% dos episódios enfocados¹⁵.

Outro fator interessante observado por Cogo (2004) é a nomeação dos imigrantes a partir de seu pertencimento a grupos étnicos, como um dispositivo de noticiabilidade que serve para colocar em evidência a nacionalidade na construção midiática desse fenômeno. O tema imigratório só é visto de forma positiva em matérias que contam não um fato atual, mas algo ocorrido há muito tempo. Nas notícias que tematizam sobre a imigração histórica, principalmente de matriz européia, o imigrante é retratado como positivo para o país de acolhida.

A pesquisa realizada por Cogo também nos mostra que a Europa, principalmente a União Européia, continua sendo a grande matriz da enunciação sobre o processo de migração contemporânea. Até mesmo os jornais Zero Hora e Correio do Povo, veículos

¹⁵ Tanto no caso do imigrante brasileiro Saul Reis que matou uma americana de 13 anos, nos Estados Unidos, quanto no caso da cantora mexicana Glória Trevi que foi presa no Brasil, os dois crimes têm o sexo como pano de fundo.

em destaque no Mercosul, privilegiam notícias de imigrantes nos Estados Unidos e na União Européia em detrimento da imigração local, vinculadas aos próprios países que compõem o Bloco. Esses dados nos indicam a editoria Internacional / Mundo como o lugar em que o tema é mais veiculado, tendo um maior valor as notícias de longe do que as de âmbito local. Nos casos citados acima, o destaque é, normalmente, para a criminalidade e para a imigração ilegal. O mapeamento da incidência do emprego dos termos mostra que 20% das notícias sobre imigração citam a palavra ilegal/ ilegalidade e 8,7% fazem referência ao termo clandestino/ clandestinidade.

* * *

Nesse cenário de preconceito contra imigrantes, que o jornalismo explicita, entidades confessionais¹⁶ surgem com o objetivo de prestar assistência a esses atores sociais através do atendimento aos problemas mais imediatos – como a regularização de documentos – e elaboração de eventos, celebrações, festas – que contemplem a identidade cultural dos imigrantes e sua integração à sociedade brasileira. Neste sentido, o “CIBAI – Migrações” criou um Boletim trilingüe que serve de elo entre os imigrantes e o país que os acolheu¹⁷.

A entidade atua em duas frentes: relação com a grande mídia e produção de uma mídia própria. Este veículo de comunicação produzido pelo “CIBAI – Migrações” propõe-se a desempenhar um papel dinamizador, buscando integrar os imigrantes à nova sociedade da qual irão passar a fazer parte. Essa publicação é direcionada aos imigrantes e busca ouvir e dar voz a esses sujeitos. Na verdade o que o Boletim pretende é servir de palco para representar as inquietudes de quem chega a um país desconhecido. A

¹⁶ Organizações que atuam como ONGs, mas são denominadas de Entidades Concessionais ou Pastorais devido a sua ligação com a Igreja.

¹⁷ Mais especificamente ao contexto gaúcho.

publicação busca ser ponte entre esses atores sociais e suas angústias, permitindo que o enfrentamento de culturas possa se transformar em um agregamento de valores. Nesse sentido, o Boletim funciona como um veículo de comunicação de enfoque diferenciado, particular, uma vez que procura representar em suas páginas “a voz” desses sujeitos imigrantes.

1.3 A construção de uma comunicação diferenciada

Na falta de veículos de comunicação tradicionais que expressem as “*falas*” imigrantes, surgem publicações dirigidas, de caráter comunitário, para atender esse público, classificadas dentro do rol denominado comunicação popular¹⁸.

A comunicação comunitária é um trabalho de bastidores, para quem não busca os holofotes, mas a construção da cidadania. Nos veículos de comunicação comunitária, a participação é muito importante para legitimar o meio quanto ao seu caráter comunitário. Esse tipo de publicação não fala do local, mas do nacional e do internacional de forma diferenciada, enfocando a importância de tais acontecimentos para o âmbito local.

Cicilia Peruzzo (1998), afirma que as restrições à liberdade de expressão feitas pelos meios massivos estimulam o surgimento de instrumentos alternativos de comunicação nos setores populares. São publicações que não estão sujeitas ao controle governamental ou empresarial direto, diferentes daquelas da chamada “grande imprensa”. A autora, ao relatar o surgimento da comunicação popular no Brasil, diz que não é um fenômeno recente, mas só nos anos 70 e 80 é que ela aparece de forma mais significativa

¹⁸ Para Cicilia Peruzzo a comunicação comunitária é um segmento dentro da comunicação popular, que é um conceito mais abrangente. (1998)

na produção científica do campo da comunicação social¹⁹.

Não há um consenso quando se fala de uma comunicação feita de modo alternativo, uns entendem por ela só os jornais que tiveram origem na década de 70, como movimento de oposição. Outros incluem nessa categoria os jornais de igrejas e de partidos. E há ainda os que acrescentam os veículos de comunicação dirigida, como jornais sindicais e comunitários.

A pesquisadora descreve a comunicação popular como uma comunicação que têm as pessoas da comunidade como protagonistas. Segundo Peruzzo, a mídia comunitária tem o objetivo de divulgar assuntos de interesse da comunidade. Usando como estratégia a participação direta das pessoas do próprio lugar, sendo que o receptor pode se tornar emissor a qualquer momento, através de sua colaboração com o veículo. A mídia comunitária, normalmente, não tem anúncios publicitários, e são auto financiadas ou recebem doações. Seus produtores não são necessariamente profissionais em comunicação, mas cidadãos comuns.

A comunicação popular, ao abordar temas locais ou específicos, tende a despertar o interesse por parte da audiência, pelo fato de o conteúdo e os personagens terem relação mais direta com as pessoas. Os programas não são espetáculos a que se assiste, mas dos quais se participa. (PERUZZO, 1998, p.157)

Pela perspectiva de Peruzzo, uma das características em comum entre a mídia comunitária e as publicações veiculadas pelo “CIBAI – Migrações” é a abrangência

¹⁹ Em cem anos – de 1883 a 1983 - de 1.312 títulos. Apenas 21 versavam sobre a comunicação popular, enquanto no final da década de oitenta esse número subiu para 38, entre dissertações e teses, além de artigos para livros, afirma a autora.

reduzida. Esses meios de comunicação comunitária atingem, em geral, apenas uma parcela de leitores potenciais. Segundo a pesquisadora, um jornal ou um boletim informativo, por exemplo, chega a um número restrito de pessoas e, quase sempre, àquelas já “conscientizadas” ou sensibilizadas com a questão, muitas vezes devido à falta de recursos financeiros e da pequena tiragem.

Para Peruzzo (2003), não basta falar das coisas locais para que um meio de comunicação seja considerado comunitário. É importante que exista um vínculo da mídia comunitária com as identidades do grupo que representa e que ela se insira como parte de um processo comunitário, com compromissos com a realidade concreta de cada lugar. Por isso, a necessidade vista pelo “CIBAI – Migrações” de produzir um veículo de comunicação dirigido aos imigrantes, que respeite suas identidades.

Sob essa perspectiva, a mídia comunitária, assim como a dirigida, são aquelas que visam à mobilização social e a educação informal, por isso direcionadas a assuntos de interesse mais específicos dos segmentos sociais.

A comunicação dirigida diferencia-se dos meios de comunicação de massa devido a vários fatores. Um dos pontos que torna a comunicação dirigida diferente dos demais tipos de comunicação feitos pela “grande mídia” é que, normalmente os veículos de comunicação dirigida são direcionados a um público alvo específico, ou seja, o público de interesse no tema tratado pela publicação. Na maioria das vezes, os veículos de comunicação dirigida são criados como suporte de campanhas institucionais e educativas, mas em alguns casos também funcionam como uma espécie de mídia comunitária e/ou institucional.

O importante, segundo Peruzzo (1998), é que a publicação desenvolva uma programação com vínculo orgânico com a realidade local, tratando dos seus problemas, suas comemorações, suas necessidades, seus interesses e sua cultura. Ou seja, esses materiais precisam “falar” o que os grandes meios de comunicação, muitas vezes, não falam ou pluralizar “*as falas*” na esfera da mídia, deixando os atores sociais, nesse caso os imigrantes, participarem da produção dessas publicações. Estabelece-se assim um processo comunicacional educativo e transformador no qual, os destinatários passam a ser compreendidos em sua realidade e adquirem instrumentos capazes de transformá-la.

Diante dessa breve reflexão sobre mídia popular, comunitária e dirigida, podemos dizer que os boletins do “CIBAI – Migrações”, direcionados aos imigrantes, fazem parte dos veículos de comunicação dirigida, embora tenham caráter comunitário, uma vez que, em alguns momentos, esses conceitos se fundem.

A Paróquia da Pompéia, em Porto Alegre, onde funciona o “CIBAI – Migrações” tem um boletim chamado ‘A Família da Pompéia’, típico veículo de comunicação dirigida. A entidade que atende imigrantes desde a década de 50, em 1970 fundou este instrumento, e desde então vem, através dele, interagindo com imigrantes de distintas nacionalidades. O boletim ‘A Família da Pompéia’ tem como principais objetivos unir os imigrantes, preservar suas culturas e tradições, incentivar o sentido religioso e funcionar como um instrumento de comunicação comunitário, uma vez que serve de ligação entre os imigrantes de toda cidade, como se fosse uma publicação de bairro, visibilizando os problemas, necessidades e festas dos imigrantes engajados no “CIBAI – Migrações”. Esse veículo também desempenha uma função educativa, uma vez que trabalha a importância

cultural que a imigração traz consigo, refletindo diretamente no comportamento dos filhos dos imigrantes.

O Boletim é uma publicação que permite que o grupo mantenha suas características, sem forçar uma padronização, como acontece nos veículos de comunicação tradicional. O reconhecimento do Boletim, como um veículo de comunicação, por parte dos imigrantes, é o que estabelece os laços de identificação e o que confirma tal publicação como comunicação dirigida.

O Boletim do “CIBAI – Migrações” aproxima-se de seus leitores através de vários elementos, como a questão lingüística. O veículo é escrito em três idiomas diferentes: português, castelhano e italiano. Os três idiomas são trabalhados de forma equivalente em todo o Boletim, mostrando a preocupação de seus produtores com o respeito às diferenças. Pelo que foi possível detectar, no CIBAI o multiculturalismo pregado é respeitado e estimulado por todos os participantes²⁰.

‘A Família da Pompéia’, em 2005 completa 35 anos de existência²¹, tempo significativo quando se fala de um veículo de comunicação não-tradicional. O segredo do sucesso parece uma incógnita, no entanto, pode-se inferir algumas das causas que mantêm essa publicação em circulação até hoje. Uma delas, a mais fácil de ser percebida, é o fato de ter uma ligação direta com a Igreja Católica. Uma segunda possibilidade, menos clara, mas não menos representativa, é o fato de a sociedade estar cada vez mais fragmentada, e

²⁰ Característica observada através de visitas ao CIBAI, onde pode-se perceber a convivência harmoniosa entre a diversidade. Um exemplo são as reuniões nas quais cada imigrante fala em seu idioma de origem e todos se entendem.

²¹ O boletim ‘A Família da Pompéia’, nunca deixou de ser publicado, nem mesmo na época das ditaduras, quando o Brasil era comandado pelos militares, quando muitos dos imigrantes acolhidos pelo CIBAI – Migrações eram exilados políticos dos países limítrofes.

determinados segmentos sentirem necessidade de um veículo de informação mais pessoal, mais íntimo, mais dirigido.

Uma das características dos veículos de comunicação dirigida é levar a mensagem para um número limitado e conhecido de pessoas. A grande vantagem que essa característica traz consigo é a possibilidade de melhor ajustar-se aos gostos, necessidades e interesses do público. Outro fator importante é que nesse tipo de comunicação os receptores conhecem os produtores da informação (que no caso do Boletim do “CIBAI – Migrações” não são profissionais especializados em comunicação) possibilitando uma comunicação com um “retorno” mais imediato.

Os leitores expressam suas opiniões, satisfatórias ou não, diretamente para quem produz as publicações. Vale destacar que os veículos de comunicação dirigida podem ter diferentes formatos. Entretanto, no presente projeto, pretende-se focar especificamente os boletins escritos como “mine-jornais”, que é o caso da publicação ‘A Família da Pompéia’.

Para Waldyr Fortes (2003), os instrumentos de comunicação dirigida impressos são elementos imprescindíveis ao bom andamento das atividades empresariais. Ainda que o “CIBAI – Migrações” esteja longe de ser uma empresa, esta afirmação também se faz verdadeira quando pensamos ‘A Família da Pompéia’ como um instrumento de comunicação institucional. Quando o grupo é grande e heterogêneo, como é o caso dos imigrantes, torna-se fundamental que a palavra escrita seja utilizada, uma vez que, conforme afirma o autor, os materiais escritos asseguram uma durabilidade maior das informações veiculadas.

As publicações de caráter dirigido podem chegar até os receptores de diversas maneiras. ‘A Família da Pompéia’, conta com uma entrega personalizada. Alguns exemplares são entregues diretamente para os imigrantes, outros são postados individualmente para os imigrantes cadastrados na entidade. O Boletim também chega, via correio, às mãos de todos os bispos do Rio Grande do Sul, às casas do imigrante de São Paulo e Curitiba e às paróquias do interior do estado. Alguns imigrantes, ainda fazem uma distribuição diretamente a outros imigrantes que ainda não conhecem a publicação.

Além disso, o Boletim conta com um site na internet²², para facilitar o acesso dos usuários. Segundo Fortes (2003) esses meios modernos de comunicação, fornecem aos veículos de comunicação dirigida maior flexibilidade, rapidez e alcance. No caso específico do Boletim, o novo suporte em que circula esta mídia permite que parentes, em diferentes países, possam ter acesso ao Boletim. Dessa forma o veículo acaba servindo de rede para ligar imigrantes mesmo fora do Brasil e disseminar informações dos imigrantes que moram no Brasil para seus parentes e amigos que vivem geograficamente longe daqui, embora seu público específico não seja esse.

‘A Família da Pompéia’ conta com a participação dos receptores e com doações da comunidade e dos próprios imigrantes. O Boletim, que não possui um jornalista como profissional responsável, é feito pelos párocos, com a colaboração dos imigrantes.

Este fato faz refletir sobre o que discute Ciro Marcondes Filho, em *A saga dos cães perdidos* (2000), onde diz que o jornalismo é um terreno vago no meio de um jardim

²² www.paroquiapompeia.com.br

bem planejado de diplomas e de carreiras. Para o autor, isso justifica o fato de muitos optarem pela carreira de jornalista, buscando realizar seus sonhos de historiador, de político, de economista, de padre ou de cineasta, de romancista ou de juiz, de tira ou de poeta, uma vez que o jornalismo possibilita, através de suas editorias e reportagens, que seus profissionais vivam diversas realidades. No entanto, talvez, no Boletim do “CIBAI – Migrações”, aconteça justamente o contrário, ou seja, padres e imigrantes vivem, através dessa publicação, seu sonho de ser jornalista.

Embora o Boletim não seja um jornal, tem em seu dia-a-dia características do jornalismo. O Boletim tem periodicidade regular – é bimensal – e os textos publicados têm preocupação com a atualidade – são notícias para o público receptor.

No que se refere a esta questão, Néelson Traquina (2001) diz que as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento. Essa máxima também vale para pensarmos o Boletim, uma vez que, embora esse não seja regido por uma agenda jornalística, possui um sistema de agendamento. Em algumas edições há convites para eventos ou textos propondo determinadas atividades, que serão relatadas em edições futuras, muito semelhante à teoria do agendamento (*agenda-setting*) que norteia as rotinas jornalísticas, (Mauro Wolf, 1995). Ou seja, apesar do Boletim ser um veículo de comunicação dirigida, com caráter comunitário e não uma mídia tradicional, seu dia-a-dia, em muitos momentos, se parece com a realidade da mídia comercial, preocupada em atender estes aspectos.

‘A Família da Pompéia’ é um Boletim informativo, mas com dimensões reduzidas (4 páginas) e compõe - junto com a mídia tradicional - as publicações de

costumeiro consumo de um determinado grupo. Por ser um veículo dirigido a tais atores sociais (os imigrantes), o Boletim narra acontecimentos realizados pelo “CIBAI – Migrações”, como festas, missas, chás, etc.

Em entrevista²³ com imigrantes de diferentes idades, nacionalidades, sexo e padrão social, pode-se perceber que os principais sentidos que ligam estes atores sociais ao Boletim são: religiosidade, identidade cultural e veículo de informação entre os imigrantes (mídia local). Temática que será abordada mais adiante.

Alguns imigrantes já tinham um forte vínculo com a Igreja Católica em seus países de origem. O que fazem é manter este sentido de religiosidade em suas vidas. É como se a crença em um Ser Superior fosse a única coisa que se sustenta em qualquer lugar do mundo, ou seja, que permanece presente independente do território no qual possam morar. A religiosidade pode ser considerada como algo que mantém as raízes, que lhes dá segurança mesmo que eles estejam vivendo em um país que não seja o seu de origem.

Outro sentido bastante importante diz respeito à questão cultural da identidade lingüística. Muitos imigrantes lêem o Boletim procurando uma identificação com a língua, com a cultura e com as tradições de sua terra natal.

Um terceiro sentido que liga os imigrantes a este veículo de comunicação é justamente o que justifica sua importância como mídia dirigida. Para muitos, o Boletim serve como um canal de troca entre eles. É como se fosse um jornal de bairro, mas que

²³ Entrevistas abertas concedidas à autora desse estudo em outubro de 2004.

circula em toda cidade de Porto Alegre e, ao invés de falar só sobre um local, fala também de outros países, trazendo como protagonistas os imigrantes. No Boletim eles se vêem representados, são ouvidos e podem expressar muitas de suas idéias. Essa publicação serve um pouco para que os imigrantes se comuniquem entre si e fiquem sabendo o que está acontecendo na paróquia, nas festas e outras notícias de interesse específico do grupo. Funciona como um instrumento de intercâmbio de informações. Ao saber que o outro, semelhante a ele, está “logo ali”, o imigrante sente-se seguro, mais tranqüilo e confortado, mesmo distante de “sua terra” e de “sua gente”.

Na verdade, essa segurança que o Boletim busca transmitir aos imigrantes serve não só como base para manutenção de sua identidade, mas também como forma de construção de uma cidadania. E é a busca por entender melhor o que acontece com esse sujeito que migra - no que se refere aos direitos e deveres que passa a ter no novo país - que empurra essa discussão de identidade para o terreno da cidadania, uma vez que essa é parte integrante na construção da identidade cultural de um indivíduo.

2. CIDADANIA E IDENTIDADE CULTURAL

Quem parte de algum lugar, mesmo que volte, nunca retorna. (Mia Couto, 2003, p.45)

2.1 Um breve panorama histórico

A construção da cidadania é um processo lento e historicamente debatido. Não nos cabe julgar, hoje, se algumas pessoas são mais cidadãs, que outras, até porque, o processo de construção da cidadania é subjetivo e influenciado por muitas variáveis. No entanto, é impossível não notar, que “minorias²⁴”, ainda lutam por uma cidadania plena, que comece com o direito à igualdade.

A centralidade dessa dissertação é o imigrante, historicamente excluído das sociedades em que se instala, tendo muitas vezes sua identidade cultural sufocada, impedindo assim a construção de uma cidadania plena em seus direitos. Tendo em vista que a cidadania é um elemento constitutivo da identidade cultural, cabe a ela dar visibilidade à pluralidade de identidades que compõem a sociedade contemporânea, a fim de dinamizar esse processo de formação identitária e cidadã. No entanto, obter a cidadania nacional, não significa, necessariamente, adquirir a identidade daquele país.

Segundo Norberto Luiz Guarinello (2003), na Grécia, ainda na antigüidade, os que migravam perdiam sua cidadania original. Essa perda da cidadania original,

²⁴ A palavra “minorias”, usada aqui, na maior parte dos casos, não segue literalmente sua tradução, uma vez que não se refere a poucas pessoas, mas muitas pessoas com pouca representabilidade social. Entre esses grupos denominados “minorias” estão as mulheres, os negros, os imigrantes e os *gays*, entre outros.

representava também uma perda de identidade, uma vez que a cidadania de uma pessoa compõe sua identidade cultural. Nesse contexto, os imigrantes precisavam abandonar suas identidades para se incorporar como cidadão do Estado de acolhida.

Liszt Vieira (2001), faz uma breve retrospectiva, do que a cidadania representou historicamente. Concebida inicialmente apenas a restritos grupos de elite, homens ricos de Atenas e barões ingleses, do século XIII, a cidadania era uma regalia que poucos tinham direito. Só bem mais tarde, séculos depois, que esse direito foi estendido a grande parte dos residentes de um país, mesmo assim, durante muito tempo, continuou havendo restrições na extensão desse direito.

Diferentemente da Grécia, em Roma, desde a antigüidade, sempre se teve uma noção de cidadania, mais ampla e próxima do que se entende por cidadania hoje. Para os romanos, a liberdade era o fundamento essencial da cidadania, ricos, pobres e libertos tinham o mesmo direito de votar. Plebiscitos viravam leis e todas as medidas significavam grandes avanços para os direitos da cidadania. Segundo Pedro Paulo Funari (2003), ao menos em termos legais, havia igualdade entre os cidadãos livres.

Dentro da visão romana, os princípios basilares da cidadania eram a possibilidade de recorrer dos abusos e o amplo acesso à informação dos direitos, além é claro, do direito à liberdade. O conceito que vincula cidadania à liberdade inicia em Roma e torna-se ponto fundamental para a formulação da cidadania no mundo moderno.

A partir do momento que a cidadania adquire maiores proporções, as mudanças internas mais significativas se mostram através de grupos estigmatizados por etnia, raça, gênero e classe, que adquirem um reconhecimento como cidadão. Ainda que, muitas vezes, não possam usufruir de todos os benefícios que, a priori, teriam direito. As maiores transformações do ponto de vista externo, estão na possibilidade de pertença que se abre aos imigrantes, uma vez que, a partir do momento que a cidadania é encarada como algo extensivo a todas as pessoas, os imigrantes que chegam ao país adquirem o direito de se naturalizarem e dessa forma conquistam o direito de serem cidadãos.

2.2 Discutindo o conceito de cidadania

O conceito de cidadania é bastante amplo, mas pode ser definido como um conjunto de direitos e deveres, civis e políticos que fazem de uma pessoa um cidadão, membro de uma sociedade. Tal afirmação faz com que venha à tona, uma inquietante pergunta: Para ser um cidadão, é preciso sentir-se um cidadão? Para essa pergunta não existe uma resposta pronta, no entanto, segundo Vieira (2001), todos são considerados cidadãos, mesmo aqueles que não se acham em condições de exercer direitos políticos, pois não perdem os direitos civis.

Desse modo, os direitos e deveres da cidadania existem a partir do momento em que o Estado transforma essas normas em leis. Nessa visão, o que faz de uma pessoa um cidadão são suas relações de privilégios e obrigações com o Estado, ou seja, os processos sociais e culturais de cidadania, não são o que definem esse conceito.

José Murilo Carvalho (2004), retoma a construção da cidadania neste país em seu livro *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. O autor fala do conceito de cidadania plena, que combine liberdade, participação e igualdade para todos. Partindo dessa afirmação, já é possível perceber que muitas pessoas não desfrutam desses direitos. “Tornou-se costume desdobrar a cidadania em direitos civis, políticos e sociais. O cidadão pleno seria aquele que fosse titular dos três direitos. Os cidadãos incompletos seriam os que possuíssem apenas alguns dos direitos.” (CARVALHO, 2004, p.09)

Dentro dessa visão, os imigrantes seriam cidadãos incompletos, pois não desfrutam de todos os três direitos. No entanto possuem os direitos civis, que segundo o autor, são fundamentais à vida. Entre esses direitos encontram-se o direito à liberdade, à propriedade e à igualdade perante a lei.

Um importante elemento que encontra eco na política de integração é o conceito de cidadania cívica. Segundo António Vitorino (2004), esse conceito contribui para legitimação do processo de integração ao mesmo tempo, que fortalece o envolvimento das comunidades imigrantes e o sentimento de pertença.

Pelo viés das Ciências Sociais, a definição de cidadania se faz menos formal e restritiva. Nessa perspectiva, a cidadania é vista como um processo construído por uma infinidade de relações e não uma forma de *status*, que restringe todo o processo sociocultural da cidadania a algumas definições legais.

No entanto, independente do tipo de definição que se dê à palavra cidadania, é importante nunca perder de vista as noções de igualdade e respeito às diferenças que devem fazer parte desse conceito. Além da liberdade, que é historicamente parte fundamental para que alguém possa ser considerado um cidadão essa liberdade, segundo Funari (2003), pode ser definida como não submissão ou sujeição a outrem. O cidadão livre é aquele que não está sob o domínio de nenhuma outra pessoa e é, portanto, capaz de agir segundo seu próprio juízo. Devido a isso, conquista o direito a sua cidadania.

Victor Gentili (2002), fala de uma noção de cidadania que ultrapasse as fronteiras dos Estados Nacionais e consagre a noção de homem como cidadão do mundo. A idéia expressa pelo autor, enfatiza mais uma vez a questão fundamental da cidadania, que é o direito à igualdade. No entanto, é importante termos em vista que a igualdade de direitos ainda é uma utopia, numa sociedade tão desigual como a nossa e na maioria das sociedades capitalistas.

Na noção de cidadania, a qual Gentili se refere, a nacionalidade ligada ao território e ao poder de um Estado se dissipa. A cidadania nacional não teria o papel de transmitir identidade, uma vez que não há uma igualdade entre os cidadãos. Por isso, dentro de um Estado, a cidadania nacional não significa necessariamente identidade. Nessa perspectiva, mesmo os imigrantes que receberem o direito à naturalização, poderão continuar com suas identidades diferentes, mesmo que se torne um cidadão no país receptor. Ou seja, haverá um respeito à identidade trazida pelo imigrante e adquirida ao longo de sua trajetória, sem com isso privá-lo de exercer os direitos de cidadão na nova sociedade da qual passará a fazer parte.

Diferentemente dos conceitos que vinculam cidadania ao território, e a um conjunto de leis que ligam as pessoas ao Estado, estabelecendo direitos e deveres, civis e políticos, a visão de cidadania referida acima, busca uma valorização da cultura e da identidade do sujeito migrante. O respeito às diferenças e o direito à igualdade é a perspectiva dominante desse conceito. O que interessa é perceber como essas identidades são construídas através da cidadania. Tendo em vista que o processo de cidadania ocorre cada vez mais no campo social, as relações entre cidadãos, cotidiano e identidades, não podem ser relegadas. Cabe ao direito à cidadania permitir que a existência dessa pluralidade de identidades seja retratada, respeitando a questão multicultural intrínseca na realidade contemporânea.

Mas como assegurar cidadania a quem vive ilegalmente em um país? Outro problema que precisa ser lembrado quando se pensa no migrante como cidadão no país receptor, é que muitos migrantes vivem em situação clandestina, impossibilitando que constituam uma cidadania completa.

2.3 Clandestinidad x Cidadania

A cidadania é uma conquista árdua para muitos migrantes. Mesmo legalizados, um grande número, desses atores sociais continuam se sentindo excluídos dos direitos de cidadão. Uma vez que, muitos querem se inserir na sociedade receptora preservando suas identidades culturais, o que dificulta a aceitação do migrante pelo grupo.

Mas, o problema de inserção em um novo país se agrava mais quando existe o fator da clandestinidade por de trás da imigração. A exclusão, ou alguns modos de inclusão excludente, faz com que muitos imigrantes que não possuem vistos de residência, designados, como ilegais, clandestinos, ou sem papéis, tenham negados os direitos civis, políticos e sociais concedidos aos cidadãos.

Como já foi dito anteriormente, em uma grande medida, o que ajuda na formação de um imaginário negativo em torno das imigrações contemporâneas são os meios de comunicação. Ao divulgarem notícias sobre os imigrantes, a mídia normalmente se utiliza de elementos lingüísticos que contribuem para negação de uma cidadania plena a esses atores sociais. Ilegalidade, clandestinidade, indocumentado, tráfico humano, são palavras que comumente encontramos em matérias sobre o processo migratório contemporâneo²⁵. Esse estereótipo que envolve os imigrantes, principalmente os não legalizados, faz com que a cidadania não seja adquirida por muitos deles, que continuam vivendo em guetos, com medo de expressar suas identidades culturais e usufruir dos benefícios que teriam direito como cidadãos.

As imigrações sofreram muitas alterações com o passar do tempo. Uma das significantes mudanças está na temporalidade das migrações. Segundo Miguel Pajeres (2003), se há algum tempo se supunha que os imigrantes ficariam alguns anos no novo país e assim que possível retornariam ao país de origem, hoje se sabe que é cada vez maior o número de imigrantes que se torna morador definitivo do novo país. Muitos que iriam voltar ao país de origem para depois migrar de novo, ao invés disso estão trazendo seus

²⁵ Dados obtidos através do projeto de pesquisa *Mídia Imigração e Interculturalidade (2002-2004)*, desenvolvido pela Prof. Dra. Denise Cogo, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos – São Leopoldo/RS)

familiares para viver junto no país receptor. Essa reagrupação familiar em um novo país aponta para necessidade de buscar integrar esses atores sociais na sociedade receptora.

O autor trabalha com o conceito de integração sob dois pontos de vista. O primeiro deles fala da Integração Culturalista, que acontece pouco a pouco, a medida em que o imigrante vai se adaptando à sociedade de acolhida. O segundo conceito, denominado Integração Cidadã, preocupa-se mais com a igualdade de direitos e com a participação desse sujeito na nova sociedade. Para Pajeres, a Integração Cidadã contempla o fenômeno da imigração de forma mais adequada. Segundo o pesquisador, essa integração deve ocorrer sob dois prismas: do imigrante com a sociedade e da sociedade com os imigrantes.

As imigrações produzem múltiplas mudanças em uma sociedade. Mudanças na paisagem urbana, nos movimentos sociais e culturais, no desenvolvimento dos bairros e nas atividades festivas. Aparecem zonas comerciais distintas, horários distintos, novos espaços e formas de lazer, novos lugares de culto, etc. A tudo isso deve adaptar-se a sociedade receptora para assegurar uma integração que seja necessariamente mútua. (PAJERES, 2003 p.101)

Para continuarmos refletindo sobre esse tema, agora sob o viés da integração dos imigrantes na sociedade, é importante ressaltar a necessidade desses indivíduos se adaptarem às formas de vida no novo país, sem perder sua própria identidade cultural, tentando fazer parte da comunidade nacional. Essa, por sua vez, deverá desenvolver ações para facilitar o acesso dos imigrantes aos serviços e processos participativos. Dessa forma, esses sujeitos se tornaram cidadãos na sociedade de acolhida, com direitos e deveres, como as pessoas naturais daquele país.

Nas primeiras fases de sua chegada, os imigrantes buscam vínculos do tipo comunitário, com pessoas também vindas do mesmo país que eles, para que possam, junto com seus “iguais” entender melhor a nova sociedade e estabelecer vínculos com esse novo universo sociocultural existente. Sob esse ângulo, o Boletim estudado nessa dissertação serve de elo para que imigrantes recém chegados encontrem seus compatriotas. Da mesma forma que a publicação busca integrar esses sujeitos à nova sociedade, também estimula a manutenção das raízes e o cultivo das tradições e cultura oriunda de seus países de origem.

Para Pajeres, os imigrantes ainda não têm os mesmos direitos e deveres que os demais cidadãos do mesmo país, pois em alguns momentos é exigido desses atores sociais que cumpram mais normas que os demais cidadãos. Em outras ocasiões o grupo estaria autorizado a não cumprir determinadas leis por ser estrangeiro. Na verdade, o autor afirma que para que haja uma integração social é necessário eliminar as estruturas discriminatórias e segregacionistas geradas pelo próprio país.

Tendo em vista que os imigrantes se incorporam ao novo país em situações distintas do resto da população, muitas vezes em condições piores do que o grupo mais desfavorecido daquele país, isso gera tendência à discriminação, uma vez que os imigrantes estão, normalmente, em situação de inferioridade. É necessário, segundo Pajeres, que os governos invistam mais em políticas sociais e ações dirigidas aos imigrantes que busquem diminuir a discriminação e assegure a esses, o *status* de cidadão com direitos e deveres iguais ao restante da população nativa do país.

Na construção de uma integração intercultural, em que os imigrantes possam incorporar valores culturais da sociedade de acolhida sem abandonar os seus, as questões

de domínio e submissão devem ser abandonadas. Assim cada pessoa poderá construir a sua identidade cultural juntando os fragmentos que julgar importante, mantendo certas referências e adquirindo novas. Essa pluralidade de identidades e diversidade cultural favorece a sociedade receptora que agrega mais criatividade ao terreno cultural aceitando os valores trazidos pelos imigrantes.

2.4 Cidadania imigrante: uma questão sociocultural

Muitos são os desafios causados pela presença sociocultural do imigrante. Segundo Magherita Bonassi (2000), esses atores sociais estão conscientes de que não são apenas problemas para a sociedade receptora, pois trazem consigo valores, como trabalho, cultura, idéias, experiências e convivências novas. Obviamente, o termo cultura não se limita à criação artística ou folclore, mas abrange todos os aspectos da vida: materiais ou espirituais, simbólicos ou técnicos, econômicos ou sociais.

Para a pesquisadora, que trabalha com imigrantes latino-americanos no Brasil, o fato desses indivíduos, muitas vezes, se colocarem contra os artigos restritivos da Lei do Estrangeiro, não significa uma oposição negativa à nova sociedade. Pelo contrário, de forma diferenciada, mostra que se sentem parte dela e querem participar com suas contribuições diferentes. Ou seja, essas reações provam que os imigrantes se sentem cada vez mais cidadãos brasileiros, e para isso não pretendem abandonar suas identidades, mas incorporar sua cultura na sociedade brasileira, numa relação de troca, onde a palavra cidadania se reflete em suas ações.

O fenômeno migratório é muito mais complexo do que um mero deslocamento de massas. De acordo com António Vitorino (2004), ele estende as suas ramificações às áreas do emprego e desenvolvimento e alerta também para algumas tendências econômicas e sociais. Atualmente, segundo o autor, o caráter das imigrações mudaram, e as imigrações econômicas começam a juntar-se em grande número àquelas resultantes da reunificação familiar. Também a preocupação dentro da União Européia está se modificando. Hoje, os europeus dão maior atenção à tentativa de integração dos imigrantes. Devido ao crescimento populacional decrescente na Europa os fluxos migratórios continuarão a ser uma constante, não só pelas condições existentes nos países de origem, mas também pelas necessidades sentidas no mercado de trabalho. No entanto, ainda há muito, o que se fazer, até que realmente haja uma política de integração que abarque toda a problemática que envolve as migrações contemporâneas. Um exemplo disso são os recentes protestos realizados por imigrantes, ocorridos na França, que mostram a fragilidade das políticas de integração e o descontentamento de imigrantes e seus descendentes, por sentirem-se discriminados no país onde escolheram viver²⁶.

O grande desafio, na busca da integração do imigrante como cidadão, está em tentar integrar as comunidades imigrantes nas sociedades nas quais se inserem. O CIBAI, através de eventos culturais e do próprio Boletim, vem tentando ser este elo, entre imigrantes e o novo país. Ou seja, inserindo esses atores sociais à nova sociedade sem negligenciar suas ligações com os países de origem.

²⁶ PARIS em chamadas. *Veja*, Rio de Janeiro, nº45, edição 1930, ano 38, p. 90-91, 09 jul. 2005.

Para Vitorino (2004) é importante não esquecer que na luta por obtenção de direitos de cidadão, como a participação econômica, social e cultural, os imigrantes também recebem deveres, que fazem parte das normas da sociedade que os acolheu. Essas normas devem ser respeitadas.

O grande problema para entender os imigrantes como cidadãos, é que, geralmente, as pessoas que se interessam por esse tema não vêem os imigrantes como cidadãos, e não têm maior interesse pela imigração cultural embutida nesse processo de deslocamento territorial. No entanto, esse fenômeno é cada vez mais claro, e pode ser observado através de uma curiosa migração de ritos e de componentes culturais das culturas de origem de que as pessoas foram desenraizadas. Essa afirmação apresenta os imigrantes não como seres passivos, mas como pessoas das quais devemos esperar mais do que apenas adaptação ou assimilação.

Sob esse prisma Jorge Vala (2004), diz que ao falar de uma integração o que se busca manter são aspectos importantes da identidade cultural de origem e ao mesmo tempo desenvolver relações com a sociedade de acolhimento e adotar comportamentos e valores dessa sociedade. “[...] a integração corresponde a uma estratégia que associa o respeito pela identidade dos imigrantes e a aceitação de que estes adotem os valores nucleares da sociedade de acolhimento.” (VALA, 2004, p.52)

Nas migrações contemporâneas, está presente a questão sociocultural, que faz do imigrante um ator social que confronta sua identidade com a da sociedade em que se estabelece. Esse é o grande desafio que o fenômeno migratório impõem ao mundo hoje,

saber conviver com as diferentes identidades. Pois, com a chegada de imigrantes, não emigram somente braços para o trabalho, ou refugiados à procura de proteção por causa de guerras e opressões. São pessoas que se movem e, com elas, emigram culturas, religiões, tradições, hábitos e costumes, que fazem da sociedade receptora um mundo de pluralismos e com ligações globais. Esse processo, forma um novo cidadão com deveres e direitos, que acolhe o que tem de novo sem excluir suas origens.

Vala (2004), destaca que embora se verifique algumas ambigüidades nas atitudes face ao diferente, estudos indicam que preferimos a semelhança à diferença. Um estudo realizado no Canadá mostra que a maioria dos canadenses considera que os imigrantes devem ensinar os filhos a conservar a sua cultura, o que indica uma abertura à diferença. Mas estas mesmas pessoas preferem imigrantes europeus, o que indica uma preferência pelo o que é semelhante. Para o autor, quanto maior a percepção de diferenças culturais, mais provável que haja discriminação. Porém, a assimilação pode trazer o medo da semelhança e a ameaça à distinção identitária entre os grupos, uma vez que uma parte importante de nossa identidade deriva da nossa pertença a grupos sociais.

Segundo Néilson Brissac Peixoto (1998), o indivíduo contemporâneo é um passageiro metropolitano em permanente deslocamento, num movimento cada vez para mais longe e cada vez mais rápido. De fato, se observarmos a evolução humana de uma forma distanciada, veremos que falar de imigrantes não é simplesmente falar de estrangeiros, mas de todos que observam suas cidades sob um novo olhar. Por isso, é importante nos preocuparmos com o que se modifica dentro da cultura popular, como o folclore, as tradições e os conceitos de cidadania dos povos. Com as migrações, as pessoas

reconstruem a relação da cultura com os territórios geográficos e sociais, bem como adquirem uma nova visão sociocultural das coisas que as cercam.

Segundo Cogo (2004), muitos desses atores sociais chegam aos países receptores como imigrantes econômicos e temporais e, nesse período, intensificam o reagrupamento familiar, o que acaba os transformando em residentes estáveis. Esse fato muda a estrutura dos grupos migratórios, aumentando a presença feminina e jovem nas comunidades imigrantes. Para a pesquisadora a imigração econômica é o tipo ideal para os imigrantes, pois os concebe como trabalhadores estrangeiros e provisórios. Mas, quando essa imigração se torna uma imigração de assentamento, a relação entre imigrante e país receptor muda, pois à medida em que as possibilidades de retornar a seu país de origem ficam cada vez mais remotas, essa imigração residente se torna reivindicadora de direitos e de cidadania.

A diversidade cultural que cresce globalmente impulsionada pelas imigrações, principalmente no pós-guerra, torna impossível uma cidadania homogênea. Esses atores sociais que chegam a muitos países modificam o perfil nacionalista, que em alguns momentos configura a cidadania, e tornam-se membros de diferentes sociedades. Esse processo começa com a chegada dos imigrantes aos países receptores e só se fecha, quando esses conquistam direitos de cidadão.

Nessa perspectiva, Roberto Da Matta (1987), afirma que tornar-se cidadão e ser bem recebido depende de duas variáveis. A primeira ligada à procedência do imigrante. Aqui, no caso do Brasil, imigrantes latino-americanos, têm muito menos prestígio do que

imigrantes europeus. Desde a chegada no país, a diferença de tratamento já pode ser observada: um francês certamente será melhor tratado do que um argentino, afirma o autor. Uma hipótese que justifica essas diferenças de tratamentos está ligada a uma questão histórica brasileira, que sempre viu o europeu como superior, por ser residente em um país de primeiro mundo, enquanto “*los hermanos*” da América Latina sempre foram vistos como subdesenvolvidos e tratados até com algum desprezo. O Brasil, que foi colonizado por europeus, construiu sua cidadania mantendo uma certa subserviência aos países ricos e assimilando com maior facilidade toda cultura trazida por esses países até hoje. Já a relação com os demais países da América Latina é mais de igualdade, por isso os imigrantes dessas regiões têm maiores dificuldades para serem aceitos e respeitados em sua cultura como cidadãos.

A segunda perspectiva que norteia uma imigração bem sucedida é para onde se vai. Segundo Da Matta, nos Estados Unidos existe o uso de um conceito de cidadania local como elemento de distinção. Por isso, num aeroporto, por exemplo, um imigrante terá uma lista de formalidades, que um nativo não terá, além disso, os norte-americanos têm um espaço privilegiado, uma área hierarquizada, ao passo que os demais seguem o caminho comum.

Segundo Viera (2001), existe uma aspiração de cidadania multicultural. Essa cidadania diferenciada, asseguraria direitos não só a indivíduos, mas a grupos, e seu foco central seria a diversidade étnica convivendo em harmonia em uma mesma sociedade que respeitasse as diferenças. É mais ou menos, o que os imigrantes, em sua maioria, buscam, desenvolver uma cidadania que não exclua, mas adicione a cultura trazida por eles de seus países, com os elementos incorporados em seu viver cotidiano na nova

sociedade. Ou seja, o que esses atores sociais querem é construir uma cidadania multicultural.

Segundo Cogo (2004), o aprofundamento da diversidade imposta pela imigração em nações como a norte-americana reflete-se na crescente resistência ao assimilacionismo ou a uma integração total por parte dos imigrantes, que são cidadãos provenientes de diferentes culturas. Uma importante mudança sociocultural, para a pesquisadora, é que os imigrantes mais recentes não querem romper com a cultura que os liga ao país de origem.

A identidade cultural do imigrante não busca excluir-se da sociedade que os acolheu, mas incluir-se a ela mantendo o respeito por sua trajetória cultural. Frente a essa perspectiva o que se procura é uma cidadania que não dê apenas direitos civis e políticos, mas que assegure, também, direitos culturais.

[...] a visão multiculturalista sustenta que a cidadania como identidade deve ter precedência sobre a cidadania como *status* legal. Passaríamos, assim, da *cidadania comum*, típica das sociedades liberais, a uma *cidadania diferenciada*, concedida aos grupos imigrantes. (Grifos da autora) - (VIEIRA, 2001, p.47)

Conforme Vieira (2001), existem algumas garantias de direitos - em geral direitos civis e sociais e não direitos políticos - assegurados aos imigrantes, uma vez que a imigração é um fenômeno contemporâneo, que está intimamente ligado com a perda e/ou a transformação da identidade e da cidadania. Embora, com a globalização e a universalização dos direitos humanos, tenha ficado mais simples conciliar os direitos à cidadania e à preservação das identidades, criando uma sociedade mais multiculturalista,

nem sempre esses direitos são respeitados. Diante disso, vale ressaltar que muitos imigrantes ainda são discriminados e desrespeitados quanto a suas identidades culturais. Essa privação dos imigrantes à cidadania, ainda acontece em todo mundo, mesmo assim isso não impede que o fenômeno continue crescendo e trazendo novos elementos culturais aos países de acolhida.

As imigrações têm produzido novas identidades nas sociedades receptoras. Javier Lucas (2003) fala das conseqüências que esse novo panorama social traz consigo e aponta para algumas transformações, como a redefinição da igualdade na fragmentação da cidadania e as transformações notáveis nas questões identitárias. Seguindo esse pensamento, Lucas (2003) fala de como se dá a construção das identidades, em um jogo de semelhanças e diferenças, em um processo contínuo de formação, transformação e conservação. “As identidades culturais são precisamente estas relações, estas estratégias de adaptação e interação social.” (LUCAS, 2003, p.21)

Segundo o autor, somos o resultado de muitos olhares diferentes, de diversas representações, e quando construímos nossas identidades estamos tentando integrar esses “pedaços” que constituem a nossa formação. As identidades, na verdade estão baseadas nas crenças, atitudes e comportamentos que os indivíduos comunicam ao grupo do qual fazem parte, uma vez que tais atitudes são peças chaves para incluir os sujeitos em um grupo ou desvinculá-lo de uma comunidade. Na busca por formar uma sociedade multicultural, é necessário procurar desenvolver uma democracia pluralista, dando reconhecimento à diversidade em lugar de negá-la.

Sobre esse aspecto, é importante não esquecer que alguns outros conceitos como cultura popular, recepção e comunicação dirigida/comunitária, também precisam ser pensados para o desenvolvimento teórico-metodológico do trabalho. O próximo capítulo contemplará esses conceitos.

3. QUADRO TEÓRICO – METODOLÓGICO

Eu me abria ao estado de profunda desorganização da minha verdadeira história e das minhas origens ao recolher seus fragmentos e tentar recompô-los de modo a formar uma ordem (Edward Said, 2004, p.23)

O marco teórico-metodológico orientador da pesquisa é bastante abrangente, uma vez que o projeto engloba imigrações, comunicação dirigida, recepção e identidades culturais. Mas alguns autores são basilares, entre eles estão: Jaques Léon Marre, Martin Bauer e George Gaskell, para pensar a metodologia; Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini, para pensar as identidades e a recepção; Mário Kaplun, para entender melhor o processo de comunicação e Yves Winkin para visualizar o trabalho de campo.

Marre é um autor fundamental na definição da metodologia a ser utilizada no trabalho de campo, uma vez que desvenda a técnica de história de vida em seu texto *História de vida e Método Bibliográfico* (1991). Para o autor, ao utilizar essa técnica, o pesquisador não estará reconstruindo o passado contínuo e sem rupturas, mas propondo uma reconstrução de histórias de vida com descontinuidades e rupturas ocorridas tanto em nível individual, como coletivo.

A construção de histórias de vida tem características básicas, segundo Marre. Entre elas está o fato de possibilitar uma leitura do social através de múltiplas histórias individualizadas. Para o autor, na perspectiva empírica, para a qual se pretende utilizar a história de vida como técnica de coleta de dados, é preciso notar a relação entre os sujeitos que serão parte do universo da pesquisa.

Não basta um número de indivíduos, é preciso que este número expresse de maneira diversa, mas inter-relacionada, a trajetória sócio-econômica do grupo social pesquisado, enquanto grupo diferente de um outro ou escolhido como exemplar. (MARRE, 1991, p. 111)

Para Marre, a história de vida abre perspectivas imensas e profundas de compreensão para análise daquilo que, recentemente, era considerado como subjetivo e que na realidade, teria um fundo extremamente objetivo. Basta que haja técnicas operacionais que possibilitem alcançar esses níveis de análise. Dentro dessa perspectiva, esse método bibliográfico busca, a partir da totalidade simétrica, que é o discurso específico do indivíduo, reconstruir uma experiência humana vivida em grupo e de tendência universal. Ou seja, a partir de um sujeito, pode-se descobrir as tramas que constituem e envolvem o universo de todo um grupo de indivíduos.

Segundo Meihy (2002), que trabalha com história oral, é difícil definir esta técnica, mas no nível material, história oral consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais, feitas diretamente de pessoa a pessoa, em fita ou vídeo. Tudo prescrito pela existência de um projeto. Como nas histórias de vida, também na história oral, o pesquisador recolhe testemunhos a fim de promover análises de processos sociais, favorecendo o estudo de identidades e memória cultural.

O que se pretende ao estudar o Boletim do “CIBAI – Migrações”, é, através dos relatos orais dos receptores da publicação, construir histórias de vida desses sujeitos e descobrir como o Boletim serve de alicerce na manutenção das identidades culturais desse grupo. Traçando assim, os vínculos entre os imigrantes e o Boletim que foram se consolidando no decorrer das décadas. Buscando a presença do passado no presente, que segundo Meihy, é a razão de ser de história oral.

Com uma vocação para tudo e para todos, a história oral respeita diferenças e facilita a compreensão das identidades e dos processos e de suas construções narrativas. Todos são personagens históricos, e o cotidiano e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que se trançam para garantir a lógica da vida coletiva. (MEIHY, 2002, p.21)

Na construção das histórias, a linguagem é sempre particularizada e suas influências são importantes para distinção das falas. Para Meihy, é de suma importância que o pesquisador respeite essas diferenças existentes nas entrevistas, pois não se pode tratar os depoimentos como se fossem todos iguais. O que acontece, normalmente, é que as pessoas contam suas próprias histórias mesclando várias situações narrativas, como humor e fatos trágicos. Para que esses relatos sejam o mais próximo possível da realidade, os tempos e as construções narrativas devem ser respeitados pelo pesquisador.

Por meio das histórias de vida busca-se olhar a sociedade através do sujeito, como se ele fosse uma janela para o mundo social. Segundo Francisco Checa (2002), as histórias de vida exaltam o processo de comunicação e desenvolvimento, uma vez que são um local onde se reproduz as visões e versões dos fenômenos pelos próprios atores sociais. Tanto a história oral como a história de vida são espaços que permitem, através de relatos, apontar interpretações qualitativas de processos e fenômenos históricos-sociais. Dessa maneira as histórias de vida se apresentam como um instrumento de reflexão teórica e prática metodológica, uma vez que se fala de documentos pessoais e registros biográficos obtidos nas entrevistas. Sendo assim, as histórias de vida se distinguem em: relatos únicos, relatos cruzados, e relatos paralelos.

Nesse trabalho são propostos relatos paralelos, uma vez que são várias histórias que ocorrem paralelamente com o desenvolvimento do boletim 'A Família da Pompéia'

como pano de fundo. “A história de vida descreve e interpreta o relato do ator social em seu desenvolvimento dentro do mundo de sentido comum e o modo como adquire sua bagagem cultural.” (CHECA, 2002, p.360)

Bauer e Gaskell (2002) ajudam a pensar a parte da análise, que muitas vezes torna-se um problema com o acúmulo de dados. Os autores expõem muitos tipos de análises possíveis de serem feitas no material coletado, entre elas a argumentativa, de discurso, retórica, semiótica e da fala. Através do texto desses autores será mais simples organizar o trabalho de estudo dos discursos entre as edições antigas e atuais do Boletim ‘A Família da Pompéia’. Para os teóricos, antes de pensarmos a forma de analisar, precisamos ter alguns cuidados com a amostragem da pesquisa.

Segundo eles, a construção da amostragem refere-se a um conjunto de técnicas para chegar à representatividade, e sua qualidade é medida pelo quanto ela não consegue abranger os elementos que devem ser pesquisados, como é o caso das edições do Boletim selecionadas para o estudo dos discursos apresentados ao longo dos anos. Devido ao grande número de edições já veiculadas do Boletim, e o tempo que se tem para pesquisa, optou-se por eleger como amostra, uma edição por década, e uma edição atual (2005), sempre do mesmo mês.

Estruturando a reflexão proposta pelo estudo recorreremos a Martín-Barbero (2003), uma importante referência teórica para pensar as questões sobre identidades. O autor trabalha com as identidades e a cultura popular, e fala sobre os “pedaços” que formam uma nação. Os imigrantes são alguns desses “pedaços” e sua vasta cultura e rica identidade não podem ser relegadas ou esquecidas, quando se busca pensar uma identidade

nacional. Martín-Barbero, também fala das misturas que formam um país, e menciona a busca de uma pluralidade étnica e cultural que vá ao encontro do processo migratório contemporâneo.

Segundo o autor, por muito tempo, no âmbito das ciências humanas e sociais, a cotidianidade foi desprezada e considerada insignificante. As práticas do viver cotidiano eram relegadas e muitos pesquisadores chegavam a conclusões a partir meramente de dados quantitativos. As especificidades de cada comunidade, de cada cultura, de cada sujeito eram irrelevantes frente a números totalitários. No entanto, cada vez mais essa tendência tem mudado e atualmente, muitas das pesquisas acadêmicas de cunho social são de caráter qualitativo.

Vários conceitos, paradigmas e teorias se diluíram frente à velocidade da sociedade contemporânea. Para Martín-Barbero, é necessário mudar de lugar, e observar os processos sociais no seu próprio local, a fim de construir um mapa sociocultural que sirva para o reconhecimento da situação das mediações dos sujeitos. No que se refere aos usos dos meios de comunicação, Martín-Barbero afirma que há uma gama de usos que se modificam de acordo com o hábitat, a classe e com as matrizes culturais, as quais, para o estudioso, são traços identitários autênticos de resistência.

O autor propõe analisar o processo comunicacional a partir das mediações em vez das clássicas instâncias de produção e recepção: “Resgatar o lugar da comunicação é resgatar o lugar das mediações; resgatar o lugar das mediações é resgatar o lugar da cultura” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 299).

Em vez de fazer pesquisa a partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 299)

Essa afirmação serve como “chave” para entender o funcionamento de uma mídia dirigida, em que produção e recepção são processos interdependentes e o estudo de um implica em voltar o olhar também para o outro. Martín-Barbero ao falar sobre o âmbito produção-recepção, afirma que para compreensão da natureza comunicativa é preciso ver o processo produtor de significação, não como uma mera circulação de informações e entender o receptor, não como um simples decodificar daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também como um produtor.

O receptor, segundo Martín-Barbero, não é um ser acrítico, como já foi pensado pelos frankfurtianos, mas alguém capaz de receber as mensagens propostas pelos meios e ressignificá-las segundo seus contextos socioculturais. Os processos de produção de sentido que envolvem os imigrantes são marcados por uma densa e ambígua experiência desses sujeitos receptores.

Para Pedro Gomes e Denise Cogo (1998), o conceito de recepção começou a mudar a partir da década de 80, quando grupos da América Latina resolveram fazer uma abordagem da recepção diferenciada do esquema tradicional e passaram a ver o receptor como um ser ativo, na interação com a mídia, e não passivo, como era considerado. A recepção passa a ser vista como um processo de ressignificação dos discursos propostos pelos meios de comunicação.

“A recepção proporciona aos sujeitos, diretrizes para atuar de acordo com uma representação generalizada do que entendem que se espera deles, o que eles pensam que é adequado fazer em um cenário específico”, diz Guillermo Orozco Gómez em *Dialética da mediação televisiva* (1999), no qual também afirma que, a mediação se origina de várias fontes, como cultura, política, economia, classe social, gênero, idade e etnia.

Por isso, a proposta de investigação aqui apresentada se propõe a desvendar o percurso histórico e o processo de recepção de um veículo de comunicação dirigida, como o Boletim do “CIBAI – Migrações”, levando em consideração fatores de mediação, como classe social e etnia, por exemplo.

Em busca de refletir melhor sobre comunicação popular e comunitária, Peruzzo (1998), nos ajuda a tematizar sobre o assunto de forma mais prática. A autora afirma que não devemos mitificar nem sobrevalorizar a importância dos movimentos sociais mesmo porque “o novo é em geral frágil – além de fragmentário – e pode desaparecer tão depressa como surgiu” (PERUZZO, 1998, p.17). Mas não é por acaso que brotam em toda parte experiências comunitárias, pequenos grupos de auxílio aos excluídos e ONGs em defesa das minorias. As entidades confessionais, além de seus aspectos religiosos e intervenção social, desenvolvem muito fortemente a dimensão de auxílio aos imigrantes, com a divulgação das migrações através de publicações comunitárias e populares. Estes veículos desenvolvem uma programação que tende a ter um vínculo orgânico com a realidade local, tratando dos seus problemas, suas comemorações, suas necessidades, seus interesses e sua cultura.

Kaplun (1998), também é uma referência teórica essencial para pensar a recepção do Boletim do “CIBAI – Migrações” pelos imigrantes, uma vez que fala dos meios de comunicação como instrumentos de educação. Essa educação, segundo o teórico, pode ser vertical e automática, como uma domesticação da pessoa, ou horizontal, com a participação do grupo.

São três os modelos comunicação/ educação, para o autor. Ênfase nos conteúdos – o objetivo é aprender, funciona com a transmissão de informações, a criatividade do indivíduo é bloqueada e o grau de participação é mínimo; ênfase nos resultados – o objetivo é agir, funciona através da informação e da persuasão, a criatividade do indivíduo é bloqueada e há uma pseudo-participação; ênfase no processo – o objetivo é pensar, a comunicação é feita através do diálogo, a criatividade é altamente estimulada e o grau de participação é máximo.

Muitas vezes, esses modelos não são puros, mas se misturam nas práticas concretas da comunicação dirigida de caráter comunitário. Segundo Kaplun, os atores sociais querem falar, querem uma comunicação democrática, na qual exista diálogo, que seja participativa e feita de maneira horizontal, em que haja uma consciência comum a serviço das maiorias. Na verdade, é esse trabalho que o Boletim do “CIBAI – Migrações” busca fazer: deixar os imigrantes falarem, por isso pode ser considerado um veículo de comunicação/ educação, uma vez que busca, através da publicação, manter valores, tradições e culturas.

Essa publicação, embora com tiragem pequena²⁷, tenta dar legitimidade aos imigrantes, permitindo sua participação não só como receptores, mas também como produtores, transformando o Boletim num veículo de grande interesse entre este público, pois trata de temas importantes para esses atores sociais, (muitas vezes, lançados por eles mesmos) além de servir de elo entre as comunidades imigrantes de diferentes nacionalidades.

Para a construção de uma identidade cultural imigrante, é importante observarmos o cotidiano desses atores sociais, suas vivências em grupos e sua constituição identitária, para percebermos o que eles mantêm de sua identidade de origem e o que incorporam do novo país no qual se estabelecem.

Outro importante autor que nos ajuda a pensar as identidades e refletir sobre espaços culturais de mesclas, onde existe uma série de culturas formando uma identidade híbrida, é García Canclini (1998). Segundo o autor, a cultura pode ser entendida como um local de produção simbólica. Ou seja, culturas diferentes podem ser legítimas, com tanto que se conceda às pessoas o direito a uma visão diferente, ou melhor dizendo, uma decodificação diferenciada.

Com o conceito de hibridização, García Canclini nos faz refletir sobre a noção de identidade cultural. A ênfase na hibridização encerra a pretensão de estabelecer identidades puras ou autênticas. Exemplificando essa noção, o autor afirma que não há uma identidade latino-americana, mas um espaço latino-americano com centenas de identidades. Ele opta pelo conceito de hibridização, que está vinculado a uma perspectiva

²⁷ Aproximadamente 700 exemplares por edição.

cultural, para diferenciá-lo do sincretismo, que se refere ao campo religioso, e da mestiçagem, mistura de raças que tipicamente aconteceu no Brasil.

O estudioso, na obra *Culturas Híbridas*, fala ainda de identidade cultural e cita o depoimento do mexicano, Gijjalbo, coletado em 1990, para ilustrar esta realidade.

Quando me perguntam por minha nacionalidade ou identidade étnica não posso responder com uma palavra, pois minha “identidade” já possui repertórios múltiplos; sou mexicano mas também sou chicano e latino-americano. Na fronteira, me chamam “chilango” ou “mexiquillo”; na capital “pocho” ou “norteño”, e na Europa “sudaca”. Os anglo-saxões me chamam “hispanic” o “latinou”, e os alemães me confundiram em mais de uma ocasião com turco ou italiano. (GARCÍA CANCLINI, 1998, p.302)

Esse depoimento ilustra, de forma bastante clara, o sentido de múltiplas identidades que muitos imigrantes possuem. Durante a construção das histórias de vida esse ponto se destacou muitas vezes, mostrando a relevância do tema na vida desses sujeitos.

García Canclini, fala também da necessidade de nos preocuparmos menos com o que se extingue na cultura popular do que com o que se transforma, como o folclore e as tradições de cada povo. Um exemplo disso são as migrações, onde as pessoas reconstroem a relação da cultura com os territórios geográficos e sociais, bem como adquirem uma nova visão sociocultural das coisas que as cercam. O pesquisador chama esse processo de desterritorialização.

García Canclini (2004) também diz que cultura não é apenas um conjunto de obras de arte, nem de livros ou objetos materiais carregados com signos e símbolos. Para o autor, cultura são os processos sociais, e parte da dificuldade de falar sobre ela se deriva do que se produz, circula e do que se consome na história social. Uma vez que um mesmo objeto pode se transformar através dos usos e reapropriações sociais e destaca que: “Ao nos relacionarmos uns com os outros aprendemos a ser interculturais”. (GARCÍA CANCLINI, 2004, p.34)

O que ocorre segundo o autor, é que atualmente, as condições de produção, circulação e consumo de cultura, não se processam em uma só sociedade. Mas, há uma reelaboração do setor cultural. Ou seja, não só dentro de uma etnia ou uma nação, mas em circuitos globais transpassando fronteiras e permitindo que cada grupo possa se abastecer de repertórios culturais diferentes.

A cotidianidade do sujeito passa a ser um “local” de investigação dos usos, consumos e práticas comunicacionais. Os usos sociais dos meios de comunicação começam a ser entendidos como uma prática de apropriação dos produtos midiáticos, os quais se distinguem de sujeito para sujeito.

Descobrir essas maneiras de apropriação é investigar o que os imigrantes absorvem, o que eles recebem e o que eles fazem com as mensagens e com os produtos midiáticos. Entender, portanto, como determinados grupos de imigrantes se apropriam de produtos culturais é afirmar que "cada objeto destinado ao consumo é um texto aberto que exige a cooperação do leitor para ser completado e significado" (GARCÍA CANCLINI, 2001, p.45). Já nessa época, o estudioso ressaltava que a partir das experiências e

competências culturais, é possível reelaborar, ressignificar e ressemantizar os conteúdos das mensagens midiáticas.

García Canclini (2001), ao falar do processo migratório contemporâneo, dá ênfase às problematizações causadas por essas mudanças, que envolvem estilo de vida, costumes, tradições e representações diferentes. Ainda que a globalização seja mais imaginada do que vivida, como sugere o autor, existem alterações importantes que esse processo acarretou. A mais relevante mudança, sob o ponto de vista dos processos migratórios contemporâneos, é que hoje as distâncias se encurtaram. Dessa forma ficou mais fácil manter os laços com o país de origem. Se antigamente, levavam-se meses para atravessar o mar, hoje levam-se horas. As distâncias entre os países tornaram-se mais curtas e as fronteiras mais tênues. Há cem anos, por exemplo, ia-se embora do país natal para a vida inteira, ou pelo menos para não voltar tão cedo, hoje, os imigrantes têm a possibilidade de voltar ao país de origem, com maior facilidade. Além disso, graças à internet, o contato com os amigos, com os familiares e com as notícias do país de origem, é um processo contínuo que não se interrompe, apesar das distâncias físicas e geográficas impostas pela imigração.

Essa superação de barreiras trazida pelas novas tecnologias não assegura aos imigrantes o retorno definitivo nem a preservação de suas raízes. No entanto, a busca por entender conceitos como o de identidade cultural e o de cultura imigrante envolvem a superação de obstáculos e o rompimento de alguns estereótipos. O Boletim do “CIBAI-Migrações”, serve de canal para ligar os imigrantes a outros imigrantes, formando uma rede de amizade, onde os costumes são preservados e as tradições mantidas, em comemorações que exaltam as identidades dos leitores dessa publicação.

Em seu livro, *Latino-americanos buscando lugar neste século*, García Canclini (2002) lança o seguinte questionamento: o que significa ser latino-americano? Essa pergunta gera distintas respostas, dependendo do momento histórico em que é feita. Segundo o autor, durante o século XIX e uma boa parte do século XX, cada pessoa pertencia a uma nação e a partir dali é que construía suas relações com os outros. Sabemos, no entanto, que os países da América Latina estão ligados pelas muitas convergências existentes em suas histórias, além da questão lingüística que envolve muitas comunidades.

Ao pensarmos a globalização, Lucas (2003) dá uma importante contribuição ao falar sobre um processo de interdependência acelerado pelas transformações tecnológicas. Para o autor a globalização produz mudanças no sistema produtivo gerando um maior número de deslocamentos com ausência de qualquer tipo de controle. Esses deslocamentos ampliam o número de imigrantes, porém esses atores sociais, muitas vezes, não se integram de forma social e política ao novo país. Lucas, afirma que nem os direitos fundamentais dos imigrantes nem o acesso desses atores sociais à cidadania ocupam o lugar que deveriam, em termos de legitimidade, junto às prioridades das políticas governamentais de imigração.

Uma vez que conheçamos a realidade das imigrações – complexa, global, plural - e não os fluxos que nós queremos receber, não os discursos sobre imigração que tantas vezes têm um propósito alheio ao conhecimento, necessitamos desenhar instrumentos de gestão dos fluxos e da presença das imigrações nos âmbitos que vão desde a primeira acolhida até as políticas de médio e longo prazo, desde a escola até a vivência, desde o papel dos sindicatos e das empresas até a administração pública e os meios de comunicação, etc. (LUCAS, 2003, p.83)

Sob a perspectiva dos imigrantes, de procurar no Boletim os vínculos com o país de origem, pode-se observar o sentido de retorno, dito por Abdelmalek Sayad (2000), como elemento constitutivo da condição imigrante. Para o autor, existem dilemas e conflitos subjetivos inerentes a todo aquele que se desloca de um universo cultural recebido por herança ao nascer, para outro em que é confrontado com o que se identifica *a priori*: “[...] era como se sentisse longe e perto à boa distância para pensar, desses dois mundos próximos e antagônicos, que lhe aguçava a razão e destravava a consciência da dor de estar submetido a todas as urgências.” (SAYAD, 2000, p.05)

Dentro desse sentido de retorno, existe também um outro sentimento: o de manutenção de identidade. Existe na condição imigrante, segundo o autor, uma necessidade de convencer os outros de que apesar de tudo, se é fiel a si mesmo, às suas origens, à sua identidade. Esse sentimento de fidelidade e conformidade à sua identidade em um contexto que parece levar, ao contrário, a rupturas, pode ser observado em muitos imigrantes, que apesar de inseridos em uma nova sociedade mantêm presente velhos hábitos.

A discussão sobre identidade desse projeto ganha uma nova perspectiva através dos autores Isabel Allende, em *Meu país inventado* (2004) e Edward Said, em *Fora do lugar* (2004). Dois imigrantes que falam de suas vidas, conflitos e identidades, em livros autobiográficos que têm as questões de ser um imigrante, de contrastar culturas e costumes e de manutenção de raízes como constante pano de fundo, como podemos comprovar nessas afirmações:

“Minha infância e minha adolescência foram marcadas por viagens e despedidas. Mal eu plantava minhas raízes em um lugar, era obrigada a arrumar as malas e partir para outro”. (ALLENDE, 2004, p. 137)

“Sendo eu um não-egípcio de incerta, para não dizer suspeita, identidade múltipla, habitualmente fora do lugar e representando uma pessoa sem nenhum perfil reconhecível e nenhum rumo particular.” (SAID, 2004, p. 99)

Outro autor fundamental para pensarmos as questões identitárias é Stuart Hall, também um imigrante na Inglaterra. Em seu livro “*Da Diáspora: Identidades e Medições Culturais*” (2003), o autor retrata as inquietantes e desconcertantes vivências dos povos na tentativa de entender suas identidades: “A identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas” (HALL, 2003, p.30). Diante dessa afirmação, é preciso imergirmos no campo, afim de que possamos entender melhor como essas múltiplas identidades se mesclam no dia-a-dia dos imigrantes.

Para compreender como funciona todo esse mecanismo do trabalho empírico de recepção junto aos sujeitos pesquisados, Winkin (1998) oferece uma importante colaboração. O autor propõe um referencial teórico-metodológico essencial para pensarmos a imersão no campo, uma vez que nos possibilita entender todo o universo empírico, esclarecendo as principais dúvidas que o trabalho de campo traz consigo. Segundo Winkin o trabalho de campo é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica, que consiste em saber ver, saber estar com os outros e consigo mesmo e saber

escrever. A etapa seguinte deste trabalho teve presente os ensinamentos de Winkin sobre o processo de imersão, necessário nas pesquisas de campo.

* * *

Para atingir os objetivos propostos pelo projeto de pesquisa foi necessário fazer um levantamento referente ao percurso histórico do Boletim do “CIBAI – Migrações” no cenário gaúcho, através de pesquisa documental nos arquivos da entidade. Após essa pesquisa documental prévia, fez-se um estudo dos discursos dos textos publicados e uma análise morfológica entre as edições antigas e atuais do Boletim no decorrer dos anos 1970, 1980, 1990, 2000, 2005²⁸. O estudo dos discursos servirá para analisar criticamente os processos de produção, circulação e recepção dos sentidos vinculados ao Boletim na sociedade, como sugere Milton Pinto (1999).

Num segundo momento buscou-se estabelecer a relação dos imigrantes com o Boletim do “CIBAI – Migrações”, enfocando a identificação do grupo com essa publicação, através da construção de histórias de vida, elaboradas a partir de entrevistas realizadas com leitores do boletim ‘A Família da Pompéia’. Com essa trajetória pretende-se responder que elementos funcionam como vínculos entre imigrantes no boletim ‘A Família da Pompéia’, capazes de tornar um veículo de comunicação dirigida valorizado, presente, forte e atuante junto à comunidade imigrante ao longo de gerações.

²⁸ O intervalo de tempo muda de 10 para 5 anos porque muitas das alterações no boletim ocorreram nos últimos anos.

4. ESTUDO EMPÍRICO

Emigrante
En la mano una maleta,
en tu interior el miedo,
un passaporte en el bolsillo,
en el outro unas monedas
y en el corazón
el deseo de trabajo.
Tu fuístes dejando raíces,
llegas buscando futuro.
Comienza a caminar
que ahora com dolor
naces de nuevo.
(‘A Família da Pompéia’ – julho de 1983)

4.1 Análise do Boletim

O Centro Ítalo Brasileiro de Assistência e Integração dos Migrantes – CIBAI atende a esses atores sociais desde 09 de julho de 1953, então com o nome de Hospedaria dos Migrantes. Na década de 70, para que fosse possível estabelecer uma comunicação mais efetiva junto a esses sujeitos, o CIBAI criou uma publicação que serviria de elo entre a Igreja e os imigrantes estabelecidos em Porto Alegre.

Desde sua primeira edição, em outubro de 1970, o boletim ‘A Família da Pompéia’, que na época de sua fundação chamava-se ‘Cibai – migrações’, conta com quatro páginas. Nesse período o Boletim tinha as três primeiras páginas em português e a quarta em italiano. A primeira página traz os horários de missa, a página dois relata a viagem do Padre José, provavelmente um dos padres responsáveis pela Igreja Nossa Senhora da Pompéia²⁹, além de trazer oferecimento de cursos nas dependências do CIBAI aos imigrantes. A terceira página funciona como um edital de casamentos. Também consta

²⁹ A Igreja Nossa Senhora da Pompéia, onde funciona a sede do “CIBAI – Migrações”, conta normalmente com dois e não um pároco, como a maioria das paróquias.

uma nota sobre o grupo de jovens e convite para reunião e missa. A última página, em italiano, fala de uma reunião dos ex-combatentes. Apesar da II Guerra ter acabado há 25 anos, os muitos italianos que saíram da Itália por causa da guerra continuam se encontrando e formam uma comunidade junto com seus amigos e parentes. Outra nota da página quatro é sobre a viagem do Padre José, desta vez em italiano. Também há um pequeno texto falando sobre o Dia de Súplica e sobre a possibilidade dos imigrantes receberem a visita do sacerdote em casa, caso esteja adoentado ou apenas tenha interesse em receber a visita.

A publicação, em uma visão geral, busca informar os imigrantes e estabelecer uma relação de parceria com os mesmos, que através das notas divulgadas sentem-se parte integrante da comunidade e de suma importância para o grupo. Ao escrever textos em italiano, o Boletim desperta o interesse de um grupo de italianos, que talvez não lesse a publicação, não fosse a utilização do recurso lingüístico. Um pessoal que sente muita falta do país natal e “mata suas saudades” através do CIBAI. Um exemplo claro dessa ligação que existe entre os imigrantes, proporcionada pela instituição, são os encontros de ex-combates, mesmo tanto tempo após o término da guerra. O que referenda a necessidade, por parte dos imigrantes, de preservar lembranças, costumes e suas culturas.

A seguir podemos visualizar a página 04 da primeira edição do Boletim ‘A Família da Pompéia’, na época chamado de ‘Cibai – Migrações’.

PAGINA PER GLI ITALIANI

Riunione degli ex-Combattenti

Il giorno 20 settembre si riunirono al CIBAI un grande numero di ex-Combattenti con le famiglie e amici.

Parteciparono alla S. Messa celebrata in commemorazione del centenario della presa di Roma e dell'unità d'Italia: nell'occasione P. Florindo ricordò che finalmente gli Italiani celebrano uniti questa data nazionale e continuando uniti nel lavoro e negli ideali potranno fare grande la Patria di origine e di adozione.

Al pranzo di confraternizzazione parlò in nome del Sig. Console Generale il Dott. Cesare Giacobbe ricordando le tappe percorse dagli Italiani per arrivare alla conquista di Roma e dell'unità d'Italia e insisteva affinché tutti contribuissero per tener alto il nome della Patria. Tra i numerosi Italiani presenti vogliamo ricordare in modo particolare D. Lidia Moschetti che volle partecipare con brio giovanile a questa commemorazione. I partecipanti si congratularono con gli organizzatori e mostrarono il desiderio che tali riunioni avvenissero una volta al mese.

Viaggio di P. Giuseppe

Dopo aver celebrato le nozze d'oro dei suoi genitori e il 25º di Sacerdozio, P. Giuseppe ha intrapreso un lungo viaggio per portare alle famiglie dei Padri e degli amici di Porto Alegre i saluti dei loro cari lontani. Sappiamo che andrà specialmente a Murano Calabro dove l'attendono molte persone che già lo conobbero in un viaggio anteriore nel 1963. Il suo ritorno è previsto per i primi di novembre.

Giorno della Supplica

Crediamo nostro dovere ricordare a tutti i devoti della Madonna di Pompei che la prima domenica di ottobre, giorno quattro, è dedicata alla Supplica alla Madonna di Pompei. Nella nostra Chiesa faremo la Supplica in tale giorno alle dodici in punto come è uso in tutte le parti del mondo.

Visita agli ammalati

Se qualche famiglia avesse delle persone che desiderano ricevere la S. Comunione o la visita del Sacerdote, possono avvisarci e lo faremo con piacere.

Figura 1 – Página (04), escrita em italiano (1970) (Boletim completo anexo I)

Todos os textos escritos no Boletim são de fácil compreensão e nessa época o veículo não conta com foto ou qualquer outro tipo de ilustração, apenas um pequeno logotipo da Igreja aparece no canto direito da capa.

Quatro anos depois, em outubro de 1974, o Boletim passa a ser todo em português, embora, em algumas edições volte a aparecer pequenos trechos em italiano. Em 1976, novas mudanças: o Boletim passa a se chamar ‘A Família da Pompéia’.

Dez anos depois de seu lançamento, em outubro de 1980, o Boletim já está mais atrativo e algumas mudanças já podem ser percebidas. A capa conta com uma imagem de Nossa Senhora da Pompéia, além do logotipo da Igreja. Ele volta a ser bilíngüe, mas dessa vez os textos são escritos em português e castelhano³⁰, não italiano, como nos primeiros exemplares. A página dois do Boletim fala sobre os festejos para a padroeira e sobre o significado do título de “Pompéia”, um esclarecimento aos fiéis. A página destinada aos textos em castelhano é a página três. Com o título de “*El rincón de los latino-americanos*” o texto propõe uma reflexão aos latinos e em seguida convida os mesmos para as missas realizadas na paróquia. A contracapa do Boletim (página 04) conta com alguns comunicados de eventos realizados pela Igreja e traz o nome dos patrocinadores³¹.

Em um panorama mais geral da publicação nessa época, pode-se perceber que o Boletim tinha uma preocupação cultural e identitária bastante visível. É possível afirmar, através de seus textos, que ao longo de sua história foi um dos períodos de maior envolvimento dos imigrantes no veículo, uma época culturalmente muito rica para esta publicação. Na busca de uma unidade entre os imigrantes o CIBAI realiza eventos que integram muitos desses atores sociais entre si, com a entidade e com a sociedade receptora. O Boletim vê os imigrantes como um grupo diferenciado, mas nem por isso

³⁰ De acordo com o Dicionário da Real Academia Espanhola www.rae.es, espanhol e castelhano são sinônimos, que se diferenciam apenas por uma questão territorial. No entanto, conforme experiência de campo, optou-se pelo uso do termo castelhano para definir o idioma, uma vez que os próprios entrevistados se auto-definem assim.

³¹ Nesta época o Boletim contava com colaboradores externos que patrocinavam os gastos com a confecção dos exemplares. Entre os patrocinadores estão: confeitaria, mecânica, metalurgia, consultório odontológico, entre outros.

deixa de buscar uma unidade entre eles. Na década de 80, 'A Família da Pompéia' valorizou bastante os latino-americanos, como encontros típicos, sistemáticos, como por exemplo, *El Rincón de los latino-americanos*, encontro que ocorria uma vez por semana, durante um longo período dessa década. A seguir, pode-se conferir como era a página 03 do Boletim nesta época.

EL RINCÓN DE LOS LATINO-AMERICANOS

UNIDAD! UNIDAD!

Aún saboreando las deliciosas empanadas chilenas, ofrecidas en tan importante momento cívico a los latinoamericanos, por los patriotas de Bernardo O'Higgins, llevo mi reflexión al momento histórico y social que estamos viviendo, cuando hasta las campanas sonando nos sugieren: Unidad!

Pienso entonces que es el momento de organizarnos. Que es cuando debemos partir del simple encuentro de segundo domingo, para un objetivo más profundo, más organizado, más fraterno.

Pienso entonces que estamos en el momento de pensar y actuar. De mostrarle al Brasil que los latinoamericanos igual que ellos, pero extranjeros, somos capaces, y que también poseemos una tradición y una cultura y que somos capaces de exhibirla y contribuir con ella, para la grandeza de otras culturas.

Todo proceso de aculturación, tiene dos facetas: el que viene asimila la cultura de los que están y al mismo tiempo dejan la suya a los dueños de casa.

Que tal si este domingo nos reunimos previamente y discutimos la organización de una comisión estable o provisoria y trazamos objetivos, como por ejemplo: crear un Centro Cultural, un Fondo de Ayuda para otros compañeros con situaciones sin resolverse, o alguna otra idea dentro de su mente y que aún no la elaboró?

El domingo 12 de Octubre es nuestro próximo encuentro. Es necesario que todos participemos en todos los aspectos.

Se conmemoran muchas cosas: Día de la Raza, Descubrimiento de América, Día del Niño, Día de Nuestra Señora Aparecida, padroeira del Brasil.

Para grandeza de nuestros encuentros, invite a otro compatriota latinoamericano, pues nuestra familia es tan grande, que necesitó un continente para darle cabida.

oo^ooo

Domingo 12 de Octubre de 1980
 11.15: – Missa, Casamientos, etc.
 12.00: – Encuentro: informe sobre Ley Extranjero; discusiones sobre viabilidad de otras actividades, y Organización.
 13.00 – Almuerzo: después de él, Juegos y diversiones varios (Bingo, etc.)
 P.D.: 1) Quién tenga guitarra y se "entienda con ella", que la traiga.
 2) Traiga sus hijos. Habrá una linda Fiesta para ellos, en el "Día del Niño"

HORARIO DAS MISSAS:
 De Segunda à Sábado: 7,25 e 18,30 horas – Domingo: 9,30 - 11,15 - 18,30 e 20 horas
BATIZADOS:
 Primeiro Domingo, às 15 horas – Preparação: Sábado anterior, às 15 horas
REZA DO TERÇO: Diariamente, às 18 horas

Figura 2 – Pagina (03) escrita em castelhano (1980) (Boletim completo – anexo II)

Entre os anos 80 e 90, muitas transformações ocorreram. O Brasil deixou de ser ditadura para tornar-se democracia, o tipo de imigração para o país ganhou um novo perfil e o boletim 'A Família da Pompéia' sofreu muitas alterações.

Dentre as modificações ocorridas, é importante ressaltar um evento que trouxe "as falas" dos imigrantes para as páginas da publicação, ou seja, o momento em que os imigrantes começam a participar do Boletim com resumidas histórias de suas vidas.

Em 1988, aconteceu um congresso de imigrantes latino-americanos que contou com a participação de nove países da América Latina cujo tema era *A força da memória histórica dos imigrantes*. O encontro ocorreu no dia 26/06/88 e buscava recuperar a memória e a consciência de identidade e suscitar mais participação dos imigrantes. Embora o encontro fosse de latino-americanos e o texto tenha saído de forma mais completa no Boletim em castelhano, o material em português e italiano também propôs uma reflexão sobre o mesmo tema. O título dessa reflexão era *Sem Fronteiras*.

Como se percebe no que foi relatado acima, entre os anos 80 e 90, durante um período o Boletim conta com duas edições mensais. Uma bilíngüe, em italiano e português, e outra em castelhano. O mais curioso é que normalmente as duas edições versam sobre temas diferentes. Uma não é a tradução da outra, uma vez que ambas buscam assuntos de interesse de seu público alvo, que freqüentemente tem interesses distintos.

As duas primeiras edições analisadas foram do mês de outubro. A primeira por ser a edição de número um do boletim 'A Família da Pompéia' e o exemplar de 1980

permaneceu sendo do mês de outubro por ser o mês de aniversário do Boletim e por que a edição de junho não foi produzida. As próximas três edições trazidas para análise são do mês de junho que é o mês das migrações.

Em 1969, o Papa Paulo VI estabeleceu a celebração anual do Dia do Migrante. A data passou a ser celebrada, sem receber ainda grande destaque, até a Campanha da Fraternidade de 1980, que teve como lema “Para onde vais?” Em 1985 foi fundado o Serviço Pastoral dos Migrantes e em 1986 passou a ser celebrada a Semana do Migrante, que acontece todos os anos, em âmbito nacional, na terceira semana de junho. Por determinação da 17ª Assembléia Geral do Conselho Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) o Dia Nacional do Migrante é celebrado no dia 25 de junho³².

Em junho de 1990 o Boletim é publicado todo em castelhano e não há outro exemplar em português e italiano, como em anos anteriores. Abaixo do nome do veículo consta o seguinte subtítulo: “*Boletín informativo de la comunidad hispanoamericana*”. O *desig* do Boletim se mantém bastante semelhante com o *layout* apresentado na edição de 1980, analisada anteriormente. Ilustração na capa, linguagem simples, no entanto as reflexões apresentadas nesta edição são mais profundas e contemplam melhor a cultura e a identidade dos imigrantes. Os textos buscam levar o imigrante a refletir sobre as seguintes perspectivas: cultura, fé e integração. Por se tratar do mês dos migrantes o Boletim faz referências à data.

Sob um prisma mais global, o que acontece nesta edição do Boletim, é confirmar as tendências já observadas na década de 80, quando a publicação passa a voltar-se mais

³² Quando cair em domingo ou, caso contrário, no domingo imediatamente anterior a essa data. Em 2005, aconteceu a 20ª Semana do Migrante de 17 a 24 de junho.

para os imigrantes latino-americanos. Esta alteração no veículo, é certamente, reflexo de uma mudança no perfil das imigrações contemporâneas em relação às antigas imigrações históricas (de europeus para o Brasil), que acontecem na metade do século passado.

Outra característica observada neste exemplar foi uma maior valorização da cultura e das identidades culturais dos imigrantes. Mais uma vez, um fato já apresentado na década anterior é confirmado nesta edição de 'A Família da Pompéia'. Este olhar sobre as migrações de forma a buscar seus valores e seus costumes, percebendo as diferenças, sem negar sua legitimidade na constituição de uma nação multicultural, dá ao Boletim sustentação durante estes 35 anos. Também, garante a muitos imigrantes uma integração menos traumática e mais verdadeira na sociedade de acolhida. Em seguida segue uma reprodução da capa do Boletim em junho de 1990, exemplificando um pouco desta realidade.

A FAMÍLIA DA POMPEIA



BOLETIN INFORMATIVO
DE LA COMUNIDAD HISPANOAMERICANA

Cibai . migrações Tel. 268800

Junio y Julio - 1990 - Barros Cassal, 220 - Porto Alegre - RS

CARISMA

10 AÑOS



El primero de junio es una fecha histórica para los Emigrantes. Se recuerda la muerte de Monseñor Juan Bautista Scalabrini, Padre e Apóstol de los Emigrantes, el hombre que luchó tanto para defender a los emigrantes de la explotación y los acompañó a través de sus Misioneros y Misioneras para asistirlos en sus necesidades sociales y espirituales.

El primero de junio es también una fecha muy significativa para la Familia de la Pompeya: justo en ese día, en 1980, nacía la Misión con los Inmigrantes Hispanoamericanos. El P. Pío y Rita, (según las primeras actas) se reunían con Rubén, César, Darío, Enrique, y Julia y empezaban el trabajo pastoral y social con nosotros que todavía continuamos llegando...

Desde entonces ¡cuántos fueron acogidos, orientados, asistidos, acompañados e integrados en el nuevo medio!

Y también ¡cuántos Inmigrantes se hicieron solidarios con compañeros de caminata y los apoyaron en sus primeros pasos!

Por allí vemos que la **FAMILIA DE LA POMPEYA** no es solamente este boletín, son los Inmigrantes comprometidos con la causa del Emigrante; sobre todo de los más necesitados... Es la fuerza del **CARISMA DE SCALABRINI** animando a los Misioneros y Misioneras, como también a una cantidad inmensa de otras personas sensibles al fenómeno del Hombre que busca integrarse en un nuevo medio.

Figura 3 – Capa do Boletim, escrita em castelhano (1990). (Boletim completo – anexo III)

Os anos que se seguiram após o exemplar analisado em 1990, tiveram muita importância na história do “CIBAI – Migrações”. No início da década de 90 volta-se a produzir dois boletins por edição, sendo um em castelhano e outro em português e italiano, como já foi mencionado. Esses boletins embora com a mesma temática, enfocam os assuntos sob ângulos diversos. Até 1998, essa prática continua. Então, em meados de 1998 o Boletim passa por uma grande transformação quanto ao seu *design*.

A publicação, que tem o tamanho de um pequeno folheto, começa a ser produzida em tamanho A3. Embora mantendo as quatro páginas, o Boletim passa a ser trilingüe sendo a página 01 e 04 em português, a página 02 em italiano e a página 03 em castelhano. Também ao longo dos anos 90 pode-se encontrar, em diversas edições, relatos de imigrantes sobre suas vidas, no estilo de resumidas histórias de vida, principalmente entre os italianos.

Em junho de 2000, o Boletim mantém o perfil novo apresentado: os textos continuam de fácil compreensão e agora existem fotos ao longo da publicação. Box, caixa com texto e a letra em fonte maior tornam a publicação mais atraente e de leitura mais fácil. A capa do Boletim passa a ser o editorial, a voz da Igreja, e na edição (junho de 2000) excepcionalmente há assinatura dos padres responsáveis. Embora até então a Igreja também tivesse voz, e em alguns períodos, muito marcante, a partir do surgimento do editorial a visão religiosa fica “separada” do restante do texto, ou seja, há uma organização do Boletim em setores, afim de, estimular a leitura e aumentar o interesse dos imigrantes pelo veículo.

Os assuntos tratados nesta edição são mais amenos que os temas abordados no último número analisado. São convite e relato de festas, testemunho de uma família imigrante, felicitação a imigrantes permanentes e reflexões sobre o mês dos migrantes.

Em um olhar mais abrangente, buscando ver o todo da publicação, pode-se dizer que o Boletim procura celebrar as imigrações através de festas típicas e encontros comemorativos. Tais reuniões buscam exaltar a cultura dos imigrantes, permitindo que possam se integrar ao novo país sem se desvincular de suas identidades de origem. A publicação também tenta reforçar a unidade desses atores sociais através do Boletim, que serve de fio condutor para a organização de festas culturais.

Outro ponto de destaque é o espaço do testemunho que o veículo proporciona aos imigrantes, possibilitando que relatem suas vivências a outros imigrantes que também passam, ou já passaram, por uma situação semelhante. Ao se ver representado por “um igual” estes sujeitos sentem-se mais confiantes para seguir em suas jornadas. A imagem do imigrante através das fotos, legitima ainda mais o Boletim, pois é importante que além de falar, o imigrante também possa aparecer, ser conhecido. Além disso, ao dispensar um espaço a estes receptores, a publicação reforça o elo de identificação entre os leitores, os produtores e o próprio veículo.

Nos anos 2000 o Boletim modifica um pouco seu *design*, tornando-se maior e mais atrativo. O visual “mais moderno” do Boletim nos anos 2000 pode ser conferido através da imagem a seguir, da página 03 da publicação.



Testimonio de una Familia Migrante

Mi nombre es Marita, soy inmigrante argentina, vivo en Canoas con mi marido Pablo y mis hijos Valeria y Fernando. Aprovechando esta oportunidad voy a contarles como llegué hasta aquí.

En enero de 1997 Pablo fue invitado por una empresa de bebidas para trabajar con ellos, en seguida quedamos entusiasmados con la idea de venir al Brasil; un mes más tarde ya estábamos viviendo aquí.

Así fue que llegamos a esta bendita tierra que nos ha acogido. En estos tres años y medio no fue fácil vivir lejos de nuestras familias, hay días en que la nostalgia se transforma en angustia, pero uno tiene que pensar en Dios y continuar luchando por una vida mejor, por eso puedo decirles a quienes eligieron el camino del inmigrante que no desistan. Vivir lejos de su familia es triste y doloroso, pero en la vida hay que ir atrás de nuestros sueños, mientras haya sueños hay esperanza y mientras haya esperanza hay vida. Hoy Pablo abrió su propia empresa y yo estoy cumpliendo con el sueño de ser profesora enseñando Español en una escuela de idiomas y estoy muy feliz.

Gracias Brasil por darnos la oportunidad de una vida mejor. *Marita Wochel*

Nuevos migrantes permanentes!

Felicitemos a Patricia Veronica Nozario y Juan de Dios Espinoza Olmedo, que de ahora en adelante son inmigrantes permanentes en Brasil. Deseamos que puedan superar las dificultades y encontrar nuevos motivos de realización.

Migrante ayuda migrante!

Este es el mes dedicado a los migrantes y de su colaboración, depende de la felicidad de muchos. Es por esto que estamos llegando hasta tu casa, querido inmigrante, para decirte que tenemos muchos hermanos nuestros que están llegando hasta nosotros solicitando ayuda también de alimentos y vestimentas de invierno, sobretodo para niños. Esperamos tu ayuda y agradecemos tu gentileza.

Vida, Don de Dios

"Pues Tu Señor eres mi esperanza, a Ti he confiado mi vida" Sl 71,4.

Con cariño y fuerte abrazo felicitamos a nuestra amiga **Maria Fatima Redes Barreto**, por su cumple... Te deseamos mucha suerte, animo y esperanza en todos tus emprendimientos. El Dios de la vida está contigo.



Sentimientos de unidad



"Yo soy la luz del mundo" (Jn 8,12)

Con sentimientos de unidad y oración, queremos decir a nuestro amigo Pedro Orellana que estamos unidos junto a tu familia por el fallecimiento de la madre **Olga Ines Muñoz** ocurrido en el día 5 de mayo. Tenemos certeza que ella esta junto de Dios de una forma más plena.

También hacemos unidad con la familia de Ester, nuestra amiga y compañera de caminata, por la muerte de su hermano **Renan Ulises A. Ruiz**, ocurrido en el día 18 de mayo. Que Dios lo tenga en su presencia.

De tus amigos de la Pompeia.

X Fiesta de la Integración

Comunicamos que el grupo de coordinación de la Familia de la Pompeya, ya está organizando la X Fiesta de la Integración, que será realizada en el día 08 de julio. Invitamos a todos. Su participación es importante para este momento de celebración, fiesta e integración.

El grupo de Madres!

Para el mes de Junio dedicaremos para encuentros de aprendizaje de tricot, crochet, y pinturas. Estos momentos te ayudarán a aprender algo útil para la vida. Te esperamos.

Migrantes celebran y comparten su vida

Con cariño agradecemos la familia de Renato, Elisa y Tiago por la acogida que recibimos en su casa donde hemos realizado este encuentro ocurrido en el día 21 de mayo. Gracias! Muchas gracias

Peregrinación del Migrante

Día 25 de junio es el *Día Nacional del Migrante*. Te invitamos para participar de la Peregrinación del Migrante que ocurrirá en el Santuario de la Virgen del Rosario, en el municipio de Serafina Corrêa. Entre en contacto con nosotros en la secretaría de la Pompeia. Habrá omnibus que saldrá de nuestra Iglesia.

Nos cinco anos que se seguem até os dias de hoje não há nenhuma modificação que mereça destaque, no entanto, atualmente o Boletim está disposto de forma mais organizada. A capa, escrita em português, traz sempre uma foto de João Batista Scalabrini, de um lado da Igreja Nossa Senhora da Pompéia, do outro (com legenda). O título do Boletim fica entre as fotos. Nessa edição a primeira página conta com uma ilustração, uma reflexão religiosa e uma chamada para a XV Festa da Integração. Na página dois fica o editorial (português) em uma coluna e o restante da página traz pequenas notas em italiano, sob o título de “Presenza Italiana”. A terceira página, chamada de “Informe Latino”, é escrita em castelhano. Nessa edição traz a carta de um missionário, além de notas sobre reuniões e chás. A contracapa do Boletim apresenta vários boxes com diversas informações. Fala da Semana do Migrante, das missas, das redes solidárias e de brasileiros no exterior. Nessa página há um box com um texto em inglês “Free Immigration” o que amplia ainda mais o número de pessoas que podem entender a mensagem enviada pelo CIBAI através do Boletim.

Pensando sob um panorama mais geral, esta edição tem como diferencial, tratar da imigração de brasileiros para fora do país. Até o presente momento a publicação trabalhou como estrangeiros no Brasil e a partir deste exemplar, talvez o Boletim comece a fazer o trabalho inverso, incluindo em seu público alvo os brasileiros residentes no exterior. Sob esta perspectiva, pode-se dizer que este fato, talvez tenha sido desencadeado pelo site da Paróquia, na qual o Boletim pode ser acompanhado de qualquer parte do mundo, e também devido aos atendimentos crescentes a coreanos, feito pelo CIBAI. Tais fatores despertaram o desejo nos brasileiros que moram na Coreia de manter contato com o Brasil através de Igreja e do Boletim.

Esta edição do Boletim contém como ilustração, 4 fotos e 6 gravuras. Pode-se visualizar a página 04 (contra-capa) deste Boletim. Se comparada com a mesma página há 30 anos, as diferenças são bastante significativas (ver a figura a seguir).

COMUNICAÇÕES



Os **LEIGOS SCALABRINIANOS** realizaram em Luján (Argentina) o encerramento da visita de Scalabrini às famílias. Estavam presentes 156 leigos do Brasil, Paraguay, Argentina e Perú.

No dia 14 de maio aconteceu o **ENCONTRO DA PASTORAL DO MIGRANTE** da diocese de Passo Fundo. Esse encontro teve por objetivo a preparação da Semana do Migrante. O Bispo Dom Ercílio Simon participou do encontro.



**CARTA DE MIGRANTES
BRASILEIROS NO EXTERIOR**

Prezados amigos da Paróquia N.Sra. da Pompéia. Foi com grande alegria que recebemos a mensagem de vocês dirigida ao grupo de brasileiros residentes na Coreia. Certamente, vocês serão de uma extrema ajuda para a nossa comunidade brasileira. Antes, tínhamos um sacerdote brasileiro aqui, mas que morava muito afastado de Seul. Hoje, contamos com a ajuda de um padre português, que está sempre disposto a colaborar conosco.

A **nossa vida espiritual aqui é muito difícil**, principalmente pela falta de uma pastoral, tal qual vocês organizam. Língua, cultura, religião, tradições, tudo é extremamente diferente. Mas, **mesmo assim**, depois que fundamos nossa associação em 2002, **não deixamos de celebrar**, pelo menos, o **Natal e a Páscoa**. São poucos os católicos na Coreia e, obviamente, muitos brasileiros não professam nenhuma fé pelas várias dificuldades apresentadas.

Apesar de muitos não serem católicos, **colaboram e participam das nossas atividades religiosas**, lembrando que formamos uma associação cívica para o *intercâmbio e diálogo cultural* como maior objetivo. Será para todos uma imensa alegria sabermos que temos no nosso querido Brasil alguém intercedendo pela nossa comunidade. em nome de toda a diretoria da Associação Brasil-Coreia, deixo aqui o nosso muito obrigado e espero mantermos contato sempre que possível.

Soleiman Dias, presidente (Seul, abril de 2005)

REDES SOLIDÁRIAS

Convidado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e pelo Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), nos dias 16 e 17 de maio Pe. Joaquim esteve em Brasília participando do **II Encontro Nacional das Redes de Proteção** - Rede Solidária para Migrantes e Refugiados. Síntese do Encontro: *Enquanto os governos de muitos países estão fechando as portas; nós os cidadãos civis (pessoas e instituições) abrimos o coração com gestos concretos de solidariedade acolhendo migrantes e refugiados.*

No dia 18 de maio Pe. Jairo, Pe. João e a Ir. Teresinha Zambiasi, em nome da CNBB, participaram do encontro com responsáveis da **Pastoral do Migrante em Osório**. O Pe. Luiz Santin é o referencial com a Ir. Idalina Pellegrini. Nossos votos e apoio à Diocese.

De 19 a 22 de maio os Pes. Sérgio, Joaquim e Jairo foram para **FLORIANÓPOLIS** para apoiar a organização da pastoral dos migrantes na cidade e no estado. Louvado seja o Senhor!

De 25 a 31 de maio: Encontro de Triuggio (Itália) sobre Pastoral Migratória dos Scalabrinianos.

De 01 a 05 de junho: Encontro de Piacenza (Itália) - Leigos Scalabrinianos.

MISSA DO MIGRANTE na Catedral. Sempre no último domingo do mês às 19:00 hs. Próximas datas: 29 de maio, 26 de junho e 31 de julho. Participemos!

SEMANA DO MIGRANTE: de 12 a 19 de JUNHO.
Tema: *Migração, Solidariedade e Paz.*
Lema: *Mensageiros de justiça e de Paz.*



Tramandaí, 5 de maio de 2005

Estimados senhores,

Devido ao **grande número de migrantes** de várias nacionalidades que desejam obter informações sobre normalização de situação no país, INTEBRACHILE, escritório de **Integração Chile-Brasil**, com sede em Tramandaí, solicita o CIBAI para atender casos especiais em data a ser escolhida. ALEJANDRO ROJAS - DIRETOR INTEBRACHILE

Expediente da Paróquia

Missas:
De Terça a Sábado: 18:30
Domingo: 9:30 e 18:30
1º Domingo: 11:00 - Missa em Italiano e Almoço
2º Domingo: 11:00 - Missa em Espanhol
3º Domingo: 11:00 - Missa em Coreano

Atendimento aos Imigrantes na Paróquia
Terça (Martes) e Quarta (Miércoles):
14:00 às 18:00
Sábado: 8:00 às 12:00
Nos outros dias o atendimento é feito nas residências, hospitais, outras cidades.
Secretaria
De Segunda a Sexta: 8:30 às 11:45 - 13:45 às 18:00
Sábado: 8:00 às 12:00

Figura 5 – Contracapa do Boletim (2005) (Boletim completo – anexo V)

Durante seus 35 anos de existência o Boletim sofreu várias alterações, como podemos perceber, quanto à forma e conteúdo. Devido a problemas internos de substituição de pároco chegou a ficar sem ser publicado em alguns meses durante o período de transição. Sua periodicidade também variou: foi mensal, bimensal e trimensal. Durante uma época foram duas edições mensais de diferente conteúdo. Em alguns momentos os temas foram mais reflexivos, em outros mais celebrativos, mas, nunca durante todo esse tempo o Boletim deixou de ser produzido ou perdeu seu foco: os imigrantes. Por isso, seria impossível estudar o processo de comunicação desencadeado pelo veículo sem ouvir os seus destinatários. Para reconstruir a história da publicação é importante reconstruir, também, a história de seus membros participantes, que tantas vezes emprestaram seus sentimentos ao Boletim, assim como buscaram nele a integração com a sociedade receptora.

4.2 Construção das Histórias de Vida

A estratégia utilizada num primeiro momento foi visitar a sede do “CIBAI - Migrações”³³, (onde o Boletim é produzido), para consultar alguns dados e selecionar os imigrantes que seriam os sujeitos dessa pesquisa, para então iniciar o processo de construção das histórias de vida. A proposta metodológica assemelha-se ao trabalho realizado por Jairo Grisa (2003), que também utilizou as histórias de vida como técnica de pesquisa em seu livro “*Histórias de Ouvintes*”.

Primeiramente foi feita uma visita ao CIBAI, na intenção de conseguir dados para a pesquisa de campo, o que se deu através de um levantamento documental. Descobriu-se, porém, que o trabalho seria mais difícil do que se imaginava, porque não

³³ Rua Dr. Barros Cassal, 220 – Centro – Porto Alegre/ RS

existiam registros de quantos imigrantes já haviam sido atendidos pelo CIBAI. Então, pediu-se aos padres para que dessem o nome de algumas pessoas que eles lembravam como membros atuantes na paróquia e leitores do Boletim. Com os nomes em mãos, começou-se os contados. Foram escolhidas as pessoas que, à primeira vista, se mostraram dispostas a conversar.

Com a seleção dos imigrantes pronta³⁴, dois homens e duas mulheres, de nacionalidades italiana, boliviana, chilena e uruguaia, começaram as visitas e a construção das histórias de vida. A exemplo de Grisa, as entrevistas foram realizadas em dois momentos: no primeiro momento uma conversa livre, ouviu-se tudo o que o imigrante desejava dizer, no segundo momento, a entrevista foi mais direcionada, enfocando a importância do Boletim na vida dessas pessoas.

4.2.1 O campo com ele é

Durante a construção das histórias de vida foram feitas duas visitas às casas dos imigrantes³⁵ e alguns pontos interessantes foram observados. O relato dessa experiência de inserção no campo é importante para percebermos as peculiaridades de cada cultura.

³⁴ A seleção foi ampliada de quatro para cinco imigrantes devido ao perfil da esposa de um dos entrevistados. Dentre os cinco entrevistados estão três mulheres e dois homens e dos cinco imigrantes dois são uruguaiois. O que é relevante uma vez que é a nacionalidade que mais imigrantes tem no estado. Segundo dados da Polícia Federal, em 2000 eram aproximadamente 20 mil uruguaiois legalizados que viviam no Rio Grande do Sul.

³⁵ A primeira visita aos imigrantes foi feita em novembro de 2004 e a segunda em agosto de 2005.

4.2.1.1 Década de 70: em casa de italianos

Capítulo I – Ao chegar à casa de Rosina, imigrante italiana, foi possível observar que os italianos “calorosos” não é apenas um estereótipo. Ela agiu efetivamente dessa forma, ao fazer a recepção de maneira carinhosa, com um apertado abraço, nos tratando como se fôssemos “da família”, foi surpreendente. Rosina e seu esposo, também muito simpático, fizeram questão que se aceitasse comer ou beber alguma coisa antes de começar a entrevista. Foram tão hospitaleiros que após o término da entrevista, prosseguimos conversando informalmente como se estivéssemos “de visita”. No entanto, apesar da imigração ser muito antiga, percebeu-se durante a entrevista que, mesmo depois de tanto tempo, o hábito de falar italiano permanece enraizado em Rosina, e mais ainda em Antônio, seu esposo, que mesmo falando com a pesquisadora, continuava falando em italiano. Na sala da casa do casal havia um quadro com uma grande fotografia de um vilarejo. Segundo eles, era a cidadezinha onde moravam, no sul da Itália. Rosina e Antônio foram até o quadro e mostraram na foto onde eram suas casas. Embora Antônio tenha ido até a sala participar da conversa, a entrevista foi realizada apenas com Rosina.

Capítulo II – Em nossa segunda visita à casa de Rosina, já estávamos mais preparadas para a carinhosa recepção. Assim que chegamos iniciamos a seção de perguntas, dessa vez, mais direcionadas. Antes que tivéssemos acabado a entrevista, chegou Santa, vizinha de Rosina. Em nosso primeiro encontro já havia sido possível perceber que no prédio em que Rosina mora tem apenas dois apartamentos e que o outro também é ocupado por uma senhora italiana, mas dessa vez, ao conhecermos Santa, descobrimos que ela e Rosina são amigas de “longa data”, vizinhas desde o tempo da Itália. Santa nos contou que ela e Rosina choraram muito ao se separarem, pois Rosina

imigrou primeiro. Anos mais tarde, Santa veio ao encontro da amiga e o prédio onde hoje moram foi construído por Antônio e pelo marido de Santa. Além dos dois apartamentos serem iguais, tem comunicação pelos fundos, com um quintal para as amigas cultivarem suas hortas. Após o término da entrevista, juntamo-nos a Rosina, Santa e Antônio na cozinha do apartamento, segundo Rosina, “o melhor lugar da casa”. Lá desfrutamos de café com bolachinhas e antigas histórias do tempo da Itália, contadas e lembradas com saudade por eles.

4.2.1.2 Década de 80: em casa de bolivianos

Capítulo I – Doris, imigrante boliviana, falou que os seus conterrâneos que vivem no Rio Grande do Sul, não costumam formar comunidades. Percebeu-se que a entrevistada mantinha poucos contatos com outros imigrantes bolivianos, e até mesmo com a cultura de seu país. No entanto, fez questão de mostrar fotos das festas realizadas na Igreja Nossa Senhora da Pompéia, nas quais vai trajada com roupas típicas da Bolívia. Destacou que não teve dificuldades quando chegou em Porto Alegre, até porque seu irmão já morava aqui, mas sabe que muitos imigrantes sofrem quando chegam ao novo país. Doris, mostrou a carta, que uma imigrante boliviana lhe escreveu, agradecendo a ajuda. Doris, há anos auxilia financeiramente essa família de bolivianos. Ela “adotou” um menino filho do casal, como “dinda”, e mensalmente manda a esse menino uma quantia em dinheiro. Na carta, a mãe do menino fala de como ele está indo bem no colégio e se refere à Doris como uma “fada”.... Pode-se perceber que toda a família a considera, um pouco, como uma “fada madrinha”.

Capítulo II – Em nosso segundo encontro com Doris, alguns pontos antes não percebidos se ressaltaram. A relação da imigrante com o CIBAI ultrapassa o interesse pelo Boletim, embora esse também exista. O laço mais forte entre Doris e o CIBAI é de gratidão, pois a entidade prestou assistência à Doris e sua família em momentos difíceis. Devido a isso, sempre que pode, presta ajuda a outros imigrantes e não deixa de participar dos eventos promovidos pelo CIBAI e de ler o Boletim. Durante a visita observamos que vários objetos de decoração são de outros países, como uma almofada da Tunísia. Considerando este fato e, o próprio relato de Doris, foi possível perceber seu interesse por viagens, por conhecer outros países e outras culturas. Doris nos revelou que seu curso universitário é secretariado bilíngüe e que na Bolívia as crianças aprendem inglês desde o primeiro ano do ensino fundamental por isso diz que fala muito bem o idioma. “O que a gente aprende de criança, nunca esquece”, afirma.

4.2.1.3 Década de 90: em casa de chilenos

Capítulo I – Com Leopoldo, um imigrante de nacionalidade chilena, a entrevista foi muito produtiva. Embora com uma vida estável, em seu relato pôde-se perceber todas as inquietudes de ser um imigrante, ainda que adaptado ao novo país. Durante a entrevista foi possível observar que a decoração do apartamento lembrava o país natal, através de objetos de artesanato. Também foi possível perceber, que antes de começar a entrevista, Leopoldo e sua esposa conversavam em castelhano, e o tema central da conversa eram fatos que haviam ocorrido no Chile, e que provavelmente, via internet, eles tiveram acesso. Leopoldo, embora há 14 anos no Brasil, mantém laços muito fortes com o Chile, inclusive tem uma filha que mora lá.

Capítulo II – Em nossa segunda visita à casa de Leopoldo, foi possível perceber que laços de amizade se formaram. É como se agora não fôssemos mais estranhos³⁶. Quando chegamos para a entrevista Leopoldo ainda não estava, mas Sílvia nos recebeu cordialmente, e ficamos conversando sobre as aulas de castelhano que ela dá e sobre os avanços do projeto. Foi um momento que serviu para darmos um primeiro retorno do que está sendo feito, da utilidade das entrevistas para a construção de nossa dissertação. Após a chegada de Leopoldo a entrevista transcorreu tranqüilamente.

4.2.1.4 Anos 2000: em casa de uruguaios

Capítulo I – A entrevista estava marcada inicialmente com Miguel, mas quando a pesquisadora chegou, ele não estava. Então, sua esposa, muito gentilmente ofereceu um café. Enquanto tomávamos o café, começamos a conversar, informalmente. Durante a conversa pode-se descobrir, que Beatriz era também, uma imigrante, além de filha de imigrantes, ou seja, tinha uma marcante história de mescla de culturas e afirmação identitária. Pediu-se a ela se aceitaria ser entrevistada, ela aceitou. Mal tínhamos começado nossa entrevista, quando Miguel chegou e sentou conosco na sala. Conversamos os três e a entrevista foi feita com Beatriz e Miguel ao mesmo tempo. Miguel também era filho de imigrantes, mas enquanto o pai e a mãe de Beatriz migraram da Espanha para o Uruguai, apenas o pai de Miguel migrou da Itália para o Uruguai, a mãe era uruguaia mesmo. O método mostrou-se bastante rico, embora um pouco cansativo, pois a conversa se prolongou por horas.

³⁶ Talvez pelo fato de nossa orientadora ter feito aula de castelhano com Sílvia, esposa de Leopoldo e ela já conhecer um pouco do nosso trabalho. Sílvia foi professora de castelhano de Karla Muller, orientadora deste trabalho, absolutamente, por acaso. Após o início das aulas, em conversas informais foi descoberta esta ligação entre Leopoldo e o nosso trabalho.

Capítulo II – No segundo encontro com Miguel e Beatriz, percebemos que estes imigrantes apesar de terem suas vidas muito atribuladas, sempre estão dispostos a ajudar o próximo. Ela é professora e ele é arquiteto, então, só tiveram tempo de nos receber à noite, mesmo assim foram muito solícitos. Miguel pode ficar pouco tempo em nossa conversa, pois haviam marcado uma reunião de trabalho de última hora, mas antes de se retirar fez a seguinte afirmativa: “assino em baixo de tudo o que ela disser, pois estamos casados há 24 anos...”. Depois que Miguel se retirou seguimos conversando com Beatriz por um longo tempo. Suas colocações expressam constantemente sua alma imigrante. Por momentos chega a confessar que se sente “fora do lugar” em qualquer país que esteja, seja Espanha, Uruguai ou Brasil. Depois retifica: “país da gente é onde a gente se sente bem!”

* * *

A escolha da técnica de história de vida como metodologia de trabalho se deu afim de que fosse possível realizar um estudo de identidade e análise do processo social, uma vez que as histórias de vida possibilitam não só o entendimento do todo, mas do individual e pessoal. Também para a solução do problema de pesquisa é interessante utilizar esse método, uma vez que se busca entender o que liga os imigrantes ao boletim ‘A Família da Pompéia’ fazendo com que essa publicação sirva de elo entre eles.

A construção das histórias de vida serviu também para ampliar a discussão de identidade cultural, e para medir os sentidos que vinculam os imigrantes ao Boletim, revelando, como a cidadania atua na vida pessoal de alguns imigrantes, aqui determinados por décadas. A transcrição de tais relatos traduzem, para a vida cotidiana, as tensões e os dilemas da imigração, e a importância de um veículo de comunicação comunitária, dirigido aos imigrantes para a construção de laços afetivos, religiosos, sociais e culturais.

4.2.2 A vida como ela é³⁷

4.2.2.1 Rosina, imigrante à moda antiga

Quando Rosina chegou ao Brasil veio de vapor. As viagens eram longas e as imigrações tinham um caráter mais definitivo naquela época. Fugindo das destruições causadas pela guerra e em busca de construir a América, muitos italianos chegaram ao Rio Grande do Sul. Rosina estava entre eles.

Rosina nasceu no início do século passado, em 20 de maio de 1927, em um pequeno vilarejo de 5 mil habitantes, ao sul da Itália. O pai não conheceu, morreu quando ela tinha apenas um mês de idade, foi criada somente pela mãe, que quando ficou viúva tinha apenas 21 anos de idade. “Sou filha única e toda a responsabilidade em me criar foi dela.”

Muito religiosa, desde pequena freqüentava a Igreja. Com 10 anos, conheceu, Antônio, seu marido “a gente freqüentava a igreja juntos e naquele tempo tinha aqueles namoros de olhar, tudo isso...” conta. O namoro só ficou sério quando ela tinha uns 20 e poucos anos, depois que terminou a 2ª Guerra Mundial. Rosina tinha parentes no Brasil e devido à situação da Itália no pós-guerra resolveu vir para Porto Alegre com sua mãe para buscar uma vida melhor. Quando Antônio soube que Rosina viria para o Brasil, se

³⁷ As histórias de vida foram construídas em terceira pessoa com passagens de relatos dos próprios entrevistados, conforme fez Grisa (2003). Segundo Meihy (1998) entrevistas transcritas desta forma são transcrições, ainda que em terceira pessoa. As histórias de vida não têm uma linearidade e não se buscou encontrar pontos em comuns entre os imigrantes como no item ‘Índices para Análise e Interpretação’ (a seguir). Cada história é única, fruto da vivência de cada um dos entrevistados. Um tem um mote, mais cultural, outras têm maior ligação com a religiosidade, em uma terceira pode existir maior ou menor grau de conflito identitário. No entanto o que se procurou fazer foi resgatar a vida dos imigrantes através de seus relatos. Em alguns pontos há transcrição literal das conversas e como foram informais a linguagem utilizada é coloquial.

manifestou: - “eu estou namorando a sua filha”, disse Antônio. A mãe de Rosina já sabia, mas ainda não havia nada oficial. Então escreveu para meus tios, dizendo que tinha um rapaz que gostava de dela. “Eles ficaram ‘meio assim’, primeiro não tinha ninguém, agora apareceu esse aí... então meu tio disse, ‘manda ele primeiro, vocês casam aí, mas manda ele primeiro, para ver como fica a situação.’”

Antônio e Rosina casaram, mas não ficaram unidos. Fizeram os papéis e ele veio para América. Depois de dois anos a italiana chegou com sua mãe, que sempre a acompanhou, por ser sozinha. “Quando cheguei aqui, em agosto de 51, fizeram uma festança. Os parentes, os amigos, ele tinha alugado uma casa, mobiliado a casa, estava esperando a noiva.”

Quando conheceram o CIBAI, começaram a participar das missas em italiano rezadas na Igreja do Senhor dos Anjos, naquela época a Paróquia da Pompéia ainda não existia, Depois de algum tempo, um padre chamado José Corradino, visitou todos os imigrantes para recolher doações para fazer aquela igreja que se tem hoje. “Foi assim, todo o domingo do mês eles faziam galeto ou um risoto e a gente comprava as entradas para ajudar. Ele fez um carnezinho, todos os meses a gente colaborava, o quanto podia, até que conseguiram erguer a Igreja que temos hoje.” Relata Rosina. Até hoje a imigrante continua participando do CIBAI. Todos os domingos vai assistir a missa em italiano e, apesar da idade, continua participando dos eventos promovidos pela entidade. “Qualquer festinha ou reunião estamos lá.” Conclui a italiana.

4.2.2.2 *Doris, a fada dos imigrantes*

Doris chegou ao Brasil fugindo das crises políticas que assolavam a Bolívia. Era década de 70 e o irmão que já morava no país ajudou a boliviana a se integrar na nova sociedade. “Meu irmão estava com vontade de estudar no Brasil, ele se informou, veio e foi designado a Porto Alegre.”

Doris veio a primeira vez para o Brasil para a formatura de seu irmão, era 1966. Gostou muito daqui, e seu irmão já tinha muitas amizades em Porto Alegre. “Minha mãe, que já faleceu, era uma pessoa de ver muito o futuro, gostava de planejar as coisas boas, então, quando voltamos para a Bolívia, ela perguntou, ‘quem sabe vamos para Porto Alegre?’”

Era uma época negra para a Bolívia, as questões financeiras e políticas estavam cada vez piores, tornando-se insustentáveis. Então, em 1974, a imigrante chega ao Brasil para estabelecer novas raízes, após concluir a faculdade de secretariado bilíngüe inglês-espanhol e um curso de computação. “Minha intenção era ir para os Estado Unidos pois uma amiga minha disse estar ganhando uma grana lá. ‘Na computação, tem pouca gente’ ela falou. Mas logo que eu comecei a fazer o curso me empregaram em uma firma, a COMIBOL - Corporação Mineira da Bolívia, tipo a CEEE aqui, que juntava todas as empresas de Minas.”

Mas, as férias daquele ano, trariam uma surpresa para a imigrante. Ao vir para o Brasil, a boliviana conseguiu um emprego. Como tinha somente visto de turista, ficou terceirizada na empresa. Com o passar do tempo, Doris foi gostando do Brasil. Sua mãe

também veio da Bolívia, ficar com ela e com seu irmão. Logo depois, ela fez o concurso na CEEE, e foi aprovada. “Estou hoje aposentada da CEEE e agora estou estudando música clássica. Estudei na Bolívia, quando pequena, e cheguei aqui e larguei completamente. Agora que me aposentei estou estudando novamente.”

Apesar de estar adaptada ao Brasil, nem mesmo no CIBAI conseguiu formar um grupo de bolivianos. “Da Bolívia, não conheço muita gente aqui em Porto Alegre, só tem uma moça, a Estela. Os demais não se interessam muito em participar do CIBAI e formar uma comunidade. Não sei se são muito ocupados... tem um grupo grande, mas eles não participam muito. Nós fizemos uma festa, eu, Estela e um casal de médicos, saiu muito bonita, mas depois... praticamente só tenho um amigo boliviano aqui perto, ele é dentista, está radicado aqui”, desabafa.

Naturalizada desde 1992, Doris conta que sua naturalização ocorreu por vontade própria e não por necessidade. “A CEEE é uma empresa mista, de capital estadual e privado, mas para facilitar, como eu estava trabalhando aqui e ia ficar aqui, decidi me naturalizar. Até o padre Joaquim foi meu padrinho de naturalização.”

Sobre seus laços afetivos com a Bolívia, Doris diz que mantém contato com uma amiga, uma prima e uma irmã de sua mãe, pois os demais familiares já faleceram. Conversa com elas por carta e agora através do padre Darciolei, que foi designado para La Paz. “Quando ele [o padre] vem, essa amiga manda cartas, lembranças... no fim do ano a gente sempre manda cartões postais.”

Sobre pensar em viver novamente na Bolívia, Doris diz que voltou ao país há 2 anos e ficou dois meses lá, mas não se adaptou, por causa da altura de La Paz e não tem vontade de voltar a morar na Bolívia. “Nos primeiros dias a gente fica um pouco cansada, com falta de ar... por isso não vou muito lá, por ser desagradável a altitude. Tu te sente desconfortável, já não sou tão novinha... Hoje só somos eu e meu irmão, e sempre moramos na capital, La Paz. Vim para outra capital, nunca morei no interior, gosto e me acostumei a morar em cidade grande.” Finaliza Doris.

4.2.2.3 Leopoldo, a inquietude de ser imigrante

Leopoldo levou um ano para se acostumar com o Brasil, mas só se sentiu integrado em 1994, com a chegada de sua família. No início as comparações eram inevitáveis e a saudade do Chile fazia tudo no novo país parecer menos saboroso.

Morando no Brasil desde 1988, Leopoldo veio para cá por motivos econômicos. Sua situação no Chile não era muito boa e como tinha um irmão mais velho que já morava no Brasil resolveu vir pra cá, após palavras de incentivo do irmão. Demorou mais ou menos um ano até que conseguiu se adaptar a nova língua e a conviver em um país totalmente estranho. “É lógico que eu preferiria ir para um país que falasse a mesma língua castelhana, mas aqui o português era uma coisa totalmente diferente para mim.”

Leopoldo começou a aprender português lendo. Professor de formação³⁸, optou primeiramente, por ler, ao invés de tentar a comunicação oral. Então, ele pegava tudo que encontrava à mão, como jornais, revistas, semanários e lia, em seguida, começou a ler

³⁸ Professor primário, de crianças de 1ª série.

livros em português. E tudo o que lhe vinha na mente que ele não entendia, perguntava. Esta foi a maneira mais rápida de aprender o português, que Leopoldo encontrou, não pela conversação, mas pela compreensão, da leitura e de escutar o que as pessoas falavam.

Toda essa busca de aprendizado pela leitura e não pela fala, expressa o quanto foram “duros” os primeiros meses de Leopoldo no Brasil. Neste período inicial, o chileno ficou sozinho, pois seu irmão teve que fazer uma viagem ao Chile, e Leopoldo ficou cuidando dos negócios. “Quando meu irmão voltou, nós decidimos ficar aqui, trabalhando juntos e repartindo as comissões que ganhávamos.”

Entre 1988 até 1994, se passaram seis anos, sem que Leopoldo tivesse nenhum tipo de relação com o “CIBAI – Migrações”, nem com a Paróquia da Pompéia, nem com o Boletim. “Foi um tempo de eu me adaptar aqui e ter uma rotina diária de trabalho aqui em Porto Alegre. Além disso, eu estava sozinho, a minha família - minha esposa, meu filho, minha filha - tinha ficado no Chile.”

Então, durante aquele período de seis anos, Leopoldo viveu sozinho em busca de regularizar sua situação como cidadão. Enfim, com a vinda da anistia ao final de um tempo, Leopoldo teve sua situação de permanência no Brasil legalizada. Isso lhe permitiu trazer sua família e eles chegaram aqui em 1994. Eles já vieram com toda a papelada legal. “Minha filha³⁹ fez cursinho pré-universitário, pois ela tinha acabado de fazer o 2º grau no Chile, e meu filho entrou para a 4ª série do primeiro grau, aqui. Eu não tive nenhum problema para matriculá-lo, para ele ingressar no ensino básico. Ele começou na escola... não me lembro agora... mas é uma escola particular.”

³⁹ A filha de Leopoldo regressou ao país de origem e atualmente mora no Chile, junto com seu filho, neto de Leopoldo.

Quando a família do imigrante chegou ao Brasil, Leopoldo já tinha um apartamento. Ainda assim, a chegada foi um pouco traumática para eles, pois não conheciam o Brasil e as notícias que se têm do Brasil lá fora, geralmente não são boas. “A gente tinha pavor da água que não era potável. Nós fervíamos a água, tinha toda essa série de coisas psicóticas, que a água não era boa. Depois vimos que nenhum de nós ficou doente por tomar água. Então são coisas que a gente traz e que é difícil de se adaptar, no princípio”, relembra.

Em 1994, quando a família do chileno chegou em Porto Alegre, sentiram necessidade de integrar-se com a comunidade de imigrantes latinos e também porto-alegrense. “Para nós ficou muito claro que a pessoa não podia viver com aquela lembrança do país natal, morar com o sentimento de lembrança do Chile aqui no Brasil. Pois aí tu terias uma vida dupla: não ia ser nem brasileiro nem chileno. Pela minha própria experiência digo que nós temos que nos integrar com a comunidade de chilenos que estão fora do país natal, aqui em Porto Alegre. Nós ajudamos a fundar o Centro Social e Cultural Chileno de Porto Alegre, em 1988. Fui um dos sócios-fundadores, e no momento sou presidente. Então não negamos nunca nossas raízes, mas também temos um círculo de amizades com brasileiros.”

Na verdade o que Leopoldo procura fazer é integrar-se à comunidade brasileira, sem perder as raízes. Para tanto, busca apoio em centros como o CIBAI, que não deixam que ele esqueça as tradições, a culinária, a cultura e tudo o que os imigrantes trazem de bagagem cultural de sua nacionalidade. “Quando minha família chegou, nós tomamos como referência a Paróquia Pompéia, que é a paróquia dos imigrantes. Nós ingressamos

nela para trabalhar pela identidade latino-americana dos imigrantes que estão aqui em Porto Alegre”

Sobre o Boletim, Leopoldo diz que nestes mais de dez anos que recebe a publicação, percebeu que aconteceu uma espécie de mudança, no sentido de como são feitos os Boletins pelos padres. “Tem a marca característica de cada padre, alguns gostavam mais da comunidade italiana, saíam mais assuntos sobre italianos, celebrações, festas. Outro que tinha mais relação com os latinos, dava mais ênfase às notícias dos latinos”, declara. E continua dizendo que o Boletim não é só feito pelos padres, como antigamente, mas pelos próprios testemunhos dos migrantes. “Partiu dos que dirigiam para ser agora feito pelo migrante. Penso que esta é uma etapa mais avançada, porque dá oportunidade ao migrante para se manifestar, a versão das coisas é do próprio migrante.” Afirma Leopoldo que conclui dizendo: “Acho que o Boletim é um veículo esperado pela comunidade todos os meses. Principalmente por trazer notícias nossas. Dá a relação de quem está doente, de quem morreu, o Boletim serve para atualizar as pessoas das coisas que estão acontecendo na comunidade.”

4.2.2.4 Beatriz imigrante filha de imigrantes

Abandonar sua terra em busca de novos horizontes faz parte da vida dessa imigrante, uma vez que seus pais também fizeram esse caminho para chegar ao Uruguai. Para ela, muitas vezes, o que define ser ou não de um local é mais o sentido de pertença do que de nascimento.

Beatriz e Miguel se conheceram no Uruguai e chegou um momento em que ele migrou para o Brasil com os pais, enquanto ela permaneceu no Uruguai. Algum tempo depois eles se encontraram e começaram a namorar por carta. Então casaram e Beatriz veio morar no Brasil. “Eu já tinha me formado e ele continuava estudando, na Unisinos. No Uruguai eu participava de um grupo de jovens em uma paróquia católica e como eu gostava muito, fiquei sabendo do grupo da Pompéia, eu disse para o Miguel, quem sabe a gente vai? Chegamos na Pompéia para participar do grupo de jovens, e quando entramos, perguntamos pelo grupo, com nosso sotaque carregado. “É aqui”, responderam. O pessoal estava ali, tocando violão [e cantando] em castelhano, a gente adorou. Mas depois ficamos sabendo que o grupo que a gente queria era o que se reunia nos fundos, não na frente. Porque não sabíamos que a paróquia era dedicada aos imigrantes.”

Beatriz é imigrante e filha de imigrantes. Seus pais “tinham um bom sotaque”, então o pessoal do Uruguai sabia que eles não eram uruguaios. Ela foi criada dentro desse ambiente, dessa característica de aceitar que seus pais e seu grupo eram diferentes das pessoas em geral. “Como imigrante tu acaba te educando como criança, dentro de certa cultura típica dos teus pais, e eu vejo isso também com meus filhos. Eles nasceram e se criaram com uma cultura, não digo latina, mas daqui a pouco eles estão cantando músicas em castelhano, pois acompanharam isso. Na Paróquia da Pompéia, a gente faz grupos castelhanos, chega lá e fala tudo em espanhol, falamos espanhol em casa... então é interessante que tu sai daquela sociedade que é o teu dia-a-dia.”

Beatriz segue dizendo que a imigração de sua geração, é uma imigração bem diferente daquela que fizeram seus pais. Seus pais vieram da Espanha, junto com eles vieram irmãos, os tios... Era uma imigração que se ia para o outro lado do mundo, numa

cultura bem menor, em termos de conhecimento, informações. “Tu ia para um lugar do qual nem se ouvia falar.” Hoje, segundo Beatriz, a imigração é completamente diferente, porque as distâncias se encurtaram. “Tu faz um filme aqui e manda ele para o outro lado do mundo. Pegamos o ônibus hoje e amanhã estamos em Montevideú. Tu pega um avião, em 11 horas está na Europa.”

Então a imigração tem mudado. A imigração feita pelos pais de Beatriz era daquelas de ir embora para a vida inteira, ou não voltar tão cedo. O pai de Miguel voltou depois de 40 anos, voltou para um lugar desconhecido! O pai de Beatriz migrou com 27 anos, e o tio com 16 anos. Depois, de muitos anos seu tio teve uma oportunidade de ir à Espanha, e todos disseram “por que tu não vai lá visitar?” Mas segundo Beatriz, ele disse que não tinha nenhuma lembrança de lá, era muito jovem, quando veio para o Uruguai e o seu contato com a Espanha era o irmão mais velho. “Ele comia batata, peixe, comida típica da Espanha, mas aquela coisa de vontade de voltar, por ter nascido lá, ele perdeu. Tu emigra e te integra em outra sociedade. Mas quando meu tio diz que não tem por que ir para Espanha, ele diz com um certo sentimento, pois embora ele tenha ficado tantos anos longe, acho que ele tinha vontade de ir lá, pois isso faz parte dele”, lembra.

Ao concluir seu depoimento Beatriz define sua situação de imigrante. Expondo o que significa, para ela, abandonar sua pátria, uma vez que define a imigração como uma situação definitiva, uma ruptura que ocorre e não pode ser esquecida. “Quando a gente imigra, na verdade passa a ser imigrante sempre, se mantém num estado de ser imigrante. Então eu me sinto assim, como te digo... eu me sinto imigrante na Espanha, no Uruguai, no Brasil, em qualquer outro país que eu for. Eu não me sinto, a pessoa é imigrante, mas quando eu volto para o Uruguai, até as questões de como que se diz no idioma, modismos

[gírias] estão mudadas, diferentes. Me sinto bem, me sinto adaptada, enfim, não vou dizer que me considero brasileira, porque não é uma coisa assim... Realmente não me preocupo muito com isso. No fundo, no fundo, não sei se sou brasileira, ou uruguaia, ou espanhola, é uma coisa assim que não está muito firme em mim.”

4.2.2.5 Miguel, a tradução do imigrante idealista e sonhador

Migrar tem outro peso quando se vem de uma família de imigrantes. Será que há alguma coisa genética, no desejo de desbravar outras terras, ou são variáveis, sociais, políticas e econômicas que impulsionam estes deslocamentos? Coincidência ou não, Miguel e seu pai abandonaram seus países quando tinham a mesma idade.

Seu pai imigrou com 17 anos para o Uruguai, Miguel imigrou com 17 anos para o Brasil. “Eu vim para cá com 17 anos, fiz todos os meus estudos aqui, meu pai era um baita trabalhador, ele queria que trabalhássemos com nossas mãos e nossa cabeça. Construtor, sou arquiteto e trabalho nas duas áreas [mãos e cabeça]. O interessante de tudo isso é que o trabalho intelectual, esse trabalho de faculdade, te abre a cabeça, os horizontes, faz com que as pessoas estejam preparadas para tudo, em matérias econômicas, de mercado.”

Sua mãe era uruguaia e sempre acolhendo imigrantes que vinham da Itália no pós-guerra, na 2ª Guerra Mundial. Do ponto de vista familiar, Miguel foi criado num ambiente em que se cultivava características italianas e uruguaias bem típicas. Seu padrinho era um primo-irmão “maior”- como ele descreve - filho do seu tio mais velho que morava na Itália, mais uma vez ligado aos imigrantes italianos em Montevideú. “Há

pouco tempo, tivemos a possibilidade de fazer uma viagem pela Espanha, França e Itália e pude conhecer o povoado onde nasceu meu pai, sempre quis conhecer a Via Roma n.º. 20, endereço de onde sempre vinha correspondência... Conheci, também, uma prima-irmã, irmã de meu padrinho. Eu nunca tinha visto, quando a vi disse ‘tu é a cara do meu padrinho’ e ela disse ‘tu é um neto do nosso avô!’, relembra emocionado.

Miguel, ainda cita Martin Luther King: ‘Eu tive um sonho, eu tenho um sonho’. E diz que os imigrantes têm muitos sonhos. Conta que a partir do seu casamento com “sua grande companheira” quando foram, juntos, bater à porta da Pompéia, algo reascendeu todas as chamas que haviam formado durante a juventude, no Uruguai. E prossegue falando do Boletim “O sonho que a gente tem é uma via de comunicação, quem sabe dos sonhos destes imigrantes, dessas realidades, algumas não muito positivas, mas que a gente tenta reverter, com o sonho de integração com o lugar em que estamos. Nós já estamos integrados, já temos raízes, um lugar nosso, três gauchinhos e mais um de quatro patas [referindo-se ao cachorro], entre outras coisas, e sem dúvida alguma, o sonho é como poder contribuir para a sociedade que nós vivemos. É um pensamento amplo, não é mesquinho, pelo contrário; e é o pensamento da realidade que tu podes constatar, de uma professora da UFRGS e de um arquiteto. De um trabalhador de uma firma de exportação/importação, batalhador, estudioso, leitor, apaixonado por filosofia. Isso nos une ao padre, a discutir com os padres a mudar ou não mudar, a não dizer amém, e se disser, que seja construtivo. Terra para sepulcros vamos deixar para os mortos. Viver o futuro!” , conclui.

Muitos sentimentos compõem a vida de uma pessoa, ainda mais quando essa pessoa é imigrante. Nas narrativas acima, histórias de vida se misturam à história do

CIBAI. Como numa trama de fios, saudade e acolhida, lembranças e medos, desejo do retorno e de assumir uma cidadania imigrante são elementos que constroem os relatos tornando-se pontos de análise no item a seguir.

4.3 Índices para análise e interpretação

A partir da utilização das histórias de vida foi possível traçar alguns índices sobre os elos que aproximam os imigrantes do boletim ‘A Família da Pompéia’. Para que se pudesse fazer uma análise e interpretação, esses índices foram divididos em: vínculos com o país de origem; sentidos que ligam o imigrante ao Boletim; memória de imigrante, e ser imigrante. Sendo que os dois primeiros itens estão sub-divididos em três categorias cada um, como pode-se visualizar na tabela a baixo.

Vínculos com país de origem	Laços familiares e de amizade
	Costumes e tradições
	Questões políticas
Sentidos que ligam o imigrante ao Boletim	Religiosidade
	Identidade cultural
	Veículo de informação entre os imigrantes
Memória de Imigrante	
Ser Imigrante	

Tabela 1 – Vínculos, sentidos, memória e ser imigrante

4.3.1 Vínculos com o país de origem

Foi possível perceber que são três os principais vínculos que ligam os imigrantes ao país de origem: os laços familiares e de amizade, os costumes e tradições e as questões políticas.

A vontade de voltar ao país e o acesso às notícias do país de origem acontecem, principalmente, por causa da ligação, com amigos e parentes, que independente da distância permanece existindo e quando deixam de existir, esse vínculo se rompe. Nesse sentido, vale a pena lembrar do depoimento de Rosina:

Eu vim para cá em 1951, aí voltei à Itália em 1975 e fiquei 9 meses, pois lá estava minha sogra. Depois voltamos para o Brasil e fomos para Itália de novo 1980, ficamos mais 9 meses. Agora que eles [os parentes e amigos] já faleceram ficamos por aqui. Mas saudade, a gente sente.... como vou te dizer, é o país da gente, a cidade, fica marcado no íntimo da pessoa, e a gente lembra, tem fotografia de um lado, fotografia do outro, de vez em quando a gente telefona para os primos pede notícias... hoje muitas das nossas amizades antigas não existem mais. (Rosina-italiana)

Outro vínculo importante está nas tradições e na cultura. Mesmo fora do seu país os imigrantes mantêm suas tradições e cultura, como a culinária, danças e roupas típicas, e o cultivo do idioma, uma vez que em casa, os imigrantes permanecem falando a língua materna. Quando o assunto são as tradições de cada país, Doris faz a seguinte afirmação:

O folclore boliviano é muito rico em músicas e danças, mas não há uma festa exclusiva dos bolivianos [na paróquia], então, na festa das nações eu vou vestida de boliviana e todo mundo gosta da minha roupa. (Doris – boliviana)

As questões políticas também se mostram fortes nas histórias de vida dos imigrantes, muitos reivindicam o direito de votar para presidente através de um consulado. Para os imigrantes latino-americanos há uma lei que permite que eles votem para presidente, mesmo se estiverem naturalizados em outro país. Porém precisam ir até o país de origem para votar, a votação não pode ser feita através de um consulado aqui no Brasil, como acontece com os imigrantes de origem européia. Talvez, devido ao fato das entrevistas terem sido feitas próximas às eleições municipais brasileira e presidenciais uruguaias, os latino-americanos entrevistados, muitas vezes, fizeram menção a isto, como podemos perceber no depoimento que segue:

Daqui a uma semana vai ter uma votação no Uruguai, para presidente da república, e também estamos engajados dentro desse trabalho e a Paróquia da Pompéia albergou uruguaios para votar com o intuito de fazer com que o Uruguai também se torne um país de primeiro mundo como a Itália, onde as votações para Itália foram feitas na Paróquia da Pompéia, voto consular ou via voto correio. Então essa era uma das grandes reivindicações, nós como imigrantes, nós não perdemos a cidadania uruguia, mas se temos que votar, temos que ir até Montevidéu. Aqui não pode votar. Poderíamos votar até no consulado, mas não existe lei que assegure isso. (Miguel – uruguaio)

4.3.2 Sentidos que ligam o imigrante ao Boletim

Durante essa abordagem percebeu-se que são três os principais sentidos que ligam os imigrantes ao Boletim: religiosidade; identidade cultural e veículo de informação entre os imigrantes (mídia local).

Alguns imigrantes já tinham um forte vínculo com a Igreja em seus países de origem, o que fazem, é manter esse sentido de religião em suas vidas, como é o caso de Beatriz, que encontrou o “CIBAI – Migrações” procurando religiosidade.

No Uruguai eu participava de um grupo de jovens em uma paróquia católica e como eu gostava muito, fiquei sabendo do grupo da Pompéia, eu disse para o Miguel, quem sabe a gente vai? Chegamos na Pompéia para participar do grupo de jovens, e quando entramos, perguntamos pelo grupo, com nosso sotaque carregado. "É aqui" responderam. O pessoal estava ali, tocando violão [e cantando] em castelhano, a gente adorou. Mas depois ficamos sabendo que o grupo que a gente queria era o de jovens, que se reunia nos fundos, não na frente. Porque não sabíamos que a paróquia era dedicada aos imigrantes. (Beatriz – uruguaia)

Outro sentido bastante importante é a questão lingüística da identidade cultural. Muitos imigrantes lêem o Boletim procurando uma identificação com a língua, com a cultura, com as tradições. É o caso de Leopoldo.

O fato do Boletim ser escrito em castelhano é muito bom porque te lembra tua língua natal. É muito difícil tu pegar uma coisa em castelhano em Porto Alegre, alguma página, só se entrar na internet. A maioria das pessoas de etnia latino-americana não tem acesso à internet. Se a pessoa tem acesso ao Boletim ela tem uma maneira de se comunicar com seu idioma nativo, é bom para ela, pelo menos uma vez por mês ela lembra o idioma que falava." (Leopoldo – chileno)

O terceiro grande sentido que liga os imigrantes ao Boletim é o de "mídia local". O veículo serve para os imigrantes como uma forma de comunicação entre eles. É como se fosse um jornal de bairro, mas que circula em toda cidade de Porto Alegre. Ao invés de falar sobre um local fala sobre muitos países e os protagonistas são os imigrantes. No Boletim eles se vêem representados, são ouvidos e falam também. Essa publicação serve um pouco para que os imigrantes se comuniquem com outros imigrantes e fiquem sabendo o que está acontecendo na paróquia, nas festas e outras notícias de interesse específico do grupo. O depoimento de Beatriz reforça isso.

Às vezes, através do Boletim, ficamos sabendo de alguma notícia, alguma novidade, e o Boletim é instrumento definitivo para tu te sentir parte de um grupo e tu pode optar por ir ou não àquela missa, ou almoço, mas pelo menos tu está sendo lembrado e convidado para ir lá. Muitas vezes as pessoas moram longe, uma característica que tem a Paróquia da Pompéia, por ser uma paróquia voltada para os imigrantes e não para o pessoal do bairro, tu mora longe, muitas vezes. Fica difícil participar. Então o Boletim faz esse trabalho, afirma que tu continua participando desse grupo. (Beatriz – uruguaia)

4.3.3 Memória de imigrante

Nas histórias de vida os imigrantes sempre direcionam seus olhares para o passado, e as memórias mais comuns relatadas por eles são referentes à chegada ao Brasil, ao primeiro contato com o “CIBAI – Migrações” e o Boletim, e a algum fato marcante em seu país de origem. O momento em que pisam em terras brasileiras pela primeira vez é sempre relatado como uma experiência não muito traumática e os brasileiros são tidos como hospitaleiros, pelos imigrantes, como podemos ver nessa afirmação.

Não é um rechaço, é o fato de ter um idioma diferente, de ser imigrante mesmo. Não é uma visão pessimista, mas estou convencida disso: o imigrante, aquele que sai do seu contexto, tem um idioma diferente, vai ser sempre imigrante. Por mais que seja um país como o Brasil, que por sinal é extremamente acolhedor, pelo menos o Rio Grande do Sul, mas ainda assim tu é imigrante. (Beatriz – uruguaia)

O primeiro contato com o “CIBAI – Migrações” aparece como um reencontro com a cidadania e com identidade de origem, para os imigrantes. Em suas histórias de vida, podemos perceber que o vínculo com a entidade é muito importante e definitivo na construção cultural desses atores sociais, como muitos dos depoimentos acima comprovam. Abaixo podemos conferir como Doris conheceu o Boletim:

Meu irmão que assistiu um seminário na Vila Betânia e conheceu a Rita [Margherita Bonassi], missionária da ordem dos carlistas, e naquele seminário fez amizade com ela que se interessou que frequentássemos a Pompéia. Depois de um dia, me ligou um rapaz peruano, dizendo que a Rita tinha dado o nosso número e ele gostaria de ir até a nossa casa conversar. Uma noite ele veio me informou sobre a Paróquia da Pompéia, que acolhia os imigrantes latino-americanos e italianos e ele gostaria que nos integrássemos, pois parece que não havia ninguém da Bolívia. Tinha chilenos, uruguaios... eu fui lá, gostei muito da Rita, e estava lá o padre Alexandre, me integrei com eles, participava das reuniões, recebia o Boletim, eu dava nomes para as mensagens. Conheci o Boletim lá pelos anos 80, já fazia quatro anos que estava na CEEE, é, acho que foi 1980. (Doris– boliviana)

Já a lembrança do país natal é sempre marcada por dor e sofrimento. Ou é uma lembrança de guerra, ou de violência política causada pelos regimes autoritários da ditadura, ou uma lembrança de crise econômica, pobreza, tendo que abandonar casa, e outros bens adquiridos com muito esforço. Alguns imigrantes chegam a dizer que foram expulsos de seus países.

Em uma das lembranças, mais fortes que tenho do Uruguai, desço do ônibus com uma dessas pastas com um monte de cadernos, e uns tênis de fazer esportes, vinha do colégio porque tinha uma realização dos soldados do exército. E ele me apontou com um fuzil perguntando se nós éramos colaboradores ou tupamaros⁴⁰. Essa é uma das lembranças mais ruins que tenho. (Miguel– uruguaio)

Depois veio a guerra... isso que é o lado mais triste que nós passamos. Naquela época se tu tinha, vamos dizer, em casa, cinquenta quilos de farinha, tinha que ser escondido, porque tinha que dividir com os outros. Era tudo racionado, o pão, o açúcar, o azeite. Às sete horas tinha que apagar a luz, não podia ficar com a luz acesa por causa dos aviões que passavam e atiravam as bombas (*aumenta tom da voz*), aquela cosa toda. Foi muito triste mesmo, esse período que nós passamos, no tempo da guerra... Porque lá na Calábria era o foco que eles embarcaram na Sicília, né, os americanos e os alemães, que eram junto com os italianos. Depois aquilo ficou uma esculhambação... Tinha muita munição perto do nosso lugar, era um desastre, né, porque passavam os aviões.... aquelas bombas explodiam... Foi uma cosa muito triste. Tenho a lembrança de certa vez que tivemos que fugir para as montanhas durante a noite, porque aquelas munições que tinha [no vilarejo] eles [os

⁴⁰ Movimento armado do final dos anos 70 que terminou culminando no golpe de estado de 1973 no Uruguai, e 1974 no Chile e na Argentina.

americanos] botaram fogo e tivemos que ir para longe da nossa cidade. Em casa ficou vidro quebrado, portas abertas... e foi assim. (Rosina – italiana)

4.3.4 Ser imigrante

Tentamos descobrir o que significava ser imigrante para cada um dos entrevistados. Procuramos identificar em suas falas qual era a perspectiva que tinham de si próprios, como imigrantes. Abaixo seguem alguns trechos extraídos dos relatos das histórias de vida desses imigrantes. Em nenhum momento eles estavam respondendo o que é ser imigrante, mas em todos eles estavam mostrando como se sentem.

Sou imigrante e sou filha de imigrantes. Meus pais tinham um bom sotaque, então o pessoal do Uruguai sabia que eles não eram uruguaios. Então eu me criei dentro desse ambiente, dessa característica de aceitar que meus pais e meu grupo eram diferentes das pessoas em geral. (Beatriz – uruguaia)

Misturo palavras em espanhol e em português, agora estou tentando falar em português com sotaque, isso aí é marca registrada dos imigrantes. (Miguel – uruguaio)

Eu sou chileno, estou assentado no Brasil...” (Leopoldo – chileno)

Nas falas dos imigrantes podemos perceber elementos que formam suas identidades culturais. A questão do sotaque, ou de ser “provisório” num país, retrata um pouco, como estes sujeitos se sentem frente ao novo país, onde são vistos como diferentes das outras pessoas. Quanto se fala em integração, não se busca igualdade, mas direito e respeito às diferenças. O que se pretende é aceitar a maneira particular de cada pessoa, de cada imigrante, ver o mundo.

4.4 O Boletim sob o ponto de vista dos imigrantes

Para pensarmos as alterações sofridas pelo Boletim ao longo do tempo e como isso influenciou na vida dos imigrantes precisamos ouvir os próprios imigrantes, pois somente eles serão capazes de expressar a importância de cada alteração em suas vidas... Através dos relatos percebemos os momentos em que o Boletim não foi tão imparcial como deveria e também as matérias que mais marcaram ao longo desses 35 anos.

Os temas abordados pelo Boletim são direcionados pelos padres. Em algumas épocas são temas mais ligados à integração cultural e social do imigrante, em outras o foco central é a religiosidade. Em uma época tinha um padre que era para latinos e italianos⁴¹, mas os italianos não querem que seja assim... geralmente acontece que eles exigem um padre italiano, ele é melhor visto. Tinha um padre italiano, o Franco, que veio diretamente da Itália e se enturmou com a colônia de italianos e fez reviver a colônia. Porque ele trouxe sangue novo, falava na rádio, tinha uma hora italiana, o Boletim dava mais espaço para italianos, então a comunidade estava bem representada e eles participavam. Quando se foi o Franco, eles ficaram como cachorro sem dono... depois do Franco veio o padre Valmir Darciole e Sergio Geremia. Mas o Franco, como era italiano mesmo, a comunidade acolheu muito bem. (Leopoldo – chileno)

4.4.1 Resgatando o Boletim

Ao buscar em sua memória, os momentos mais marcantes do Boletim e do “CIBAI – Migrações” em sua vida, Rosina não hesita e consegue recordar com exatidão o dia, mês e ano do acontecido:

Não tenho uma lembrança específica do Boletim, mas de um fato que ocorreu na época do padre Pio. Em janeiro, 8 de janeiro de 1982 vieram, assim, umas quarenta ou cinquenta pessoas do nosso lugar, junto com um padre e ficaram aqui um mês. O padre, ficou hospedado aqui em casa, e uns outros parentes, né. Cada um tinha

⁴¹ Atualmente, a paróquia conta com um padre para atender os latino-americanos e outro para atender os italianos, sendo que ambos se integram nos eventos propostos pelo CIBAI.

**FE Y CULTURA
PUERTAS ABIERTAS**

Los inmigrantes viven una misma Fe que se manifiesta de distintas formas según la cultura de cada Pueblo.

Es lo que aparece bien claro en la celebración de las fechas patrias y de la Virgen Patrona de cada país.

Es lo que se pudo experimentar el día 19/07 con el pueblo de Colombia, y la Virgen de Chiquinquirá; el día 20/07 con los calabreses y la «Virgine del Carmine».

Es lo que podrás vivir participando con los residentes bolivianos de la fiesta de la Virgen de Copacabana (09/08), así como el día 13/09 con los hermanos chilenos y la Virgen de Carmen, así como también en octubre con los hermanos de Perú en la fiesta del Señor de los Milagros...

Todas, distintas expresiones de una misma fe y una misma esperanza, una vez que «Uno es el Señor, una la fe, uno el bautismo. Uno es Dios, el Padre de todos, que está por encima de todos, y que actúa por todo y en todos» (Efesios 4, 5-6).

La Pompeya - Parroquia de los Migrantes - es puerta abierta a todas razas y culturas.

MIGRANTE CON LOS MIGRANTES

En la misa del 29 de junio p. nos despedimos de María Luiza Kroschardt que durará 25 años presto servicio en el Consulado General de Chile en Porto Alegre. A sólo 50 años llegó su momento cuando Jesús le dijo: «¡María Luiza, Yo era inmigrante chileno, y tú me acogiste! por eso te digo: entra conmigo en el Reino de los Cielos.» (Mt. 23,34)

Quin era, y cómo vivía María Luiza, se puede sentir por algunos testimonios del libro de mensajes de los amigos a la familia.

María Luiza:

« Chile te recordará siempre con cariño... «Que así aprendi contigo»... «Presca quenda e arivel!»... «allegre e acolhedora...»... «sempre pronta a servir»... «persona ten valiosa y excelente profesional de suma competência»... «con tu sonrisa sana y tu ganas de siempre ayudar, así te voy a recordar»... «¿Qué falta nos hace!»... «le recordaremos eternamente con cariño!» «Tu nombre quedará grabado en el corazón de toda la comunidad chilena en Rio Grande do Sul»

«María Luiza, eras brasileira, pero vestías como chilena; eras brasileira, pero orientabas como chilena; eras brasileira, pero pensabas como chilena; naciste brasileira y te fuiste chilena.

Hoy en la escuela de Chile brilla y vive como chilena.»

«Muchas gracias por tu sonrisa, gentileza y dedicación.»

«No fuiste una funcionaria, pero sí, una participante de nuestra comunidad chilena...» «Que Dios te abraze eternamente.»

«María Luiza, que o exemplo de tua vida seja para todos o verdadeiro modelo e a força para viver com generosidade.» «Desde el cielo, donde estás, «vega a Dios por el Pueblo Migrante.»

Português para Extranjeros

Vem a matric: SALAMANCA para perfeccionar tu Português.

Cursos em Canaã e Porto Alegre.

Interessado ligar al 472-0135 de 09:00 a 12:00 y de 14:00 a 18:00 horas.

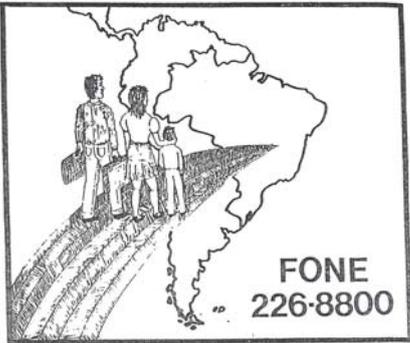


Figura 7 – Visão da página inteira e da nota específica.

Leopoldo abre o baú de suas memórias e conta como começou a participar efetivamente do CIBAI. Diz que no ano 1994, ele e sua esposa começaram a frequentar a Igreja Nossa Senhora da Pompéia, e foram escolhidos como casal coordenador para fazer *La Fiesta de Integración*. A seguir, está relatado em suas próprias palavras, como tudo aconteceu:

*Entonces, nós fomos escolhidos. Eu e minha esposa, para coordenar a festa. Depois da festa nós primeiro fizemos um balanço, havia de tudo e isto me marcou, porque era a primeira vez praticamente que se dava um balanço assim das festas. Uma coisa séria, entende, porque anteriormente os imigrantes faziam as coisas e era com doações e a gente ia lá e não existia mais nada.... Isso foi entre agosto e outubro de 1995. Depois saiu no Boletim ‘casal coordenador, Sílvia e Leopoldo fizeram isto e isto, juntou tanto’. E agora, no último que também *nosotros* escrevemos um texto (Leopoldo – chileno)*

FESTA DE INTEGRAÇÃO: 16/09/95



**FONE
226-8800**

MISSA 19:00 HS. - PRATOS TÍPICOS - MÚSICA AO VIVO E SHOW DE DANÇAS FOLCLÓRICAS

Já estamos no quinto ano de nossa tradicional festa latino-americana que tem como objetivo principal comemorar as festas pátrias dos países latino-americanos. Este evento não quer ser simplesmente um encontro a mais, mas sim um momento significativo na vida de cada um e de todos, onde a celebração da vida, a partilha dos ideais e as expressões culturais dão lugar ao ideal latino-americano.

Você que é imigrante tem um lugar especial nesta festa. Traga seus amigos também.

Outra finalidade é angariar fundos para a obra social da Pompéia e em particular para o Serviço Social, que acolhe, acompanha e ajuda as inúmeras dificuldades que os imigrantes encontram em sua nova realidade. A festa começa às 19h com missa em espanhol e continua com janta preparada com muito carinho, com seus pratos típicos, com show de danças folclóricas e música ao vivo. Adquirir o seu ingresso na Secretaria da Pompéia, pois no momento estarão à disposição somente 350 ingressos. Valor: R\$ 7,00. Desde já agradecemos a todos, em especial ao casal coordenador, Sr. Leopoldo e Sílvia, juntamente com a Equipe de Pastoral e todos os que de uma forma ou de outra estão participando. Bem-vindos!

V FESTA DA INTEGRAÇÃO LATINOAMERICANA

Aconteceu no dia 16/09/95 a nossa grande festa da integração, num clima de alegria e fraternidade, que deixou a todos contentes.

Em nossa reunião de avaliação da equipe de pastoral, que ajudou na preparação do evento, muitos foram os pontos positivos que encontramos.

Fato surpreendente foi a presença, este ano, de 16 (dezesseis) nacionalidades diferentes: Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Bolívia, Peru, Paraguai, Colombia, Costa Rica, República Dominicana, Guatemala, Angola, Espanha, França, Itália e Japão.

Podemos dizer, realmente, que houve verdadeira integração, entre todos os participantes, que dançaram e vibraram com o show de músicas e danças latinas. Também marcou presença a RBS TV, através do programa *con-sul*, que foi ao ar na manhã do dia 22/09.

Estamos vivendo um momento de Mercosul, de integração dos países da América Latina, embora nem sempre se consiga. Muitas vezes, a integração fica apenas no lado comercial, das grandes e médias empresas. A integração que nos interessa, sobretudo a verdadeira, é aquela em que o trabalhador migrante possa ter melhores condições de vida e de trabalho, sem tantos obstáculos burocráticos e legais, que dificultam sua vida.

Por outro lado percebe-se cada vez mais acentuado o desencontro das pessoas, numa sociedade urbana e que muitas vezes não promove a pessoa humana. Por estes e tantos outros motivos é que achamos de suma importância promover este momento de confraternização e encontro de várias nações e raças, com suas manifestações culturais diferentes e enriquecedoras.

Uma vez mais agradecemos a todos pela colaboração e participação esperando encontrá-los todos no próximo ano.



Figura 8 – Visão de duas páginas inteiras. Uma anunciando, outra prestando contas da festa

INFORME LATINO

XV FIESTA DE INTEGRACIÓN PALABRAS DEL CASAL COORDINADOR

INFORME LATINO

XV FIESTA DE INTEGRACIÓN PALABRAS DEL CASAL COORDINADOR

Queridos hermanos inmigrantes y comunidad católica de la Iglesia Nuestra Sra. del Rosario de Pompeya, hacemos un análisis del retrospecto que culminó con el éxito obtenido en la realización de nuestra fiesta número XV, en calidad de casal coordinador elegido por la asamblea y para beneficio de futuras organizaciones de este evento, es importante destacar lo siguiente:

1. Nuestra XV Fiesta de Integración constituyó un momento de encuentro de muchas etnias, tanto en el aspecto espiritual como en la celebración artística-cultural.
2. Es importante destacar el **TRABAJO EN COMUNIÓN** de todas las **ETNIAS**, que colaboraron mancomunadamente desde las primeras reuniones y la formación de las comisiones, pasando por la preparación de las comidas... las presentaciones artísticas, la repartición de los diferentes platos y otras que no recordamos.
3. La presentación de comidas típicas de diversos países ayudó al encuentro de las personas, al conocimiento de un aspecto importante de sus culturas, como es la culinaria. Esto, simplemente, sirvió para incentivar una asistencia multirracial más amplia en nuestra fiesta. Esperamos que en años venideros esto se amplíe.
4. No podemos dejar de detectar la ayuda y el trabajo integrado con las otras etnias que está aconteciendo con la comunidad brasileña de la parroquia. La colaboración de esta comunidad es esencial para el éxito de la fiesta, tanto ahora como en el futuro.
5. Como bien destacara el P. João Corso. El trabajo integrado de las distintas comunidades étnicas, metiendo las manos en la masa desde el inicio hasta la realización de la fiesta. Debe servir de incentivo para otras comunidades para integrarse en el futuro.
6. Constatamos que la Comunidad de la Pompeya, dirigida por los Padres João, Joaquín y Jairo, "la triple J", no sólo incentiva este tipo de trabajo, tratando de integrar también toda la Orden Scalabriniana, como también, a los Seminaristas, sino también busca cada día ampliarlo más.
7. Por último, no podemos dejar de agradecer a cada uno de los que gentilmente cooperaron para el éxito de la XV Fiesta de la Integración, que en lo monetario nos dejó un aporte de R\$ 3.535,77 cantidad que con certeza ayudará a muchos inmigrantes que golpean las puertas de nuestra Parroquia en busca de ayuda. Pero no debemos olvidar que si este dinero sirva a un buen objetivo, más importante que todo fue el trabajo en comunión que fue desplegado para alcanzar el éxito constatado. Todo esto motivado por el lema **"INMIGRANTES, MENSAJEROS DE JUSTICIA Y PAZ"**. Que la próxima XVI Fiesta de Integración sea tanto más exitosa que ésta. Saludos cariñosos.

SILVIA Y LEOPOLDO

Queridos hermanos inmigrantes y comunidad católica de la Iglesia Nuestra Sra. del Rosario de Pompeya, hacemos un análisis del retrospecto que culminó con el éxito obtenido en la realización de nuestra fiesta número XV, en calidad de casal coordinador elegido por la asamblea y para beneficio de futuras organizaciones de este evento, es importante destacar lo siguiente:

1. Nuestra XV Fiesta de Integración constituyó un momento de encuentro de muchas etnias, tanto en el aspecto espiritual como en la celebración artística-cultural.
2. Es importante destacar el **TRABAJO EN COMUNIÓN** de todas las **ETNIAS**, que colaboraron mancomunadamente desde las primeras reuniones y la formación de las comisiones, pasando por la preparación de las comidas... las presentaciones artísticas, la repartición de los diferentes platos y otras que no recordamos.
3. La presentación de comidas típicas de diversos países ayudó al encuentro de las personas, al conocimiento de un aspecto importante de sus culturas, como es la culinaria. Esto, simplemente, sirvió para incentivar una asistencia multirracial más amplia en nuestra fiesta. Esperamos que en años venideros esto se amplíe.
4. No podemos dejar de detectar la ayuda y el trabajo integrado con las otras etnias que está aconteciendo con la comunidad brasileña de la parroquia. La colaboración de esta comunidad es esencial para el éxito de la fiesta, tanto ahora como en el futuro.
5. Como bien destacara el P. João Corso. El trabajo integrado de las distintas comunidades étnicas, metiendo las manos en la masa desde el inicio hasta la realización de la fiesta. Debe servir de incentivo para otras comunidades para integrarse en el futuro.
6. Constatamos que la Comunidad de la Pompeya, dirigida por los Padres João, Joaquín y Jairo, "la triple J", no sólo incentiva este tipo de trabajo, tratando de integrar también toda la Orden Scalabriniana, como también, a los Seminaristas, sino también busca cada día ampliarlo más.
7. Por último, no podemos dejar de agradecer a cada uno de los que gentilmente cooperaron para el éxito de la XV Fiesta de la Integración, que en lo monetario nos dejó un aporte de R\$ 3.535,77 cantidad que con certeza ayudará a muchos inmigrantes que golpean las puertas de nuestra Parroquia en busca de ayuda. Pero no debemos olvidar que si este dinero sirva a un buen objetivo, más importante que todo fue el trabajo en comunión que fue desplegado para alcanzar el éxito constatado. Todo esto motivado por el lema **"INMIGRANTES, MENSAJEROS DE JUSTICIA Y PAZ"**. Que la próxima XVI Fiesta de Integración sea tanto más exitosa que ésta. Saludos cariñosos.

SILVIA Y LEOPOLDO

Figura 9 – (dez anos depois) Visão da página inteira e da nota específica

Ao pegar em suas mãos uma edição antiga do Boletim, Beatriz sorri, ao lembrar de um momento importante na história dessa publicação. Momento em que efetivamente ‘A Família da Pompéia’ serviu de vínculo identitário para ligar os imigrantes entre si, com a comunidade e com suas culturas de origem. Esses encontros típicos que foram realizados pelo CIBAI durante anos consecutivos, reuniam imigrantes de diversas nacionalidade em atividades culturais, artísticas e esportivas. Nesses encontros aconteciam campeonatos de Ping Pong, entre os latino-americanos, apresentações teatrais, feitas pelo grupo uruguaio “*Los Cumplices*”, fogão crioulo e muitos momentos de reflexão cultural. Todos os sábados à noite havia uma programação diferente, sempre regada a muita comida e bebida típica. A seguir, ela fala de como era o *Rincón de los Latino-Americanos*,

Me lembro do *Rincón de los Latino-Americanos*. Participava, não era na Pompéia, era numa praça do lado da Pompéia que acontecia aquele encontro típico. A gente levava um garrafão de vinho e conversávamos entre todos para levar um prato de comida salgada, alguma coisa e fazíamos a tal da *peña*. Era um encontro de sábado à noite, a gente se reunia, tocava música... (Beatriz– uruguaia)



EL RINCÓN DE LOS LATINOAMERICANOS

El grupo jóvenes "AMÉRICA SIN FRONTERAS", dá su recado:

Se busca: Un joven dinámico.
 Un joven alegre; que quiera integrarse y hacer amistad.
 Un joven que está en busca de un ideal.
 Un joven latinoamericano.

Si lo encuentras, traelo los viernes a las 19:00 hs. a nuestra parroquia.
 Si tenés guitarra, y sabes tocar algo, por poco que sea vení, juntate a nosotros, y vamos alegrar la casa del Señor.

GRUPO INFANTIL - Queriamos informar, que está funcionando el Grupo Infantil latinoamericano; con juegos, arte, competencias. Acercate los sábados a las 16:00 hs. Contamos contigo!!

DÍA DEL FOGÓN CRIOLLO



Era de noche y llovía cuando nos reunimos para intercambiar ideas, integrarnos, y conocernos mejor.- Noche fría, pero de mucho calor, calor humano.
 En una sincera demostración de hermandad, dialogamos problemas comunes; buscando encontrar una solución para ellos.
 Entre músicas, cantos, mate; mientras una torta iba y otra venía; planeamos las actividades del grupo latinoamericano.
 Eso fué, el día 27 de mayo. Día de unión. Día de confraternización. Día del fogón criollo!

19 DE JUNIO, DÍA DEL MIGRANTE - Agradecemos a todos los amigos que estuvieron presentes en el canal 10 de la televisión celebrando el día del migrante.

25 DE JUNIO - FIESTA DE SAN JUAN - Muchas gracias a todas las personas que trabajaran y colaboraran para que la fiesta de San Juan fuese un suceso.

DOMINGO, 10 DE JULIO

Como todos los segundos domingos del mes, a las 11,15 hs Misa en español y a las 12:00 hs almuerzo. Confirme su presencia al teléfono: 26-8800.

Figura 10 – Visão da página inteira, pois o todo compõe *El Rincón de los Latino-Americanos*

Ao rememorar o Boletim, Miguel se perde em meio a tantas lembranças. Fala de um trabalho que o CIBAI realizou durante quase cinco anos atendendo a imigrantes presos e da importância que o Boletim dá aos imigrantes que participaram da Paróquia, mesmo após seu falecimento.

O acompanhamento aos presidiários realizado pela instituição gerou muitas manifestações no Boletim. Entre elas, havia uma sessão chamada “Ecos do presídio”, onde os imigrantes encarcerados tinham voz, eram representados através de suas cartas, que eram publicadas. Essa atitude do Boletim manifestava o interesse de resgatar a cidadania de todos os imigrantes, mesmo aqueles, que a maioria, já julgava perdidos.

Em determinado momento se fez uma pastoral para migrantes latino-americanos que estavam na penitenciária, até alguns relatos deles apareceram no Boletim, eu diria há uns 17 anos... Havia presos que estavam a mais de dois anos no presídio central sem receber uma visita, os pais no Uruguai ou Argentina, não sabiam que os filhos estavam presos, pois estavam incomunicáveis. Os presos que saíam em liberdade participavam dos almoços [na igreja] e retornavam aos países de origem para reiniciar uma nova vida. (Miguel– uruguaio)

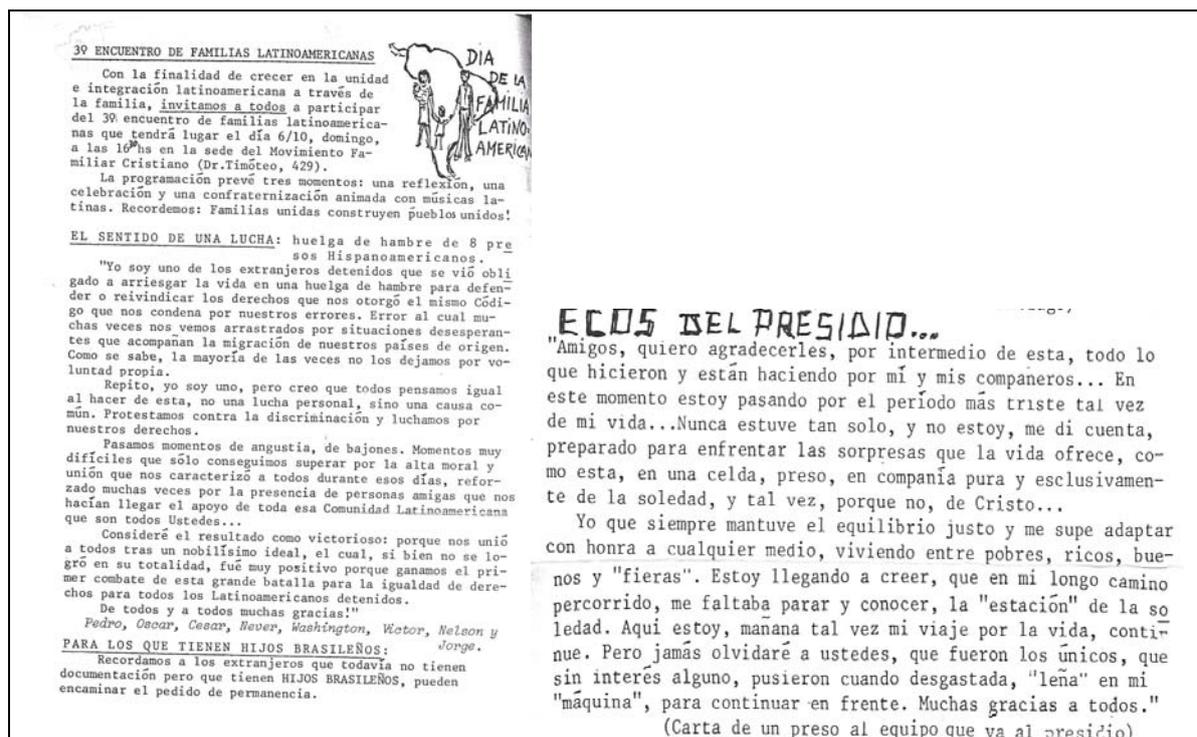


Figura 11 – Duas páginas distintas. Uma com a visão do todo *El sentido de una lucha* (é o texto sobre o presídio). A nota é de outra edição do mesmo ano, com uma carta de um detento.

Ao exaltar os entes queridos, após o falecimento, 'A Família da Pompéia', encontra mais uma forma de ligar os imigrantes à entidade. Essa relação de gratidão e auxílio nos momentos mais difíceis torna o imigrante mais próximo do Boletim.

Nós tivemos a perda de dois familiares, foi a mãe, aos 82 anos - e no Boletim da Pompéia foram escritas lembranças de muito carinho pela contribuição que ela havia dado, de como nós lembrávamos dela, como mãe imigrante, como velhinha, com 80 anos participando da missa. Outra, foi nossa comadre, batalhadora, sempre ao lado dos imigrantes sendo brasileira, era ex-freira, que migrou para Uruguai para fazer votos de pobreza lá, e a gente terminou conhecendo aqui, por sinal uma perda irreparável, era uma mulher jovem, 60 anos, tinha conseguido se eleger conselheira tutelar em Porto Alegre não pôde assumir o cargo pois faleceu por problemas de câncer de mama. O nome dela era Florinda, tinha um trabalho belíssimo no bairro Floresta, apoiado pela Paróquia e pela comunidade. (Miguel – uruguaio)

AFORO TERAPÉUTICO PARA INMIGRANTES

Un equipo de psicólogos está ofreciendo, a partir de la segunda quincena de julio, un Programa de acompañamiento psicológico con los siguientes servicios:

1. **Acompañamiento individual semanal para niños y adolescentes.** Todos los días viernes de 14.30 a 17.00 horas. Resp: Psicóloga María Angélica Zamora.
2. **Acompañamiento individual semanal para jóvenes y adultos.** Todos los días miércoles de 15.00 a 17.00 horas. Responsable: Psicólogo Carlos Novado.
3. **Acompañamiento grupal quincenal para jóvenes y adultos.** Sábados alternados a partir de 11.00 a 13.00 horas. Responsable: Psicóloga Blanca Morales.

• Deben estar matriculados en las dependencias de la Iglesia de la Pompeya.

• Interesados: reserven su hora con el secretario Edukado.

• Caso alguien quiera participar y no disponga de medios de transporte, hable con Edukado.

• Para nuevos participantes y por respuesta a los profesionales que nos brindan sus preciosos servicios, pedimos que nos envíen y puntual a los horarios establecidos.

¡¡¡¡¡

¡ADIÓS QUERIDA TOTA!

A los 82 años, consagrada a la familia y a la comunidad de la Pompeya, confortada por el sacramento de la Santa Unción de los Enfermos, el día domingo 27 de junio p.p. partió para la casa del Padre la señora **María Irma Rodríguez de Cammarota**.

Cumplida su misión de esposa, madre y abuela, como migrante, pasó a la Patria Grande según nos dice la Escritura Sagrada: **“somos ciudadanos del cielo.”**(Fil. 3,20)

En las exequias y en la misa de 7º día, ¡qué lindo clima de fe y de esperanza cristiana!

TOTA: resuena en nuestro corazón tu expresión maternal: **“¡Cuidáte!”** y nosotros te decimos: **“¡¡Nos vemos!!”**.

MARIA LIZZA

No se olvidamos Chile y amigos de la Pompeya el día Domingo 27 de junio p.p. nos fueron enviados y celebrada la Eucaristía en su memoria. Te seguimos muy presente en nuestra vida de Migrantes. Y ya que está con el Cristo Resucitado pide que nos ayude a caminar seguros para la Patria Definitiva.

FIESTA DE LA INTEGRAL

El día 3 de julio del 2004, a manera XV Fiesta de la Integración como: **Intero.** **“¡Dedicados los caminos hacia la paz.”**

Según nuestra profundización tal el objetivo, puesto que más de 1400 se dieron las manos, pertenecientes nacionalidades diferentes: latinos, e asiáticos.

En la ayuda de más o en acciones voluntarias y cooperativas sería posible realizar la fiesta importante en la integración de países, el encuentro de los cuerpos los amigos y de los familiares.

Esta fiesta que es muy po significativa, promueve una gran unión no solo durante el evento, sino durante la organización y una amplia convivencia tal muy alegre y el grito la organización, el amor, el amor a la misma fiesta del grupo, Chile, los hijos y el bello, dando así gran satisfacción a los organizadores que: **Feder. Leopoldo y la Sra. Elise**.

Agudecemos con mucho cariño a los de la comisión organizadora y por ser amigos y hermanos, al momento de la fiesta de la paz, de paz entre Chile y Buenos Aires.

Otro objetivo del evento: recordar diácono, para ayudar inmigrantes más necesitados. Se va el siguiente balance:

Entradas: **RS 5.500.00** ;
 salidas: **RS 3.221.00** ;
 lucro: **RS 2.287.18**.

Nuevamente y de corazón ¡Gracias, muchas gracias a los colaboradores y al acción social.

ACUERDO MERCOSUR

Para los Estados Partes del MERCOSUR sigue tramitando en los 4 Parlamento del ACUERDO del MERCOSUR. En Brasil, a fines de mayo, sólo aprobado por el Senado. Esperamos que lo más rápido posible se cumplan las formalidades necesarias de cada Estado Parte, que los 4 presidentes ratifiquen dicho ACUERDO y que comprometan a Asociaciones para que entre en vigencia y los inmigrantes puedan regularizar su situación y lograr su plenitud de vida.

LEY

Conclusiones y propuestas a San Pablo la oficina de forma pidiendo al gobierno brésilense una nueva Ley para los inmigrantes.

El día 27 de junio, el Ministerio del Trabajo Ricardo Deciani se mantuvo con relación al tema: **“El gobierno quiere cambiar la ley que trata de la permanencia de extranjeros en el país.”**

Un grupo de trabajo, encabezado por el presidente del Consejo Nacional de Inmigrantes Nelson Fontán, se hizo cargo de presentar un anteproyecto hasta fines de julio.

¡ Esperemos y seguiremos !

Los que queremos conocer los **PROYECTOS** de la Parcial del Inmigrante para la Nueva Ley se comprometen a la Pompeya.

ACUERDO MERCOSUR

Para los Estados Partes del MERCOSUR sigue tramitando en los 4 Parlamento del ACUERDO del MERCOSUR. En Brasil, a fines de mayo, sólo aprobado por el Senado. Esperamos que lo más rápido posible se cumplan las formalidades necesarias de cada Estado Parte, que los 4 presidentes ratifiquen dicho ACUERDO y que comprometan a Asociaciones para que entre en vigencia y los inmigrantes puedan regularizar su situación y lograr su plenitud de vida.

Figura 12 – Visão da página inteira e da nota específica.

Ao possibilitar que os imigrantes reconstruam junto com o pesquisador a história do veículo, buscando em suas memórias os momentos mais marcantes da publicação ao longo de suas quatro décadas, consegue-se perceber os elos de ligação entre os imigrantes e o Boletim. As festas, o acolhimento e a busca por uma unidade proposta pelo Boletim são elementos que solidificam esta mídia e possibilitam a expressão de sua diversidade cultural por parte dos imigrantes.

* * *

A análise apresentada neste capítulo tenta contemplar toda a trajetória do Boletim, direcionando o olhar a cinco de seus exemplares. A história dessa publicação é construída de forma paralela às histórias de vida de seus receptores e através destes, conseguimos perceber a influência do Boletim na vida das pessoas e os reflexos de suas mudanças sob a perspectiva dos imigrantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encheram a terra de fronteiras, carregaram o céu de bandeiras. Mas só há duas nações – a dos vivos e a dos mortos. Juca Sabão
(Mia Couto, 2003, p.13)

Após quase dois anos imersa em meu objeto de trabalho, aprimorando leituras, debatendo textos em fóruns de discussão e vivenciando o dia-a-dia da pesquisa empírica, muitos pontos foram observados.

Esse longo percurso começou quando iniciei o mestrado, mas as primeiras descobertas surgiram com as disciplinas cursadas nesse período que me permitiram ampliar o ângulo de visão e contemplar o todo, por meio de um fragmento desse universo. Quando iniciamos uma pesquisa, a grande dificuldade é delimitar o que de fato é o problema, pois são muitas as indagações que surgem ao longo do processo e na ânsia de desvendar “tudo”, às vezes acabamos nos perdendo no caminho. Mas o importante é que logo recuperamos o rumo, com a ajuda preciosa do orientador e de tantos outros professores que sempre que solicitados acenam com uma nova possibilidade a seguir.

Parto daqui para dizer que hoje estou segura de ter desvendado o grande problema dessa dissertação, que era descobrir quais são os vínculos que ligam os

imigrantes ao Boletim ‘A Família da Pompéia’, sendo que esses vínculos são um dos pilares que mantém a publicação em circulação até hoje.

Primeiramente fiz uma série de visitas à entidade não-governamental, vinculada à Igreja Católica chamada “CIBAI – Migrações”, local onde o Boletim é produzido. Durante estas visitas ocupei-me fazendo uma pesquisa nos documentos guardados pelo CIBAI e conversando com os dirigentes para saber sobre a participação dos imigrantes na publicação. Após essa primeira aproximação comecei as visitas aos imigrantes selecionados para as histórias de vida.

As visitas foram a chave para encontrar a resposta sobre os vínculos envolvendo imigrantes e o Boletim. Em primeiro lugar o que atrai os imigrantes é um elo que o veículo estabelece, ainda que “abstrato”, com o país natal. Através da publicação esses atores sociais têm a possibilidade de conviver com o seu idioma de origem. Além disso, a entidade busca reunir os imigrantes, assim eles podem periodicamente encontrar pessoas vindas do mesmo país, com as mesmas saudades, mesmas necessidades, mesmos medos. Pessoas que conhecem o lugar onde eles nasceram e, às vezes até têm um amigo em comum. Esse laço com “a sua terra” e a “sua gente”, que o Boletim estimula, é o ponto forte da publicação, que também conta com outros vínculos bastante importantes. Um deles é o serviço de integração que a publicação oferece, através de festas onde reúnem-se várias comunidades de imigrantes de distintas nacionalidades e alguns brasileiros. No que se refere à integração o Boletim também faz o papel de uma mídia local que circula por toda cidade de Porto Alegre, através da qual os imigrantes se sentem acolhidos e pertencentes a um grupo.

Outros vínculos que ligam estes atores sociais ao Boletim é a questão da religiosidade e identidade cultural. A religiosidade vem contemplada com o sentido de continuidade, de manutenção. É como se “ao menos Deus” houvesse em qualquer território geográfico, é como se esse Ser Superior pudesse sempre acompanhá-los, dando a sensação de proteção, de não estar sozinho. E o Boletim trabalha bastante esse tema, encarando o próprio Jesus Cristo como um migrante, buscando a identificação do imigrante com estratégia de vínculo entre ele e ‘A Família da Pompéia’, que por sinal recebe esse título, por ser uma tentativa de “família”, para os que chegam sem parentes ou amigos no Brasil.

A questão da religiosidade não é foco central da discussão aqui proposta, no entanto, sob esse viés, são muitas as observações que podem ser feitas. É sabido, que há um novo grupo de sacerdotes preocupados com o bem estar do ser humano, neste caso, a integração do imigrante à nova sociedade. Mas, também há uma grande parcela de religiosos que buscam apenas ampliar seus rebanhos e utilizam-se de momentos em que as pessoas estão vulneráveis para fazer isso⁴².

A identidade cultural, último vínculo mencionado, perpassa pelos outros todos. É a busca por não perder sua essência, mesmo incorporando novos elementos culturais. A manutenção das raízes através da dança, da culinária, do artesanato de cada país, das roupas, etc. Esses traços são trabalhados pelo Boletim e pelas confraternizações propostas pelo “CIBAI – Migrações”, em busca de utilizar a publicação como um vínculo do imigrante com o outro imigrante e não somente do imigrante com a entidade. Essa trama de sentidos, de cores, de culturas e de imagens que formam o imigrante e compõem o

⁴² Não é o caso dos párocos que coordenam o CIBAI atualmente, no entanto, não podemos ignorar o fato de que ao longo dos 35 anos de existência do Boletim isso pode ter ocorrido. Caberia aqui uma longa discussão que não será realizada por fugir do tema discutido na dissertação.

CIBAI, são a garantia de perenidade desse veículo e a grande ligação entre o Boletim e os receptores, na busca da obtenção de uma cidadania plena.

Assim, após o término dessa pesquisa pode-se dizer que apesar do Boletim 'A Família da Pompéia' ser um veículo de circulação restrita, tiragem pequena e não contar com um profissional de comunicação, seus 35 anos de história provam sua importância e apontam para um longo período de vida pela frente. No entanto, é provável que muitas alterações prossigam ocorrendo, devido à mudança no perfil das imigrações.

Acredito que em poucos anos, o Boletim não tenha mais a página em italiano, pois embora tenham sido os italianos que ajudaram a construir a Igreja Nossa Senhora da Pompéia e o Boletim, e ainda hoje, sejam produzidos com auxílio financeiro desses imigrantes, os membros da comunidade italiana já têm uma idade bastante avançada e seus descendentes não possuem os mesmos vínculos com o veículo. Outra possibilidade é que devido à falta de recursos financeiros e ao avanço tecnológico, o Boletim deixe de ser produzido de forma impressa e o CIBAI passe a fazer as divulgações de festas e assessoramento ao imigrante via internet, uma vez que a entidade já possui um site, onde traz as mesmas notícias do Boletim, além de abordar alguns outros temas.

Seria o caso desses atores sociais migrarem do meio impresso para o digital, mas mantendo os mesmo sentidos de vínculos. Essas são indagações para o futuro, nada nos garante que as coisas serão de uma ou de outra maneira, a única conclusão efetiva é que essa união entre imigrantes e sociedade receptora, que é feita via Boletim, é de suma importância na vida desses atores sociais, em busca de uma integração sociocultural no novo país.

Acredito que esse estudo poderá contribuir para desencadear um processo reflexivo nos imigrantes a partir dos dados e resultados alcançados e do convívio entre pesquisadora e sujeitos, numa troca de experiências. Os resultados obtidos com o trabalho de campo possibilitarão traçar os pontos de vital importância do Boletim, diante dos quais será possível indicar alterações a serem feitas. Desta forma o “CIBAI – Migrações” poderá oferecer aos imigrantes uma publicação cada vez mais preocupada com o reconhecimento e aceitação de sua identidade, no contexto portoalegrense, contribuindo com a sua inserção cada vez maior no espaço e integração com as demais culturas.

REFERÊNCIAS

ALLENDE, Isabel. *Meu país inventado*. Rio de Janeiro: Bertrad Brasil, 2004.

BAENINGER, Rosana; LEONCY, Carla. Perfil dos estrangeiros no Brasil segundo autorizações de trabalho (Ministério do Trabalho e Emprego) e registros de entradas e saídas da Polícia Federal (Ministério da Justiça) In: BERQUÓ, Elza (Org.) *Migrações internacionais – contribuição para políticas*. Brasília: CNDS, 2001. p. 547 – 562

BAENINGER, Rosana. Brasileiros na América Latina – o que revela o projeto imilacelade. In: BERQUÓ, Elza (Org.) *Migrações internacionais – contribuição para políticas*. Brasília: CNDS, 2001. p. 283 – 326

BAUER, Martin W. ; GASKEL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BLANCO, Cristina. *Las migraciones contemporáneas*. Madrid: Alianza, 2000.

BONASSI, Margherita. *Canta, América sem fronteiras! Imigrantes latino-americanos no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2000.

CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CHECA, Francisco (ed). *Las migraciones a debate. De las teorías a las prácticas sociales*. Barcelona: Icaria y Antrazyt, 2002.

COGO, Denise Maria. *Mídia, Imigração e Interculturalidade – estudo das estratégias de “mídiação” dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto*

brasileiro. São Leopoldo: UNISINOS, 2004. 329 f / 2V.– Relatório de pesquisa – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.

COGO, Denise Maria. *No ar uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998.

COMIG, Centro de orientação ao migrante. *Migrações e Espiritualidade Scalabriniana*. Porto Alegre: Ed. Renascença, 2001.

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CUNHA, Isabel Ferin. *Imagens da imigração em Portugal. Media & Jornalismo*. Coimbra, v. 2, nº 2 p. 71-87, 2003.

DA MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua; espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 71 –104.

FORTES, Waldyr Gutierrez. *Relações Públicas: processos, funções tecnologia e estratégias*, SUMMUS, São Paulo: 2003.

FUNARI, Pedro Paulo. A cidadania entre os romanos. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 48 – 79.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Latinoamericanom buscando lugar en este siglo*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *La globalización imaginada*. Buenos Aires: Paidós, 2001.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, desiguales y desconectados – Mapa de la interculturalidad*. Barcelona: Gedisa, 2004.

GENTILLI, Victor. O conceito de cidadania, origens históricas e bases conceituais: os vínculos com a comunicação. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 19, dez. 2002. p.41 – 55.

GOMES, Pedro Gilberto; COGO, Denise Maria. *O adolescente e a Televisão*. São Leopoldo: Unisinos, 1998.

GRISA, Jairo. *Histórias de Ouvintes – A audiência popular no rádio*. Itajaí: Univali, 2003.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Cidades-Estados na Antigüidade Clássica. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 29 – 47.

HALL, Stuart. *Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KAPLÚN, Mario. *Uma pedagogia de la comunicación*. Madrid: La Torre, 1998.

LORITE GARCIA, Nicolás. *Tratamiento informativo de la inmigración en Españã*. Madrid: Grafo, S. A., 2004.

LUCAS, Javier de. *Globalización e identidades. Claves políticas y jurídicas*. Barcelona: Icaria y Antrazyt, 2003.

MACHADO, Michelli. *Mídias Comunitárias e Imigrações: Análise dos boletins A Família da Pompéia, Integrar e Vai-Vem*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. Monografia (Graduação em Comunicação Social Hab. Jornalismo) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. *A Saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARRE, Jacques Léon. História de vida e método bibliográfico. *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, v. 3 n. 3, p.89-141, jan./jul. 1991.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios as mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MEIHY, José Carlos. Sebe Bom. *Manual de História Oral*, 2 ed. São Paulo: Loyola, 1998.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *Dialéctica de la mediación televisiva – estructuración de estrategias de recepción por los televidentes Anàlisis*. Barcelona, nº 15, p. 31-44, 1999.

PAJERES, Miguel. *La integración ciudadana: una perspectiva para la inmigración*. Barcelona: Içaria y Antrazyt, 2003.

PAPADEMETRIOU, Demetrios. In: I Congresso – *Imigração em Portugal: diversidade, cidadania e integração*. Lisboa: ISBN, 2004.

PEIXOTO, Néelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto (Org.) *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 361 – 365.

PERUZZO, Cicilia Maria K. *Comunicação nos movimentos populares – A participação na construção da cidadania*. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia Maria K. *Mídia local e as suas interfaces com a mídia comunitária*. In: Intercom. Belo Horizonte –MG, 2003.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker, 1999.

SAID, Edward W. *Fora do Lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição imigrante. São Paulo: *Travessias*, revista, p. 01-32, janeiro 2000.

SEYFERTH, Giralda. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.). *Região e nação na América Latina*. Brasília/São Paulo: Editora da UNB/Imprensa oficial do Estado. 2000. p. 81-110.

SILVA, Marconi Oliveira da. A práxis jornalística. In: *O mundo dos fatos e a Estrutura da Linguagem*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

TRAQUINA, Néelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

VALA, Jorge. In: I Congresso – *Imigração em Portugal: diversidade, cidadania e integração*. Lisboa: ISBN, 2004.

VAN DIJK, Teun A. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Buenos Aires: Paidós, 1997.

VIEIRA, Liszt. *Os Argonautas da Cidadania: a sociedade civil e a globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001. Cap. 1 e Cap. 13.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria do trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1995.

Entrevistas

BIANCHIMANO, Rosina Marzano. História de Vida. Porto Alegre, 24-08-2005

BIANCHIMANO, Rosina Marzano. História de Vida. Porto Alegre, 22-10-2004

CAMMAROTA, Miguel Rodriguez. História de Vida. Porto Alegre, 24-08-2005

CAMMAROTA, Miguel Rodriguez. História de Vida. Porto Alegre, 22-10-2004

FERNANDEZ, Beatriz Varela. História de Vida. Porto Alegre, 24-08-2005

FERNANDEZ, Beatriz Varela. História de Vida. Porto Alegre, 22-10-2004

GALLO, Leopoldo Alberto Arqueros. História de Vida. Porto Alegre, 19-08-2005

GALLO, Leopoldo Alberto Arqueros. História de Vida. Porto Alegre, 22-10-2004

SALINAS, Maria Doris Laza. História de Vida. Porto Alegre, 24-08-2005

SALINAS, Maria Doris Laza. História de Vida. Porto Alegre, 25-10-2004

OBRAS CONSULTADAS

ARNT, Hérís; ESTRELLA, Charbelly. Comunicação dirigida a mulheres de baixa renda: novas possibilidades de inserção social. In: FREITAS, Ricardo Ferreira. *Desafios contemporâneos em comunicação: perspectiva de relações públicas*. São Paulo: SUMMUS, 2002.

BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Bertrand do Brasil, 1989.

CÁCERES, Jesús Galindo. *Sabor a ti: metodología cualitativa em investigación social*. Xalapa: Universidad Veracruzana, 1997.

COGO, Denise Maria. *Lógicas midiáticas e dinâmicas interculturais: para um estudo das estratégias de mediação das migrações contemporâneas no cenário brasileiro*. In: XII Compós. Recife – PE, 2003.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 2002.

FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas Técnicas para Trabalho Científico. Explicação das Normas da ABNT*.- 13, ed. –Porto Alegre: sn., 2005.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumo cultural en América Latina*. Santafé de Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1999.

GOMES, Pedro Gilberto. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas, 1990.

GOMES, Pedro Gilberto. *Multiculturalismo e esfera midiática: a (re) descoberta dos 500 anos na mídia brasileira*. São Leopoldo: UNISINOS, 2002. 211 f. – Relatório de pesquisa – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2002.

GRIMSON, Alejandro. *Relatos de la diferencia y la igualdad – los bolivianos en Buenos Aires*. Buenos Aires: Ed. Universitária de Buenos Aires, 1999.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KUCINSKI, Bernardo. *A aventura alternativa – o jornalismo de oposição dos anos 70. A síndrome da antena parabólica – ética no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1991. p. 177 – 198

MARTINS, José de Souza. *O problema das migrações no limiar do terceiro milênio. O fenômeno migratório – desafios pastorais*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998. p. 19 – 34

MILESI Rosit, BONASSI, Margherita e SHIMANO, Maria Luiza. Migrações internacionais e a sociedade civil organizada: entidades confessionais que atuam com estrangeiros no Brasil e com brasileiros no exterior. In: BERQUÓ, Elza (Org.) *Migrações internacionais – contribuição para políticas*. Brasília: BNDS, 2001. p. 563 – 588

MORAES, Dênis de.(org). *Por uma Outra Comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MÜLLER, Karla Maria. A presença palestina na mídia impressa fronteiriça. In: OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. (org.) *Guerras e Imigrações*. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

MÜLLER, Karla Maria. *Contextos para pensar uma identidade fronteiriça*. Tendências da Comunicação 4, Porto Alegre: Ed. L&PM e RBS, 2001, p. 106 – 117

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. La audiencia frente a la pantalla. In: LIMA, Felafacs, nº 30. *Dialogos de la comunicación*, 1991. p.55-63

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 1996.

PERUZZO, Cicilia Maria K. Globalização da mídia e a comunicação comunitária. *Revista Interfaces*. Vitória: UFES, março de 1996.

SAID, Edward W. *Orientalismo – O oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SAMPEDRO, Victor y MAR LLERA, MARIA DEL (eds). *Interculturalidad: interpretar, gestionar y comunicar*. Barcelona: Bellaterra, 2003.

SPRANDEL, Márcia. Migrações internacionais e a sociedade civil. In: BERQUÓ, Elza (Org.) *Migrações internacionais – contribuição para políticas*. Brasília: CNDS, 2001. p. 547 – 562

TRAQUINA, Néilson. *O que é jornalismo*. Lisboa: Quimera Editores Ltda, 2002.

VAINER, Carlos B. Deslocados, reassentados, clandestinos, exilados, refugiados, indocumentados... as novas categorias de uma sociologia dos deslocamentos compulsórios e das restrições migratórias. In: BERQUÓ, Elza (Org.) *Migrações internacionais – contribuição para políticas*. Brasília: CNDS, 2001. p. 177 –184

ZYGMUNT, Bauman. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. R: Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.